

REVISTA DA SEMANA

Nº 43 — 1-11-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil



ALIAS BAROTADA.

**ESCREVA A PAPAI NOEL
GANHE O SEU PRESENTE**



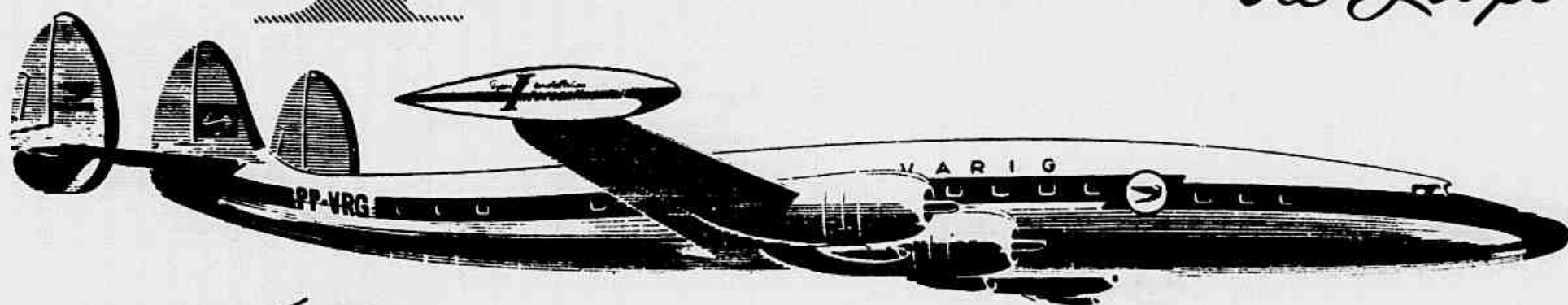
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — Nº 43, Rio, 1-11-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

A CAPA

Crianças (ektachrome Victor Tapajós)

REPORTAGENS

Semana da Asa	5
Como nos filmes de Hollywood	8
A Lua levou só um susto	11
Maracanã e IBGE contaram os votos (devagar)	20
As horas inquietas do Mundo	44
A Festa do Círio	46
Olhos invisíveis ajudam a segurança do voo. ..	60

SOCIAIS

As verdades de Mariasinha Maranguape	16
Kaleidoscópio	25

NOVELA

Os galhos do Cedro	29
--------------------------	----

A COMÉDIA HUMANA

Falando de .. Museus ..	32
-------------------------	----

CONTO

O Filho Mais Velho	40
--------------------------	----

CINEMA

Ingrid depois do Exílio	51
-------------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	55
----------------	----

SEÇÕES

A Revista há cinquenta anos	17
Palavras Cruzadas	18
Modas	36
Literatura e Arte	38
Puxe pelo cérebro	50
Humor (Mauro Ivan)	58
A Semana deixou também essas lembranças ..	64

CRÔNICA

Em louvor da criança	59
----------------------------	----

E são ainda as crianças, que imperaram durante a semana que passou — a sua semana — que a RS apresenta na capa do presente número. Neusa e Maria das Graças, que brincam na foto, representam por nossa conta (e orgulho) a alegria da meninada brasileira.



CONTATO

A “Semana da Asa”, a já tradicional promoção anual com que o Ministério da Aeronáutica comemora a vitória de Santos Dumont com o “mais pesado”, revestiu-se, este ano, de brilhantismo. Houve diversas homenagens prestadas — conferências, exposições, discursos ao pé do monumento ao Pai da Aviação, festa da mocidade no Maracanã. Infelizmente, o mau tempo prejudicou o show aéreo a ser realizado nos céus de Copacabana, no sábado à tarde, pela aviação comercial, e transferiu o segundo, no domingo de manhã — pela militar. E um triste acidente, ocorrido durante as demonstrações efetuadas no sábado pela manhã no Campo dos Afonsos, veio dar um toque trágico às comemorações: a morte do cinematografista Ortiz Alexim, decapitado por uma asa de um avião da esquadrilha da fumaça, ao levantar voo.

A lua levou só um susto” — é o título da atualíssima reportagem com que Maurício Caminha de Lacerda comparece no presente número. A propósito do lançamento do último foguete americano, agora com destino bem mais ambicioso — a lua — apresenta o repórter a situação em que se encontram os Estados Unidos no setor dos foguetes estratosféricos — através de mais essa experiência — nova fase do grande salto na direção do desconhecido com que sonha o engenho humano.

ESCREVA uma carta a Papai Noel e ganhe o seu presente de Natal. Para demonstrar o seu interesse em defender as justas aspirações das crianças — que querem brinquedos e não discursos, como explicamos em reportagem publicada em nosso último número — decidiu a R.S. criar a “Caixa Postal Revista da Semana”. Isto significa que a criançada poderá, este ano, escrever a Papai Noel, aos cuidados da R.S., dizendo o que prefere receber no Natal. As melhores cartas serão premiadas com brinquedos espetaculares: bicicletas, lambretinhas, aeromodelos, bonecas, cineminhas, patins — toneladas de surpresas. Nossos pequenos leitores do Rio e dos Estados — todos poderão concorrer. Leia as bases da “Caixa Postal” às páginas 4 e 5, garotada! Lápis em punho, e vamos às cartas!

NO segundo domingo de outubro realiza-se em Belém do Pará, anualmente, uma das festas mais famosas de todo o Brasil: a procissão do Círio. Para tal procissão, em honra de Nossa Senhora de Nazaré, acorrem multidões em autênticas romarias não só dos mais longínquos rincões da Amazônia, mas de todo o Brasil. A R.S. oferece, neste número, completa reportagem do que é esse desfile grandioso, que modifica completamente o ambiente tranquilo daquela capital do extremo norte, exibindo, para todo o país, a magnificência dessas comemorações — impressionante manifestação de fé popular.

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.



TEMPO ENFARRUSCADO ACABOU COM SHOW AÉREO

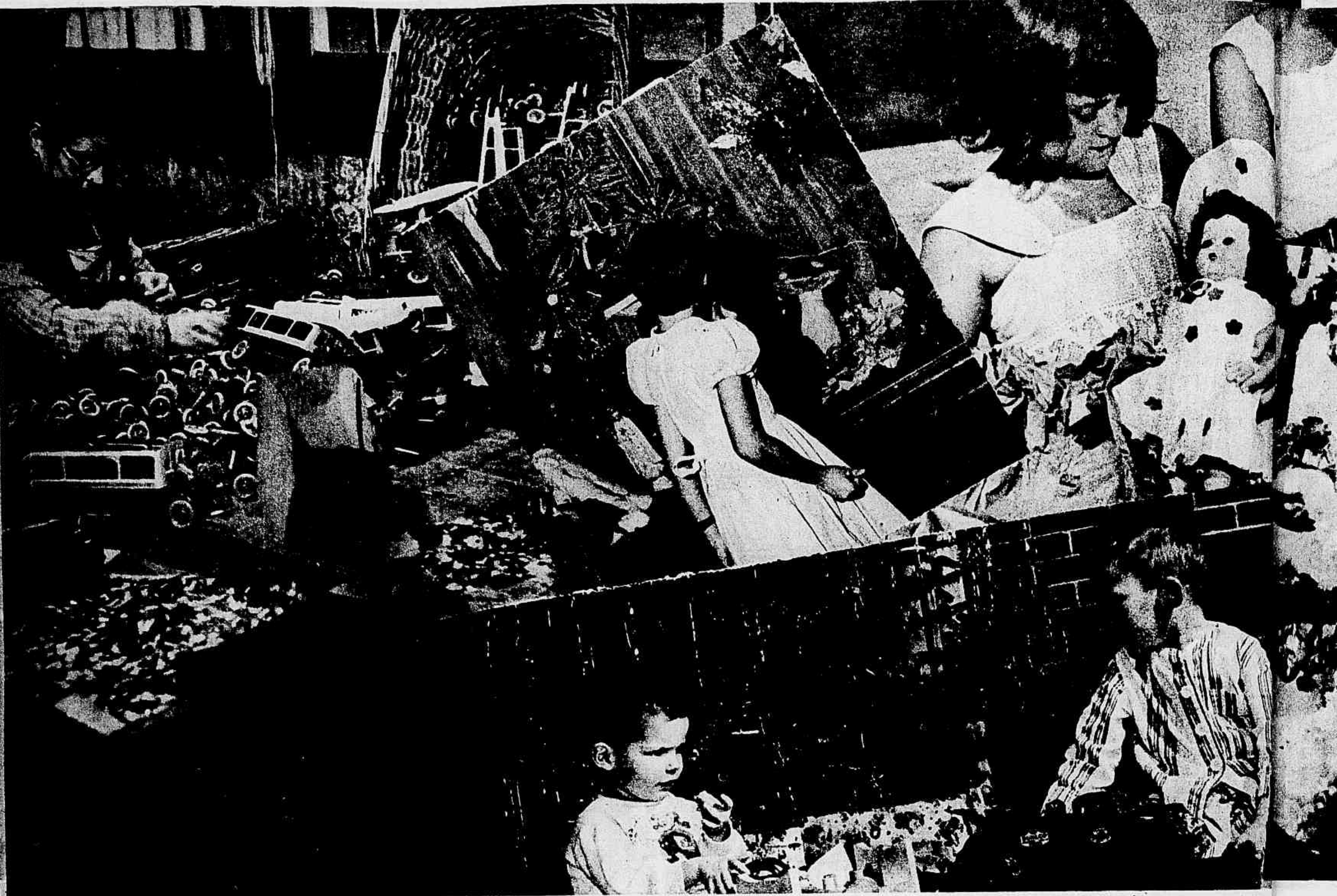
COMO PONTO CULMINANTE das comemorações da Semana da Asa foi programado para sábado e domingo passados, um grande (e gratuito), "show" aéreo. No sábado, o vasto palco dos céus de Copacabana seria aberto aos aviões civis e, no dia seguinte, os aparelhos militares lá mesmo mostrariam suas habilidades.

Pelas 14 horas de sábado uma multidão já se juntava nas calçadas, terraços, varandas e janelas da Avenida Atlântica, pronta para gozar o espetáculo. Surgiu a primeira vedeta do **show**: um dos "Viscount" presidenciais. Suas diabruras consistiram em passar três vezes frente às autoridades (que estavam perto do Copa) desligando sucessivamente seus motores. Na terceira passagem o "Viscount" voou a baixa altura, com apenas um de seus motores em funcionamento, dando uma demonstração de sua fortaleza voadora.

Quando todos aguardavam o segundo número — depois de um começo que prometia — surgiu o mestre de cerimônias: um helicóptero do Serviço de Buscas. Desceu ele à praia, e um de seus tripulantes levou uma mensagem até às autoridades presentes. O Brigadeiro Dario Azambuja, diretor da Aeronáutica Civil leu-a, tomando conhecimento das condições atmosféricas da tarde. E decidiu cancelar o espetáculo. E pelas 16 horas já caía forte chuarada, que adiaria, inclusive, o "show" militar do domingo.

Para dar uma satisfação ao "distinto público", o helicóptero mensageiro, antes de partir, deu uma rápida demonstração do treinamento de buscas, baixando um homem à uma lancha e recolhendo-o a seguir. O melhor da festa, do civil e do militar, ficou para esta semana. A população carioca vai torcer pelo sol de "week-end".





ATENÇÃO, GAROTADA:

ESCREVA UMA CARTA A PAPAI NOEL E

NO PRESENTE NÚMERO, dedicado à criança — cuja data comemorativa transcorreu no dia 12 de outubro — a REVISTA DA SEMANA lança as bases de sensacional competição entre a garotada brasileira:

- SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JÓGO DE ARMAR.

- VOCÊ PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta, juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta fôr boa, mesmo, você ganhará um presente cem por cento!



L E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL

8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

Idade Colégio

Série que frequenta

Residência

Cidade Estado

A «CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.

COMO NOS FILMES DE HOLLYWOOD



Felicitas foi às tribos da Amazônia buscar inspiração para novas danças. E aconteceu o inesperado: apaixonou-se pelo guerreiro Ibiry.

CERTO DIA, quando estava sentada à janela de seu apartamento situado na rua Constante Ramos, em Copacabana, Felicitas, a conhecida bailarina e coreógrafa pensou que bem poderia passar um período entre os índios do Amazonas. Ao mesmo tempo pensou (uma vez realizada a viagem) na possibilidade de trazer para os palcos civilizados novas danças, novas coreografias e, conseqüentemente, novas sensações visuais.

Assim, tão logo acabou de antever tais possibilidades, Felicitas colocou-se a trabalhar para que a idéia não se perdesse dentro de uma série de justificativas que seu cérebro por certo colocaria em gestação; e para se livrar também dos conselhos de amigos e de parentes que, sem dúvida alguma, procurariam fazê-la desistir de tão estranha e arriscada aventura.

Rapidamente Felicitas preparou-se para a viagem ao desconhecido. Embarcou para Belém do Pará; depois foi até a foz do rio Amazonas e de lá desceu direção às tribos selvagens. A viagem foi dura, áspera, granítica, mas a moça não se desesperou. Tanto é verdade que ficou seis meses e dias; quase sete meses entre os xavantes. Assistiu as mais variadas danças; fez apontamentos; estudou com cuidado suas coreografias; fez fotografias e fez grandes amizades com homens e mulheres de todas as tribos por onde passou.

Felicitas contou ao repórter que muitas vezes participou das danças indígenas trajando as mesmas vestimentas exóticas e, às vezes, somente uma tanga de folha de palmeira. Comia os mesmos preparados. Foi, portanto, assim nesta vivência que o inevitável aconteceu: Felicitas apaixonou-se pelo guerreiro xavante Ibiry e pelo mesmo foi correspondida.

Agora, depois de escrever um livro sobre as danças indígenas do Brasil e de estar terminando a história de sua vida entre os silvícolas para uma revista francesa (ela é alemã de nascimento; criou-se em Niterói), vai voltar definitivamente para as selvas e vai desposar seu guerreiro xavante. Tudo como ficou combinado antes de seu embarque de volta à civilização.



A bailarina braca



Alca vai casar com o xavante Ibiry

Reportagem de AOR RIBEIRO



Seis meses entre os xavantes, participando de seus costumes, deram à mulher branca nova visão da vida. E resolveu preferir a selva à civilização.

O repórter perguntou à Felicitas se o casamento com o tal guerreiro xavante não seria um grande golpe de publicidade. Felicitas respondeu que não. E contou que já viajou toda a Europa; conhece toda a América Latina e já apresentou seu exótico ballet em quase todos os palcos do mundo. Agora está cansada. Afirmou também que gostou imensamente da vida entre os índios porque a vida calma, sem atribulações e em contato direto com as forças da natureza bruta, encontrou eco de tal forma no seu espírito que, ao primeiro contato com as selvas, sentiu que seria difícil voltar à civilização. Tinha porém uma série de compromissos a saldar no Rio; inclusive alguns de interesses monetários e que se não fossem por ela solucionados, outras pessoas iriam sofrer as consequências de sua aventura.

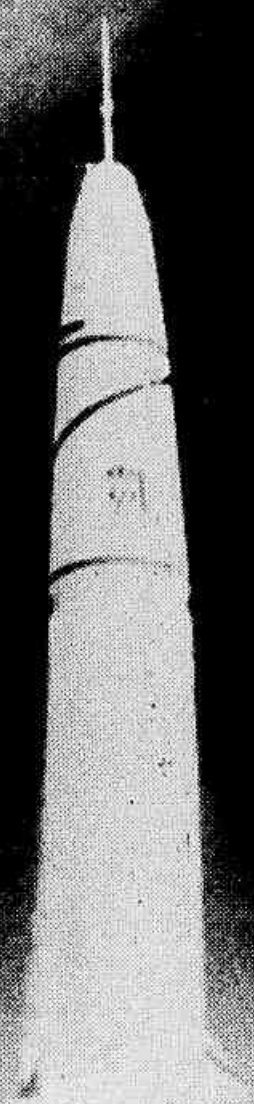
Felicitas conta como nasceu o amor entre ela e o guerreiro Ibiry: o índio sempre a acompanhava nas caçadas e nos passeios que ela fazia distante da taba, isto todos os dias e às vezes à noite. O índio Ibiry parecia uma criança, tal o cuidado que tinha para com ela. Com o passar dos dias não podia mais ficar sozinha; ia procurar o guerreiro selvagem onde ele estivesse para passear e disto tudo nasceu um amor tão forte que ela mesma foi pedir ao pagé licença para desposar Ibiry (agora falta a licença das autoridades). O pagé mandou chamar o guerreiro, e perguntou se o mesmo aceitava a mulher branca como esposa. Diante da resposta afirmativa, foi-lhes dado o consentimento.

Conta a conhecida bailarina Felicitas que seu noivado exótico foi muito feliz, com viagens de canoa ao longo dos rios caudalosos, com caçadas perigosas onde seu guerreiro demonstrava toda a sua perícia no manejo do arco e da flecha.

Depois, para tristeza geral da tribo, Felicitas se despediu para a viagem de volta, deixando, porém, com o pagé, o compromisso moral de voltar com a maior brevidade possível. Agora que já escreveu o seu livro de danças e que já está no final da história de sua vida, Felicitas prepara-se para voltar para as selvas em caráter definitivo e, conseqüentemente, para os braços de seu guerreiro xavante Ibiry, de dois metros de altura.

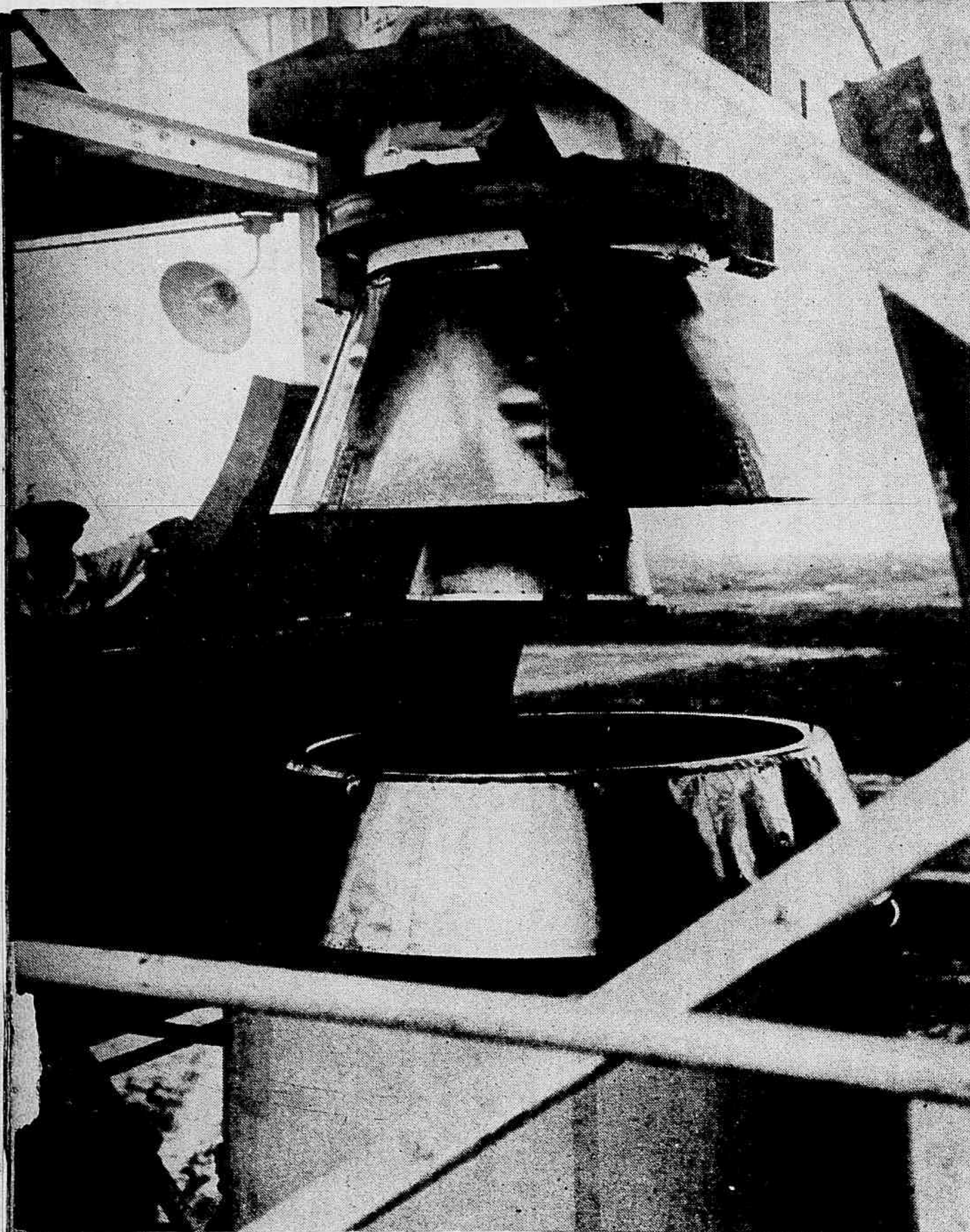
Ela mesma é quem afirma que, se puder passar o resto de sua existência entre "aquelas crianças", será a maior felicidade que Deus lhe dará depois de uma juventude cheia de trabalhos, sacrifícios e decepções. E completa categórica: "Vou para que ninguém não mais saiba notícias de mim; vou para não voltar nunca mais".

RECORDE DE ALTITUDE — A Lua ficava logo ali.



A LUA LEVOU SÓ UM SUSTO

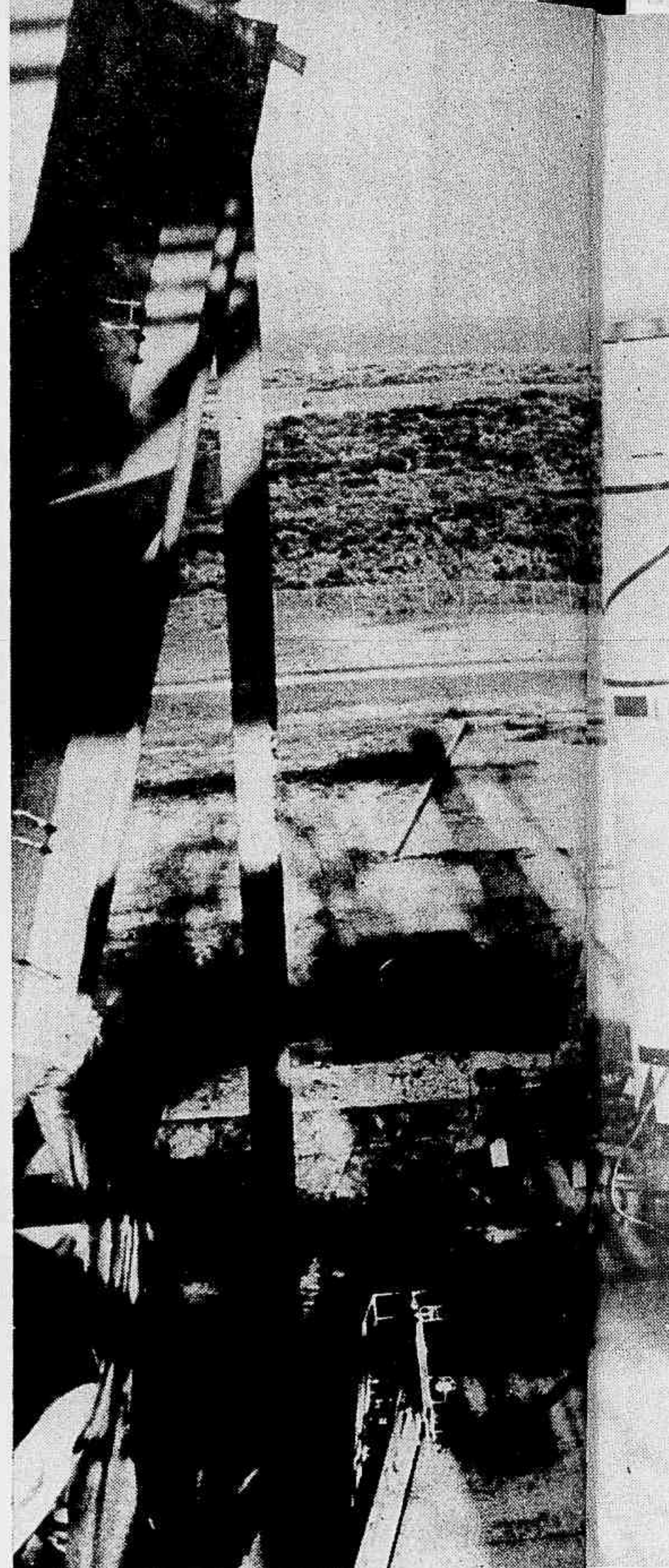
MAURÍCIO CAZENHA DE LACERDA



SATÉLITE NA OGIVA — É a operação mais fácil.

ENQUANTO BRINCAM de ver quem chega mais perto do satélite (natural) da Terra, russos e americanos ultimam ativamente preparativos para realmente atingir a Lua em primeiro lugar e colocar em torno dela um satélite (artificial). Os americanos já levaram a efeito duas experiências (malogradas) de lançamento de projéteis espaciais; hoje este repórter publica em primeira mão, na REVISTA DA SEMANA, fotos e pormenores inéditos da construção e montagem desses foguetes, inclusive o que foi disparado há dias e que chegou a vencer a camada atmosférica, a ela retornando, contudo, a uma velocidade de 10 327 quilômetros por segundo, fundindo, pelo calor do atrito, como um meteoro. Os russos também fracassaram nas quatro tentativas que fizeram em segrêdo. Agora, ambos anunciam que insistirão, com engenhos bem mais poderosos, antes do fim do ano em curso. Mas em que pé andam, então, URSS e USA nesse esforço, que constituirá o mais arrojado projeto da ciência humana? Passem aos tópicos seguintes.

ESTADOS UNIDOS — As mais recentes tentativas de lançar um foguete experimental à Lua foi dirigida pelo Departamento de Pesquisas avançadas e Força Aérea, valendo-se de um foguete de três estágios, que colocaria na órbita lunar um satélite de cerca de quarenta quilos. O foguete que se sucederá em novembro conduzirá outro satélite do mesmo peso, combinando alguns dos projéteis norte-americanos mais conhecidos. Na fase inicial, entrará em ação um projétil **Thor-Afle** balístico de alcance intermediário; na segunda, um modelo do foguete **Vanguard**, com ligeiras

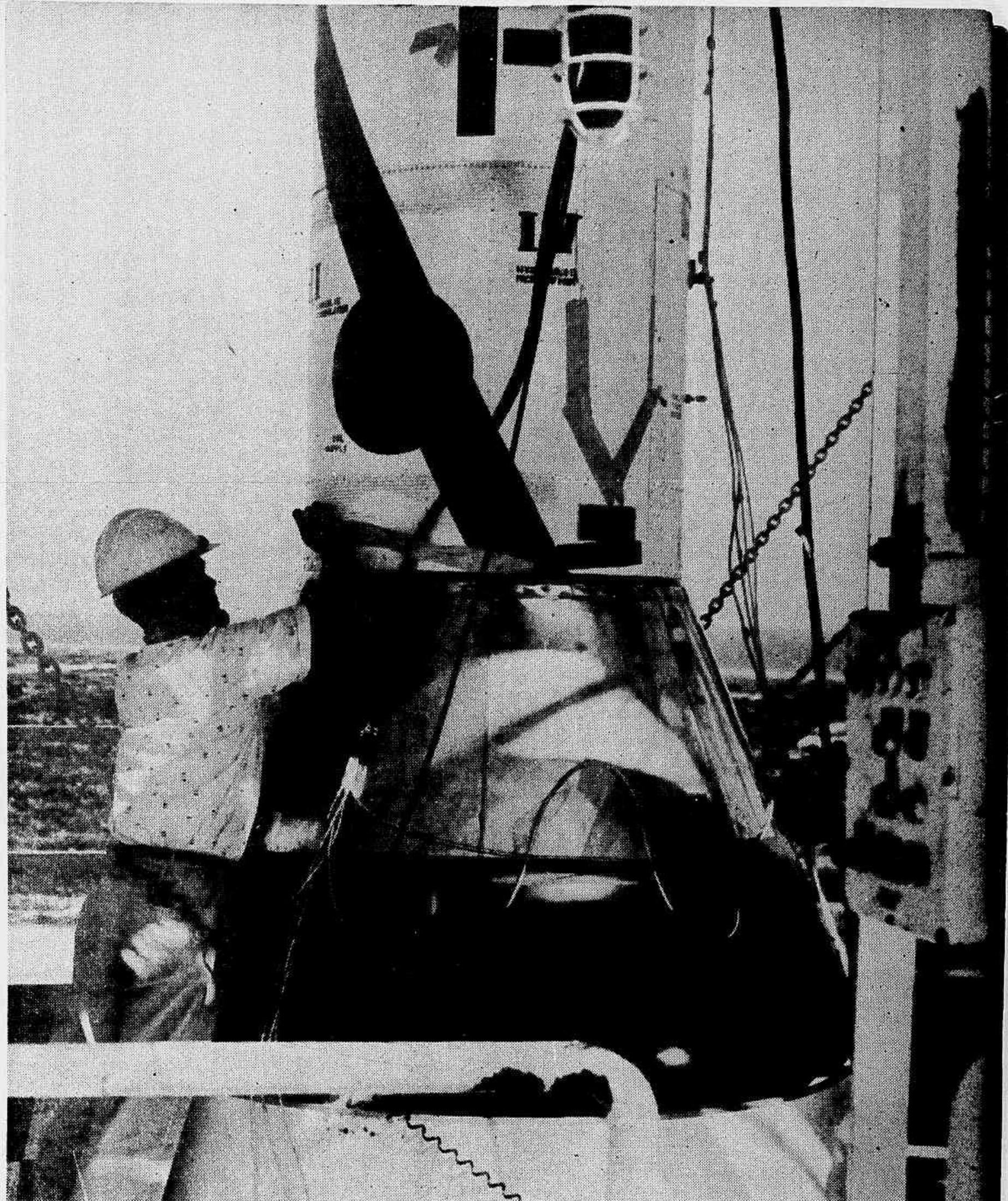
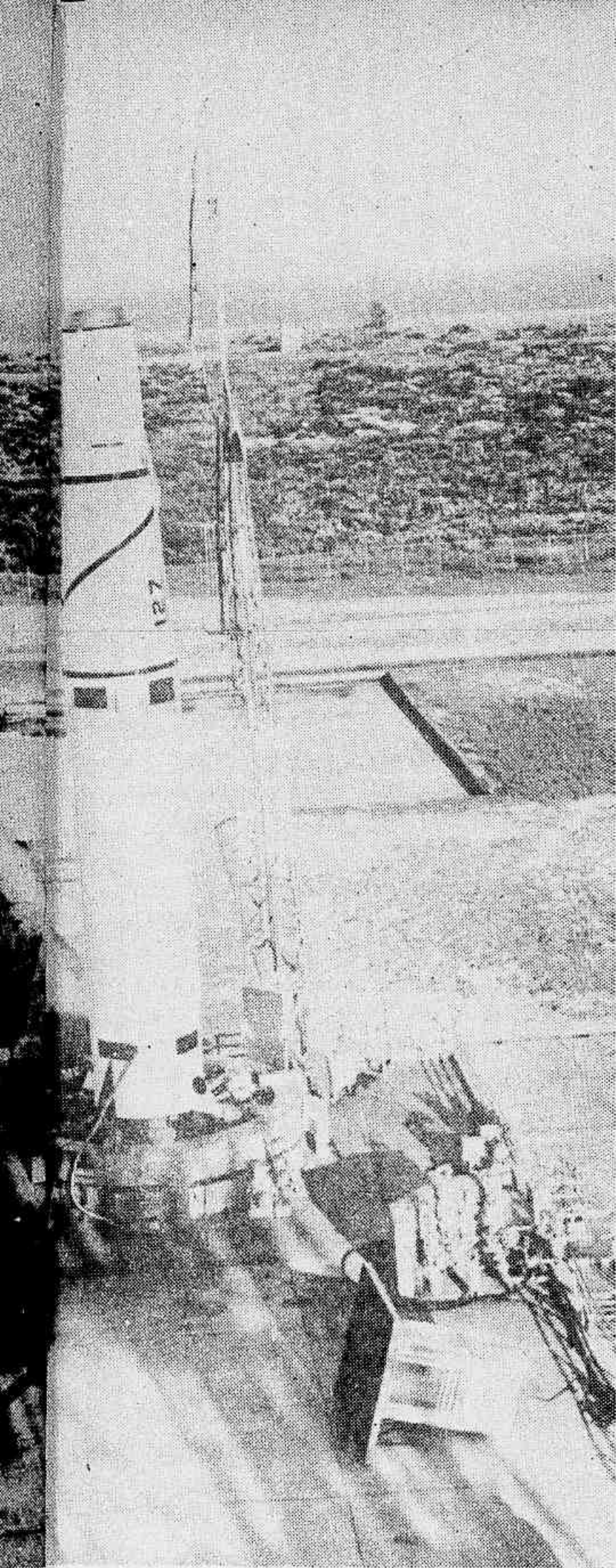


MONTAGEM DO PROJÉTIL LUNAR —

modificações; e na terceira, um foguete de combustível sólido. Além desses três estágios, o conjunto transportará uma ogiva com instrumentos científicos e combustível sólido, que formará o satélite artificial propriamente dito; entre outros aparelhos disporá de instrumentos para medir os campos magnéticos da Lua e da Terra, uma câmara especial foto-elétrica e uma minúscula estação de televisão.

RÚSSIA — Pretende lançar (desta vez publicamente) dois foguetes também até novembro: um visando o território lunar e outro que "contornará o satélite antes de regressar à Terra". Esses foguetes terão instrumentos capazes de medir a massa da Lua e seu poder de condutibilidade de calor e eletricidade; transmitirá pela televisão informações a respeito da face da Lua jamais vista da Terra. Outros aparelhos estudarão a superfície lunar e as condições de descida ali. Os dois foguetes possuirão, como os americanos, três estágios, reproduzindo, aliás, aqueles que colocaram em suas órbitas os **sputniks**.

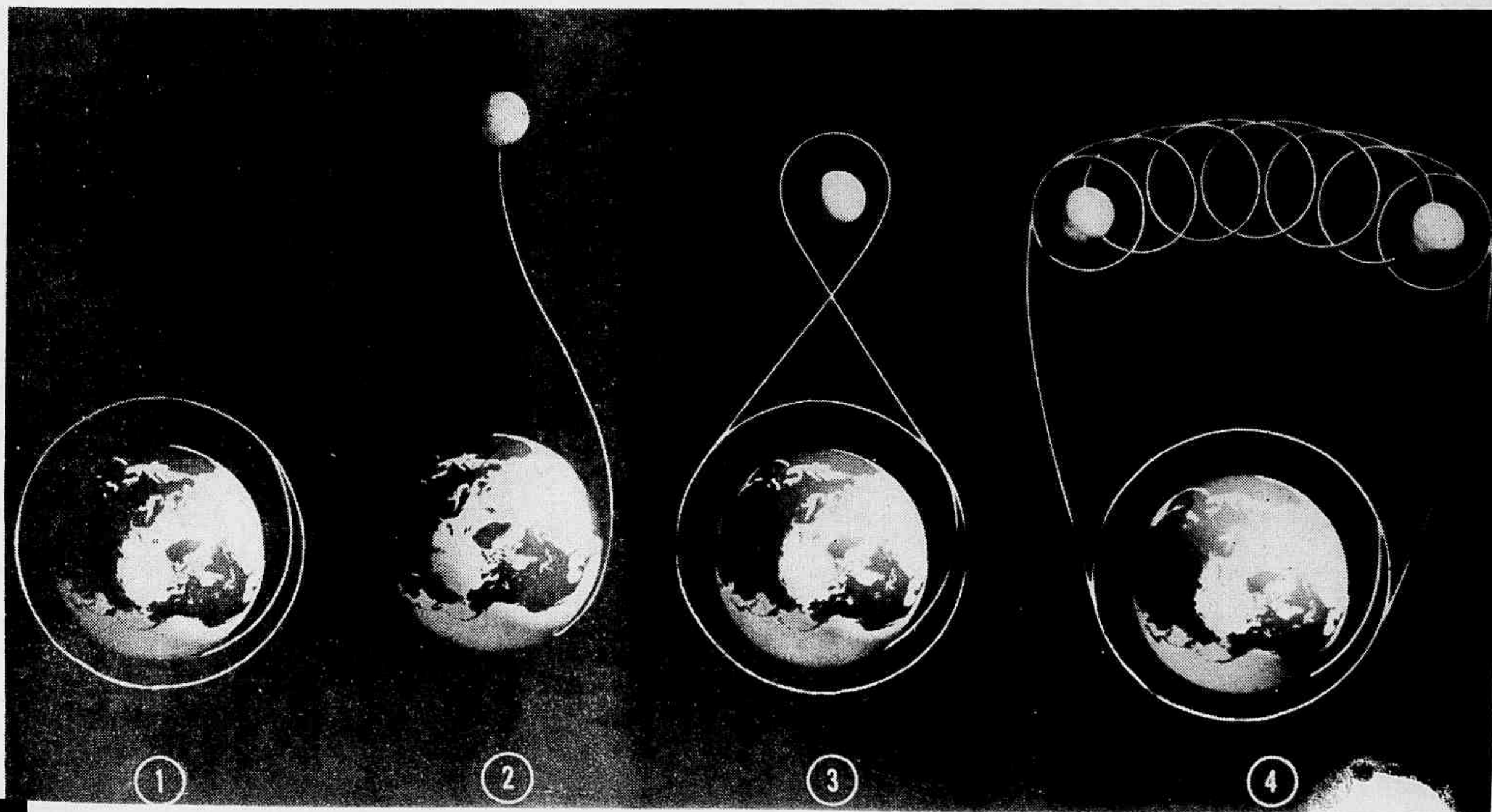
Ponto de vista do sr. Roy W. Johnson, diretor da Agência de Pesquisas Avançadas dos Estados Unidos: "Embora a experiência com o foguete **Pioneer** não tenha atingido o seu principal objetivo, pode ser considerada uma vitória. O novo recorde de altitude estabelecido pelo **Pioneer** apresenta, entretanto, considerável importância para a continuidade da evolução da técnica dos foguetes e, bem assim, para preparar as futuras viagens do homem através do espaço."



Outra experiência em novembro.

AJUSTE FINAL — O homem (por enquanto) não irá

LUA E FILHOTE — Trajetória idealizada para o satélite americano lunar.



Ponto de vista do sr. Vitaly Bronstein, conselheiro do Planetário de Moscou: "Ao que parece, os motores do **Pioneer** não foram suficientemente grandes para dar-lhe a velocidade necessária, de 11,1 quilômetros por segundo. De resto, cálculos errôneos ocasionaram uma falsa trajetória."

PLANO EM ALGUNS ITENS

Os russos não divulgaram, ainda, os dados relativos aos seus foguetes lunares. Os meios científicos ocidentais, porém, acreditam que, de uma forma ou de outra, eles sejam semelhantes aos dos norte-americanos, exceto quanto aos combustíveis em que a Rússia levaria considerável vantagem graças ao novo tipo empregado para o lançamento dos **sputniks**. Eis, em itens, o foguete **Pioneer**, que em novembro atravessará o espaço:

1 — Pesará 40 quilos e conterá instrumentos pesando 12 quilos.

2 — Essa aparelhagem objetiva fornecer as primeiras imagens televisionadas da Lua, informar os cientistas sobre as "barreiras de radiações", extremamente perigosas para viagens de foguetes tripulados pelo homem.

3 — Sua velocidade de marcha: 25 mil milhas ou 40 mil quilômetros por hora, velocidade calculada pelos cientistas como devendo ser a que lhe permitirá instalar-se numa órbita da Lua, aproximadamente 52 horas depois do seu lançamento.

4 — Essa órbita deverá situar-se a menos de 80 mil quilômetros da superfície da Lua.

5 — As baterias incumbidas de alimentar os aparelhos de emissão permitirão seu funcionamento durante duas semanas aproximadamente. Todavia, os técnicos americanos julgam que obterão notável sucesso ao receberem informações durante uma semana.

5 — O foguete será orientado para um ponto situado aproximadamente a 220 mil quilômetros na frente da Lua sobre a trajetória que normalmente segue esse satélite.

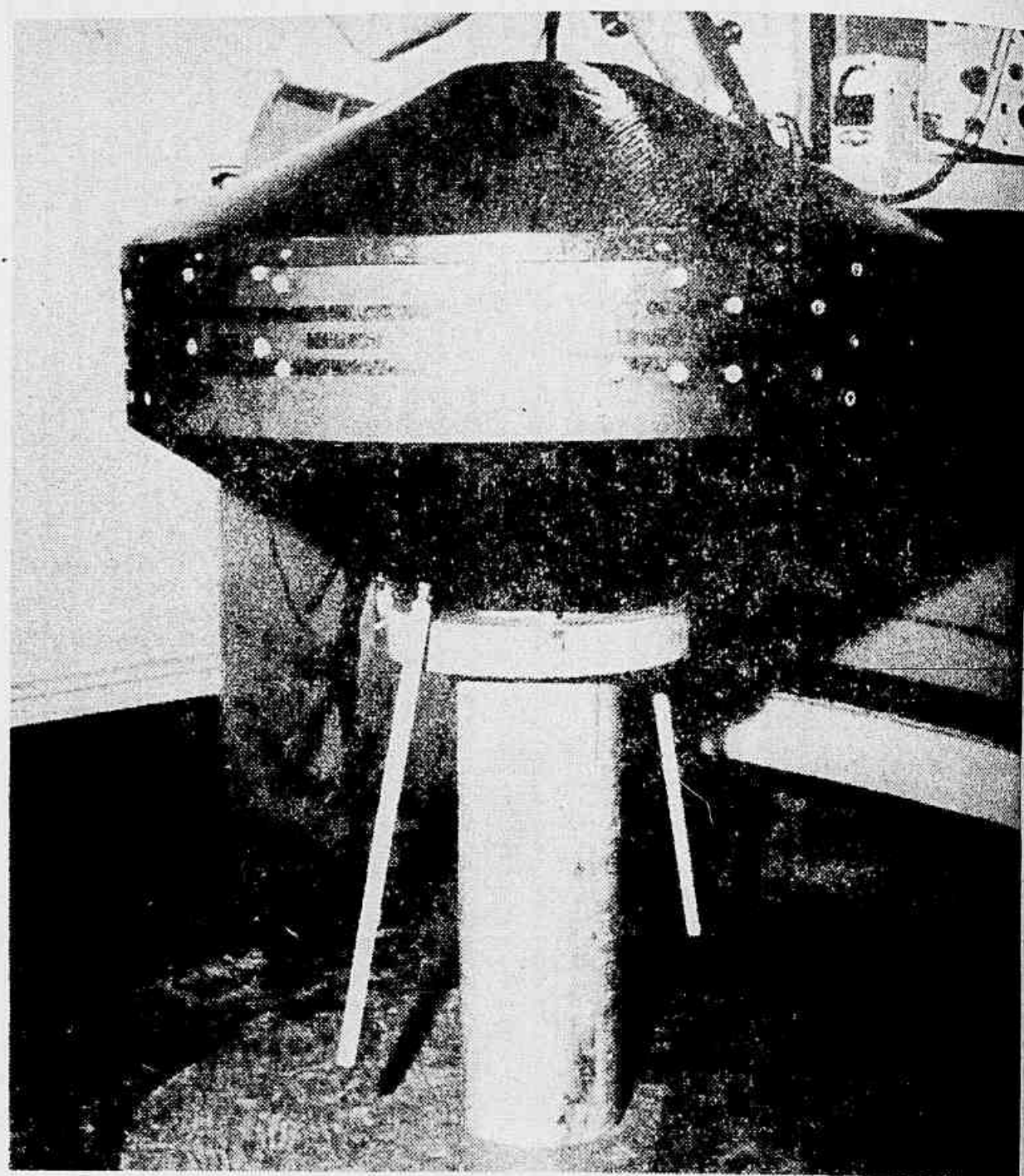
6 — Uma órbita circular ou parabólica do foguete constituirá evidentemente o objetivo teórico dos americanos, que trabalham com o sr. Louis Dunn, diretor geral do "Space Technology Laboratory" em Los Angeles. Não se exclui, todavia, novo erro de cálculo (como sucedeu com o **Pioneer** de Cabo Canaveral). Verificando-se esse erro ou se acontecerem incidentes mecânicos durante o vôo, o foguete escapará totalmente ao campo de gravidade da Terra e se perderá no Cosmos. "É possível assim que o engenho atinja a ionosfera, mas não à velocidade ou à altitude requeridas. Enfim, uma explosão ou um desvio à baixa altitude não são também imprevisíveis, a exemplo das tentativas anteriores."

7 — O foguete possuirá uma ogiva cônica, na parte extrema, onde se alternarão faixas de tinta azul e preta. Seu diâmetro: 72,5 centímetros. Entre seus instrumentos figurarão osciladores, amplificadores, microfones e emissores radioelétricos. Do cone, partirão dois braços de uma antena de telemetria. Os emissores, alimentados por baterias químicas, podem funcionar sobre uma frequência de 108.06 megaciclos, embora nenhuma emissão possa ser captada se, prosseguindo em seu vôo livre no espaço, fora da vizinhança da Lua, o engenho escapar aos 14 postos de observação que serão assestados sobre sua trajetória.

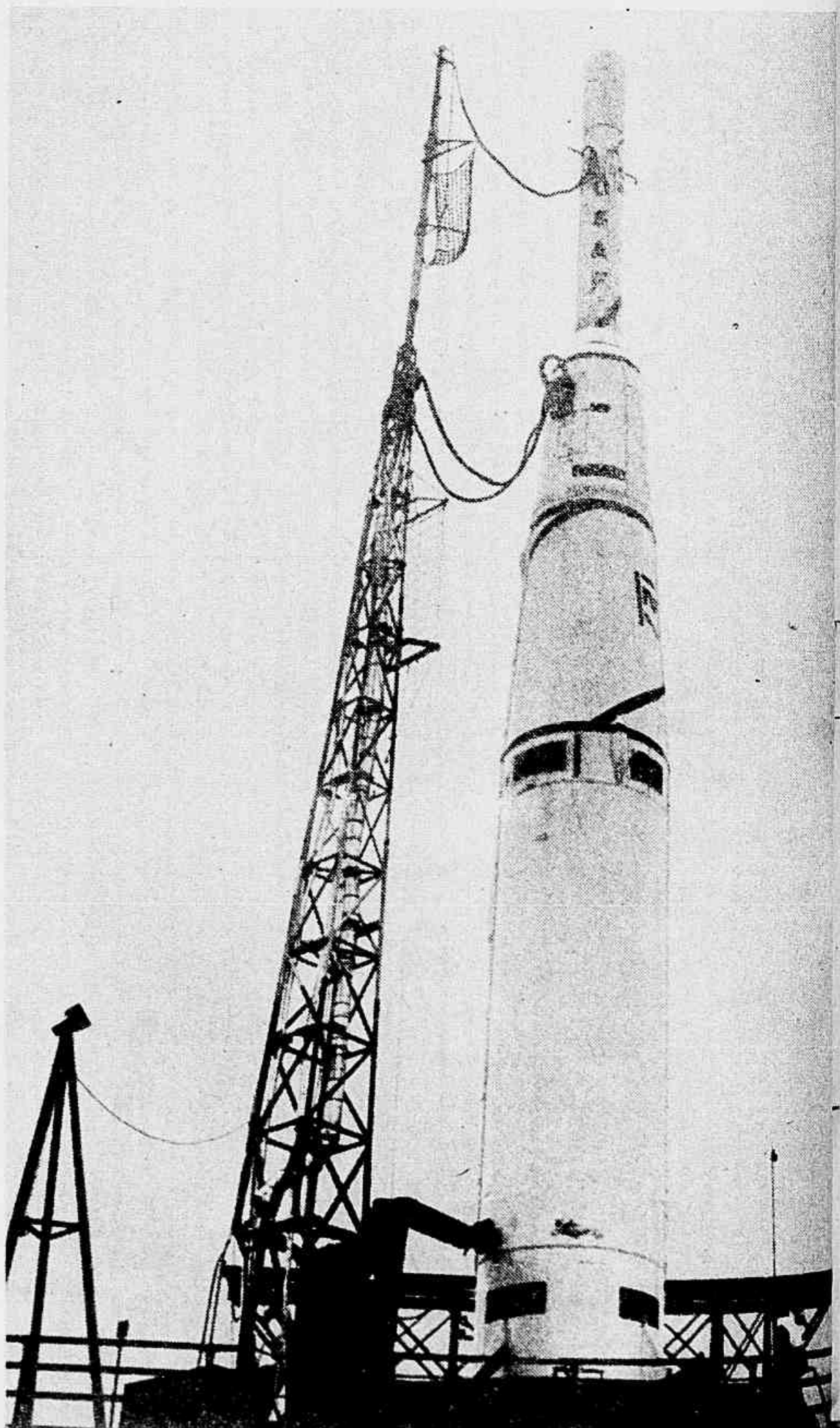
8 — A haste do chamado "cogumelo" será um foguete **Tichol** a carburante sólido, com impulso de 3 mil libras, tendo por missão frear a queda livre do foguete em direção à Lua, quando a tração desta última substituir a da Terra e desviá-lo de maneira a pô-lo numa órbita lunar.

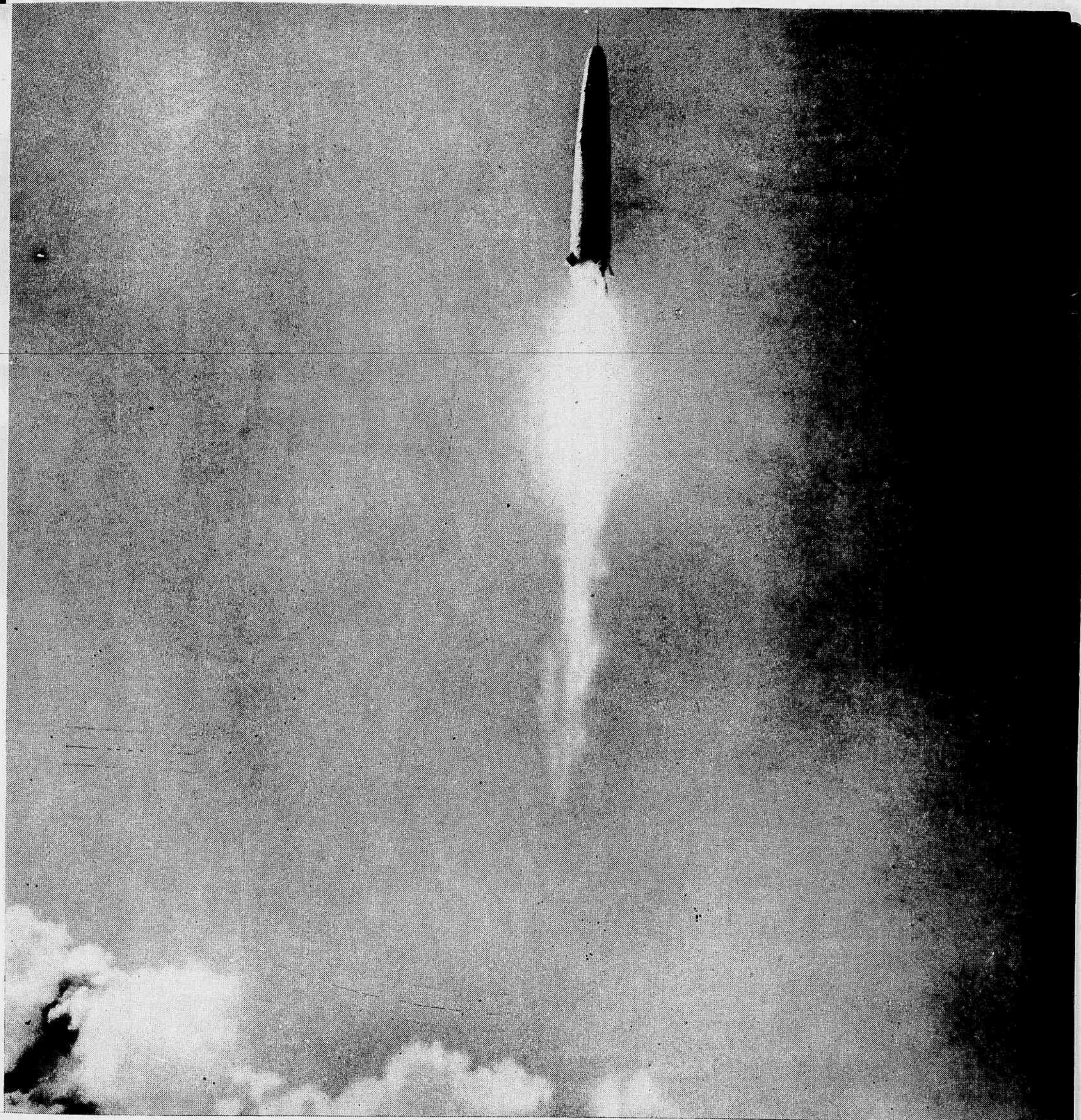
8 — O retro-foguete será acionado por um botão, diretamente da Terra, no momento escolhido.

9 — Como o **Pioneer**, o novo foguete será esterilizado por meios químicos, antes de seu lançamento. "Essa esterilização", explicam os cientistas, "será aperfeiçoada pelas radiações procedentes do Sol durante a viagem". Existe uma teoria — a famosa teoria de Arrhenius — segundo a qual a vida não fez o seu aparecimento na Terra com base em elementos que nela já se achassem, mas em outros que para ela foram trazidos sob a pressão da luz e sob a forma de germes que as radiações do espaço não destruíram. Esses germes, em estado de dissecação, teriam recobrado a vida em condições favoráveis. É para apurar ou desmentir essa teoria que o foguete lunar receberá esterilização prévia, a fim de que nenhum germe terrestre chegue à Lua no caso em que o foguete a venha tocar e desde que, natural, retorne à Terra.



AQUI ficam os instrumentos científicos.





FOGUETE "PIONEER" — Foi mas não chegou.

10 — Trecho de relatório dos cientistas do posto de Cabo Canaveral: "Os ajustes necessários para aumentar a velocidade do foguete, bem como para garantir o melhor funcionamento do estabilizador giroscópico regulador do ângulo de ascensão, podem ser feitos sem grande dificuldade. Pelo menos nós já sabemos que o foguete por nós empregado pode realizar a missão".

CONTATO EM NOVEMBRO

"Se o programa aludido continuar com a intensidade atual", afirma o cientista Ernher von Braun, que colaborou no lançamento dos satélites artificiais americanos, "em novembro de 1958 teremos estabelecido o almejado contato com a Lua. Todavia, por alguns anos serão tão grandes os problemas de desembarque, que

as prováveis tripulações dos futuros foguetes se limitarão a sobrevoar a superfície da Lua, fotografando-a — quem sabe? — em cinemascópio."

Daí para a conquista efetiva restará um passo. Como outro passo será alcançar o maior dos planetas, que é Júpiter — de onde os antigos acreditavam que emanara o sentido da Justiça, — ou o planeta menor, que é Mercúrio — deus do comércio e dos ladrões, não por minha culpa mas por perfídia mitológica.

Mas isso será para depois. Mesmo porque, por enquanto, a Lua não viu cheiro de foguetes nem foi violada pela presença humana. Com o lançamento do **Pioneer**, que percorreu um terço do seu caminho, ou 126 592 quilômetros de distância da Terra, e dos foguetes da URSS, que ninguém sabe até onde foram, terá levado apenas — um susto."

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

A REVISTA HÁ 50 ANOS

ABRE A REVISTA o presente número com o artigo ilustrado "Pourquoi Pas?" — em que se noticia a partida do barco do dr. Charcot do porto do Rio de Janeiro, rumo ao pólo sul:

"A estas horas — inicia o artigo — não temos mais entre nós o vulto simpático do pequeno mas forte navio que guarda entre os seus costados a expedição Charcot. Singra os mares em direção ao seu destino e dentro em pouco nos chegará certamente a notícia de que o "Pourquoi Pas?" cruza no oceano antártico os famosos icebergs, espantoso pavoroso para os que se aventuram por aquelas paragens."

"Não é esta a primeira viagem de Charcot por tão inóspitas regiões — prossegue a notícia — e por isso mesmo o destemido explorador sabe quais as dificuldades que terá de vencer, assim como conhece os impecilhos que terá de sobrepujar para levar a bom termo a sua arrojada tentativa e isto torna a sua personalidade e a de seus corajosos companheiros extremamente simpáticas. Em sua companhia, o explorador francês leva sua mulher — Mme. Charcot, que não trepidou em acompanhar seu marido em tão arriscada empresa. Os riscos são grandes e por isso mesmo a vitória será gloriosa."

"Durante a estada nesta Capital dos membros da expedição — prossegue a nota — muito se falou sobre expedições polares e julgamos a propósito publicarmos aqui alguns documentos referentes à expedição Nordenskjöld, que precedeu à presente, e cujo insucesso longe de desanimar o dr. Charcot veio ainda aguçá-lo a curiosidade e tornar mais firme o seu desejo de levar a cabo a mesma empresa que uma vez já tentou com o "Le Français" e que de outra destroçou a expedição sueca que ia no "Antartic". São documentos interessantes e que certamente despertarão a curiosidade dos nossos leitores. As gravuras hoje publicadas pela REVISTA DA SEMANA foram tiradas de cartões postais feitos na época e têm ainda o valor dos autógrafos que nêles se vêem, o que determina a autenticidade dos mesmos. Estes postais — termina o artigo — foram gentilmente cedidos à REVISTA DA SEMANA pelo sr. Phileto Bezerra, a quem foram dirigidos naquela época, 1904."

EM SUA CRONIQUETA — Por aqui e por ali — mostra-se Mendes Júnior decepcionado com a falta de novidades para registrar:

"Comentar o que? Uns crimezinhas muito vulgares ou muito reles, uma política sem ação, sem golpes, sem paixões, rasteira, servil e pequenina, uns boatos mais ridículos do que imbecis, uns telegramas que aqui nos chegam ou desvirtuados ou irrisoriamente aumentados, eis tudo o que se pode colher na maioria das semanas de um ano."

E prossegue, desalentado:

"O que se chama uma idéia, uma criação, uma novidade, dignas de serem postas em evidência, dignas de serem conhecidas ou comentadas, não existem entre nós, pela boa razão de que realmente não somos um povo criador, nem genial. Somos simplesmente um povo imitador dos outros, aproveitador muito deficiente das idéias importadas, incapaz de agir sem o agulhão da vaidade ou do orgulho, do amor próprio ou do ridículo de não possuímos o que possuem os vizinhos."

"Levantarmo-nos em um assomo de independência intelectual, — continua — inventarmos ou produzirmos algo de próprio, de muito nosso, de particular, que ainda não tenha sido tentado ou idealizado por outrem, é coisa que para o brasileiro parece impossível, simplesmente porque exige trabalho, porque implica a ação de pensar, de refletir, o que repele à nossa índole essencialmente preguiçosa e indolente. Isso é uma verdade bem dura de ser confessada, mas nem por isso deixa de ser de uma realidade entristecedora."



O dr. Charcot, no seu camarote, à bordo do vapor "Le Français", com o qual fez a sua primeira expedição ao pólo sul.

Domingo, 25 de outubro de 1958.

dora. Enquanto os demais povos, na luta incessante e árdua pelo progresso e pela vida, criam, inventam, descobrem, movimentam-se, em uma palavra, o brasileiro queda-se imóvel encolhido na sua casca de caramujo, imperturbável, esperando o momento em que, sem grande trabalho nem fadiga, possa tão simplesmente imitar e aproveitar do engenho de outrem... E uma vez apanhada a idéia e feita a imitação, sente-se orgulhoso e mostra, com satisfação igual ou maior do que a do criador. Reconheço que o clima e as nossas condições civilizadas têm sido o principal fator desta anomalia em um povo novo e que deveria ser forte, como o nosso; estes elementos, porém, combatem-se e vencem-se. Mas é que isto exige ação e trabalho, e nós somos... brasileiros... devemos ter paciência e esperar... para amanhã."

O NOTICIÁRIO internacional fala-nos da morte do General Nodzu, em Tóquio, e que "comandava o 4.º corpo do exército do Mikado na tremenda campanha russo-japonesa; a morte em Pau, na França, do político espanhol Nicolas Salmeron, ex-presidente da República e "últimamente chefe do partido da Solidariedade"; os festejos, em Lisboa, por ocasião do Centenário da Guerra Peninsular "e ipso-facto da restauração do governo nacional" em Portugal. Aqui na terra, é ainda a Exposição Nacional que tem a primazia nas notícias da Revista, focalizando-se, agora, o aniversário da descoberta da América — o 12 de outubro. Também a festa de N. S. da Penha merece, através de três fotos, as atenções da Revista.

UMA AUTÊNTICA conversa de botequim, o bate-papo que Mariazinha surpreendeu num boteco da Esplanada, dias atrás, quando os srs. Roberto Seabra e Francisco Eduardo de Paula Machado confabulavam junto ao balcão, em surdina, fingindo que tomavam um cafézinho ralo.

HOMEM CORAJOSO o nosso amigo Dante Viggiani. Numa época em que a chinesada ressuscita os romances policiais de Fumanchu, vimos o Dante circulando pela cidade cercado de chineses, em companhia do jornalista Moacir Werneck de Castro. E olhem que o Moacir como guarda-costas não vai lá das pernas...

A BAHIA elegeu um autêntico gentleman para a Câmara dos Deputados a 3 de outubro último: Miguel Calmon. Em compensação, o eleitorado renovou o mandato de alguns cafajestes que não estão absolutamente a altura das tradições da boa terra.

DUAS INSEPARÁVEIS amigas estão rompidas, por obra e graça do vício de uma arrumadeira. Explica-se: a criada de Madame A. joga diariamente no bicho. Sexta-feira passada sua patroa disse-lhe que sonhara com Madame B., indiscrição suficiente para que a empregada fizesse uma fêzinha no macaco. A tarde, não deu outra coisa. Madame A. achou uma graça imensa no fato e passou a novidade ao marido, o qual, por sua vez, contou o caso aos amigos, no Jockey. Domingo, três das espôsas desses maridos telefonaram a protagonista do sonho narrando o episódio, que terminou num memorável rompimento de relações. Conclusão: os mexericos estão entrando na era do jato.

ANDA DESESPERADO com o seu querido Flamengo o sr. Egberto Silveira, que se converteu no inimigo público n. 1 do Dequinha, a ponto de jurar que não mais assistirá aos jogos do clube se este jogador continuar no time. Os amigos do referido senhor, todavia, acham que ele é rubro-negro suficiente para se libertar desse sofrimento semanal...

TODO O CUIDADO que algumas senhoras tomarem com a Interpol será pouco. O aviso se endereça a certas turistas, especialistas em contrabandar, de memória e rabiscos, modelos lançados em Paris pela alta costura. A Polícia Internacional está agindo no mundo inteiro contra esta gatunagem elegantíssima.

CIRCULANDO NOVAMENTE pela praça o galã Antônio de Tefé, que saiu tão elegante quanto papai Manoel, com a vantagem de ser muito mais bonito. Da última vez que esteve no Brasil o jovem Tefé manteve um romance com a bailarina Jean Quick, hoje também na Europa. Quem será a escolhida desta vez?

ESTÁ MUITO BEM no espetáculo Ionesco, de Luís de Lima, a Camilinha Amado, que tão graciosamente se portara no Teatro em Casa, dos Perry, em seu debut teatral no Brasil. A verdade é que Amado quando se mete em alguma coisa nunca faz feio!

ESCOLHEU BEM o menino Luisinho D'Orey, que Mariazinha conheceu ainda de fraldas, na casa do seu avô, em Petrópolis. Nena Tavares além de bonita é um encanto de moça. Felicidade e uma lua de mel bem açucarada.

PERDENDO a Prefeitura de Leopoldina, sua terra natal, para um irmão do Ministro Clóvis Salgado, o deputado Carlos Luz sofreu mais do que na madrugada de 11 de novembro. Em proclamação ao eleitorado de Leopoldina, Carlos Luz se comparou a Churchill e garantiu que ainda voltará ao poder. Em Leopoldina, é claro...

O **SHOW DO COPA** só foi remontado porque Tio Otávio teve pena do Zilco, enterrado até as orelhas na produção, e do Oscar, que morrera com algum para a aventura. Apesar da injeção de óleo consuelo, o show continua meio roscofe...

LEMONOS NOS JORNAIS várias notas sobre a designação do vate Augusto Frederico Schmidt para integrar os 21, nos Estados Unidos. Será que o Schmidt foi nomeado encarregado de negócios do Brasil no Clube 21, de Nova Iorque? Mariazinha que não é doutora em política internacional, prefere ficar com a segunda e saltitante hipótese.

O **SIMPÁTICO** presidente da Panair, Manoel Guimarães, está se transformando num globe-trotter incorrigível. É o melhor cliente da companhia que dirige.

UM **GRUPO** de ilustres gastrônomos paulistas está inclinado a promover a importação do emérito mestre cuca Chico Wright, para um estágio de quinze dias na Paulicéia, ocasião em que respeitáveis bródios seriam programados, movimentando as mais famosas adegas bandeirantes.

VIROU LOCAL estratégico para os colunistas sociais a Casa da Banha, em Copacabana, segundo informação seguríssima que recebi. O movimento de senhoras da alta sociedade que ali se processa, diariamente, dá para encher folgadoamente duas ou três folhas de qualquer carnet. É uma verdadeira liquidação de grandes nomes, com grande queima de notícias...

FÊZ SUCESSO em Nova Iorque a juventude do colega Márcio Alves, vencedor do Prêmio Esso de Reportagem, brôto que surpreendeu aos jornalistas norte-americanos, os quais aguardavam a chegada de algum veterano escriba. Marie, a linda espôsa de Marcito, acompanhou o brilhante do marido.

SOCIEDADE



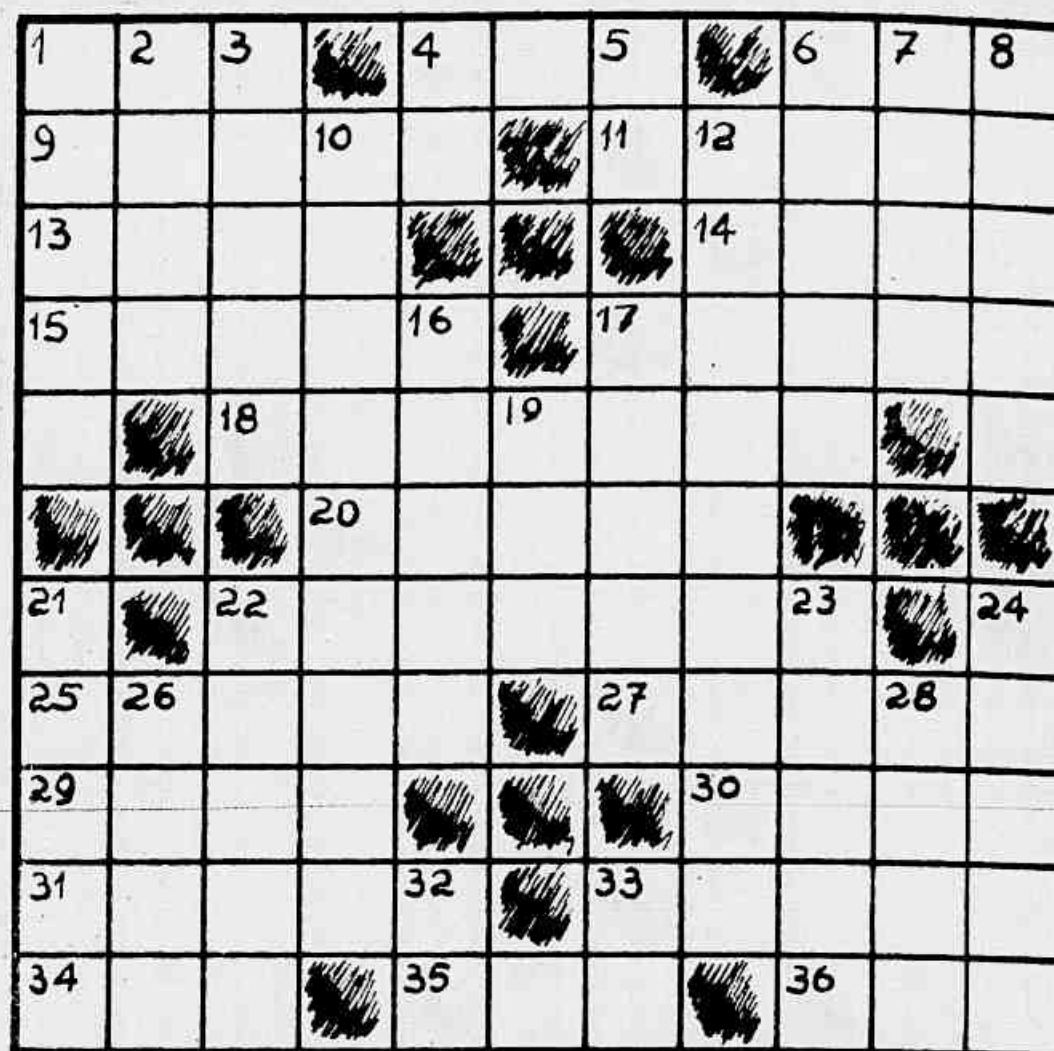
AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



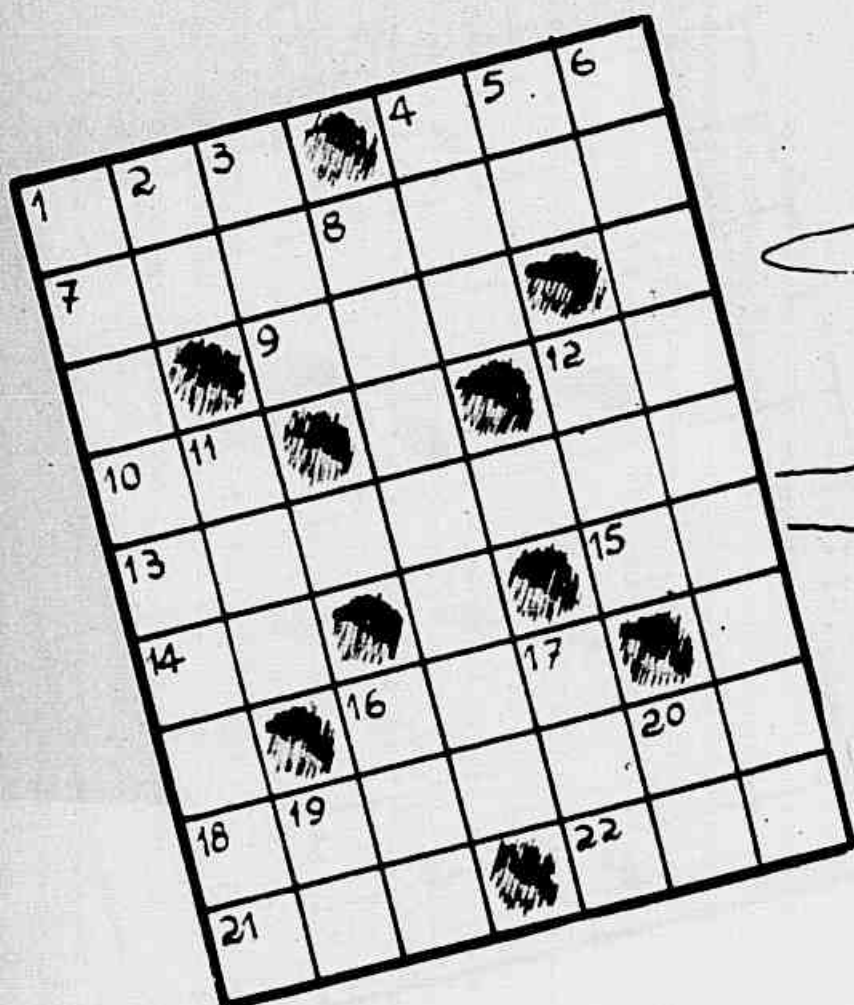
PROBLEMA N.º 56 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Língua malaio-polinésia, falada na ilha de Rotti e a leste de Java — 4. Motivo — 6. Dó-sustenido, na nomenclatura alemã — 9. Antiga medida de comprimento para panos (pl.) — 11. Parte do casco dos animais, entre a tapa e a palma — 13. Ferro agudo da lança — 14. Perto — 15. Que é só — 17. Cordilheira de montanhas entre a Europa e a Ásia — 18. Ninfas que presidiam aos bosques e montes — 20. Espécie de brida ou freio (pl.) — 22. Prisioneiro — 25. Pesca, batendo com os remos na água — 27. Sem solidez — 29. Papagaio de papel — 30. Que não tem talento (pl.) — 31. Choupana de índios do Brasil — 33. Bando; multidão — 34. Solitariamente — 35. Grande quantidade — 36. Contração plural.

VERTICAIS: 7. Exalação mefítica — 2. Erguem — 3. Gordura — 4. Pessoa notável — 5. Epiglote — 6. Supressão de um mal físico ou moral (pl.) — 7. Levantei — 8. Pedra que entra na construção de uma parede sem argamassa — 10. Importunar — 12. Prestimônio — 16. Restabelece — 17. Cidade da Itália — 19. Medida agrária — 21. Que custam sacrifícios — 22. Parteiras, em Goa — 23. Rogara — 24. Complicações — 26. Diz-se do pêlo vermelho-amarelado do gado — 28. Vento de Leste — 32. Brisa — 33. Piparote.



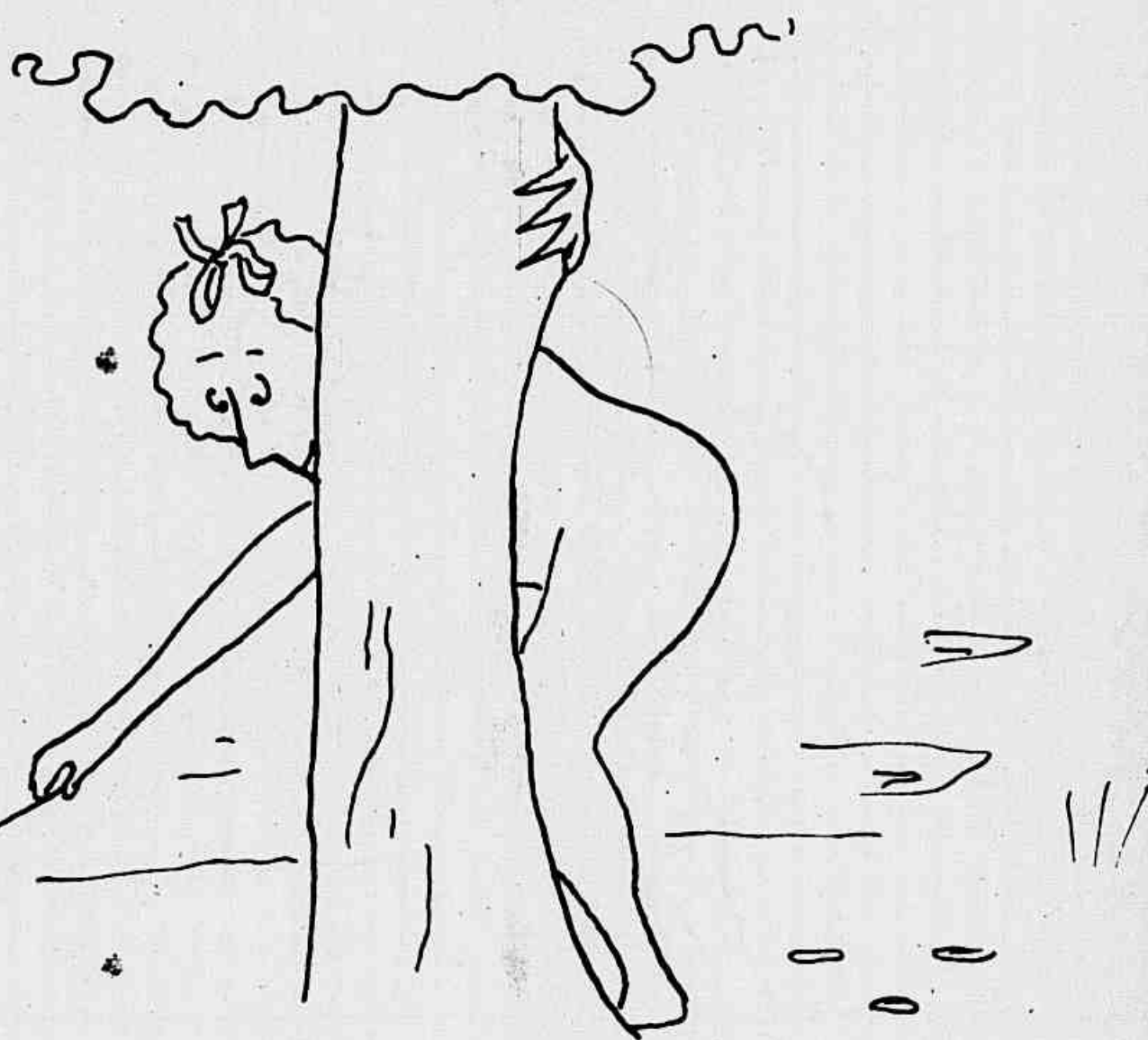
PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 56 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Fileira — 4. Quer bem — 7. Escarnecer, fazer motejos — 9. Espaço de doze meses — 10. Décima sétima letra do alfabeto grego — 12. Perversa — 13. Tesouro público (pl.) — 14. Estuda — 15. Símbolo químico do rádio — 16. Nome de mulher — 18. Do verbo desartir — 21. Lavra — 22. Rio da Suíça.

VERTICAIS: 1. Um tanto amarela — 2. Tecido finíssimo — 3. Pinha — 4. Situação — 5. Tumor, o mesmo que arrieira — 6. Aquê que arrasa — 8. Ingresso, porta — 11. Reze — 12. Maior — 16. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 17. Pedra do altar — 19. Símbolo do érbio — 20. Basta!



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 55

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: mac — cós — Sac — Ésopo — imigo — siri — arel — aracu — crila — lhanura — orara — arisaro — acará — ricto — lata — aiai — apaso — amolo — ras — rol — S.O.S.

VERTICAIS: mesas — asir — coral — có — si — síria — agel — colas — pichorras — marrariam — uariá — curar — nas — calar — aatás — ócios — loios — capa — talo — or — al.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ala — cal — ram — aca — ate — nem — Mármara — cal — apelido — ria — zás — mar — ais — ama — iso.

VERTICAIS: aram — lata — amerceara — canalizai — ácer — lama — mal — arma — piam — dais — osso.



RIO-PORTO ALEGRE

DIÁRIAMENTE PELOS NOVOS CONVAIR DA CRUZEIRO

Agora, em menos tempo, V. vai a Porto Alegre pelo novo vôo da Cruzeiro do Sul.

VÔO DIRETO-SEM ESCALAS. E a viagem é ainda mais rápida pelo prazer que o cerca em todos os momentos: o tradicional conforto Cruzeiro do Sul. Na Rota Sul chegue mais depressa. Prefira sempre o VÔO DIRETO da Cruzeiro do Sul.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL



Saída de Rio: 18 hrs.
Saída de P. Alegre: 8 hrs.

MARACANÃ E IBGE CONTA



O público assistiu de graça ao show da apuração. O interesse maior eram as cédulas únicas, pelo duelo Lutero x Arinos. Decidido depressa.

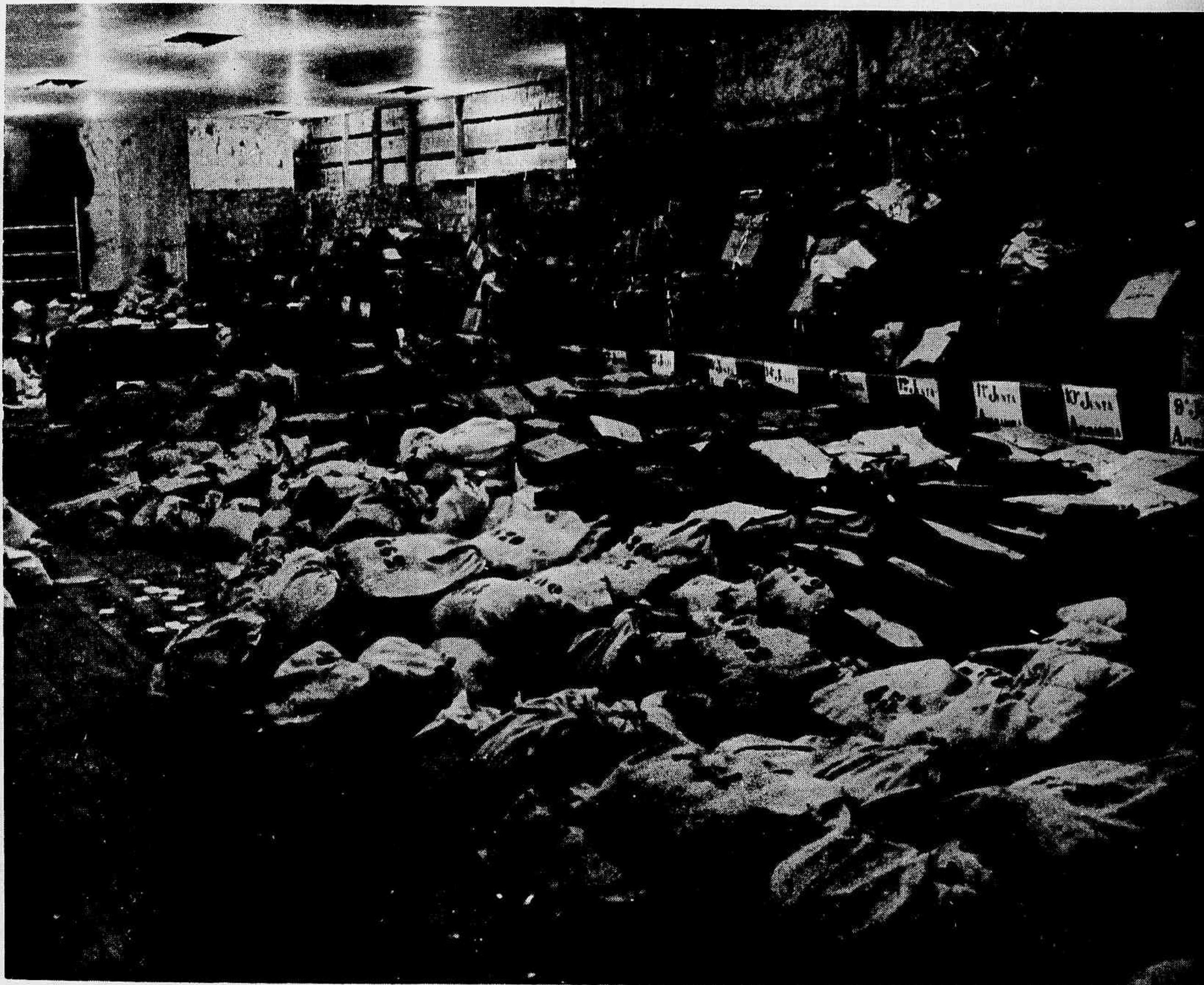
AO MEIO-DIA DO DIA 4 de outubro o "anel de Maracanã" (de acordo com a expressão dos locutores de BTP) entrou em funcionamento para apurar os resultados do pleito. As primeiras urnas foram sendo abertas sob os olhares curiosos do público que lá compareceu, misturados às fisionomias angustiadas dos candidatos. À medida que os votos foram selando a sorte dos pretendentes ao Legislativo, separando eleitos de um lado e derrotados de outro, a romaria diária ao estádio foi diminuindo.

O DRAMA DOS CANDIDATOS

Alguns candidatos mais preocupados chegaram a instalar acampamentos pelas dependências do estádio. Em certos pontos podiam

ser vistas, ao indicar algumas cadeiras, tabuletas rezando: "Centro de reunião dos amigos do vereador Fulano", "QG do deputado Cicrano" e assim por diante. Outros, dramaticamente alertavam fiscais e interpelavam as Juntas apuradoras. Um bom número de vencidos não se conformou com a palavra das urnas. O Professor Otávio de Medeiros, famoso por sua participação num programa de televisão, achava que o povo preferia erradamente homens práticos em desprezo dos cultos mas que, ainda assim, estavam erradas as contas de seus votos. O sr. Lago Ilhas Fontes afirmou que sua pequena votação era produto de alguma sabotagem. Outros protestaram contra a morosidade dos trabalhos, aludindo à rapidez com que estavam sendo feitos em São Paulo.

RAM OS VOTOS (DEVAGAR)



Saco de lona fica importante quando vira urna: recebe proteção especial da polícia e carrega esperanças de candidatos.

E O VENTO TAMBÉM ATRAPALHOU

Além de aturar a cantilena dos candidatos que zumbiam suas reclamações de mesa em mesa, as Juntas apuradoras foram ameaçadas por um grande inimigo: o vento, que parecia ter especial prazer em carregar cédulas eleitorais. Após os primeiros vendavais, as Juntas providenciaram o maior número possível de pedras para funcionarem de peso. A medida foi tomada depois do célebre caso da Junta que, comandada pelo respectivo juiz, saiu correndo atrás de uma traçoeira cédula voadora. A cédula era do vereador Mourão Filho — e foi alcançada.

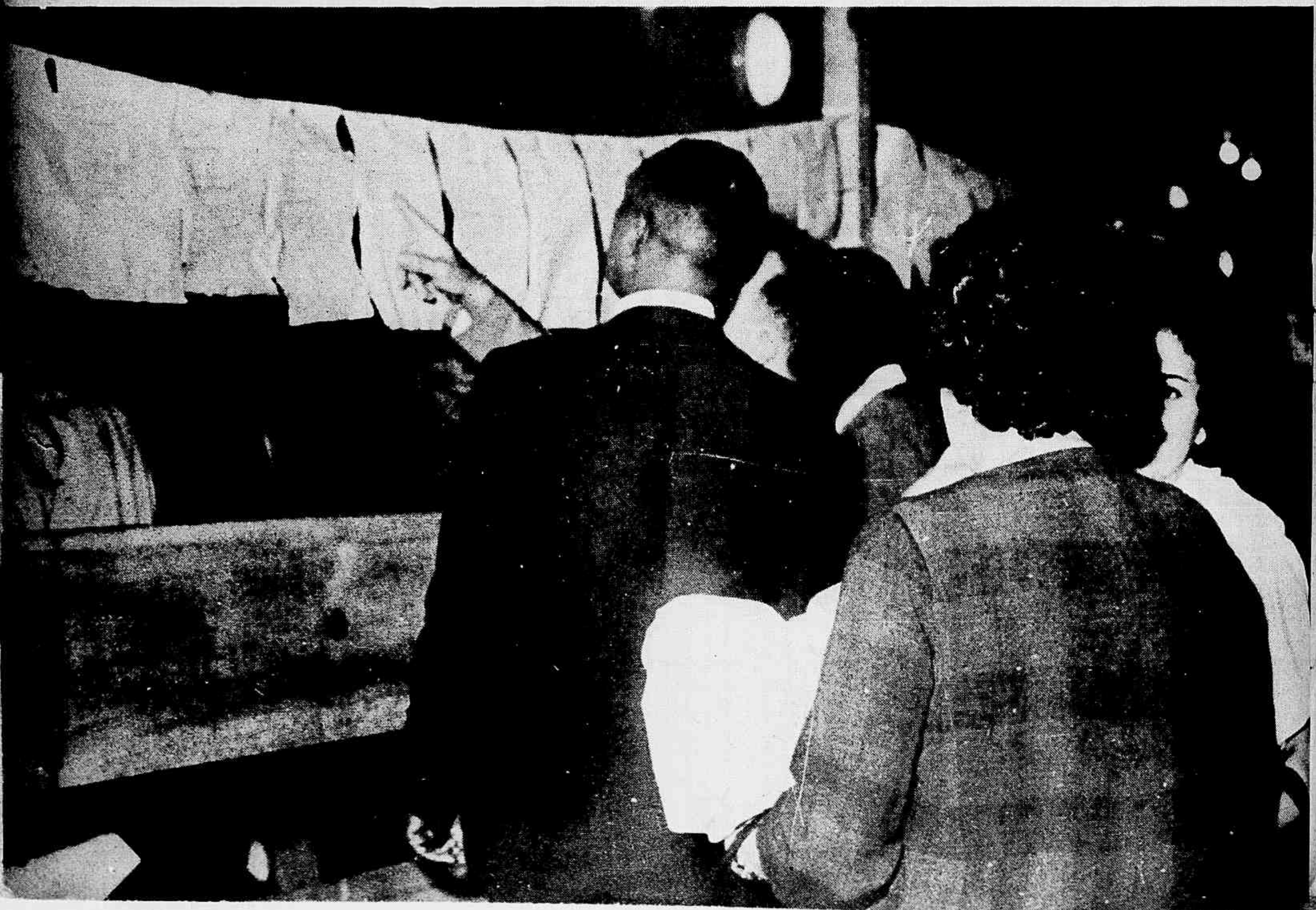
LANCHES CAROS E UM CONCURSO DE BELEZA

Outro padecimento dos funcionários encarregados do serviço de apuração foi o do preço exorbitante pedido por um lanche no interior do Maracanã. Vinha a fome, o funcionário se dirigia até um dos bares do estádio ou a um ambulante e tinha que pagar mais de trinta cruzeiros por um sanduíche. Muitos protestaram. Outros mais comodistas trouxeram merenda de casa no dia seguinte.

Como hoje em dia tudo dá margem a concurso, os apuradores da eleição não podiam ficar sem o seu. E de beleza logo, para não haver monotonia. Com isto surgiu a disputa do título de Miss Apuração-58 ao qual concorrem as fiscais dos partidos políticos. Resta saber quem apurará os votos da competição.



"Seu" Cosme fiscaliza os trabalhos a cano de metralhadora. Sua principal missão era a de impedir a entrada de estranhos na junta. Os candidatos fizeram as consultas e reclamações do lado de fora e contaram os preciosos votos na corda bamba à guisa de biombo.



a
d
d
A

a
d
co
m
li
ta
v



Apurações encerradas, resultados anunciados: a UDN fez o senador e seis deputados, o PTB, cinco deputados. E as sobras eleitorais vão ser divididas.

No mais tudo em ordem. Trabalhos normais. Ata lida, urna aberta, cédulas separadas, cédulas contadas, cédulas cantadas, cédulas somadas, somas efetuadas, mapas parciais preparados, enviados ao IBGE.

AS MÁQUINAS DÃO A ÚLTIMA PALAVRA

Do Maracanã os mapas parciais das juntas seguiam para o 3.º andar do IBGE, onde esteve em funcionamento a Junta Apuradora do TRE, presidida pelo Desembargador Narcélio de Queiroz, coadjuvado pelos juízes Murta Ribeiro e Samuel Puentes. Os mapas eram conferidos e somados para constituírem o mapa totalizador. Cerca de vinte funcionários foram designados para esta tarefa. Em caso de dúvida na contagem, os mapas parciais eram devolvidos ao Maracanã para serem corrigidos. Uma vez cumprido

o trabalho humano, os mapas entraram em fase de tratamento mecânico. As máquinas se desincumbiram de acertar — com toda sua infalibilidade — os possíveis erros nas contagens. As primeiras a entrar em ação foram as perfuradoras procedendo à identificação das juntas, seções, números de ordem dos candidatos e algarismos de votação. Em seguida os mapas, já sob forma de cartões perfurados, passaram à Tabuladora, que executou a conferência de somas. E foi a Tabuladora, adicionando todos os totais acumulados, que organizou o mapa totalizador final e deu a última palavra em matéria de resultados das eleições. Deitando por terra as últimas esperanças de muita gente que sonhava com sua cadeira na Gaiola de Ouro.

O serviço de apurações realizado no IBGE teve, em contraste com o do Maracanã, um aspecto de organização e calma. O que, aliás, não deixou de ser novidade no gênero.

KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD



Vera Maria Pereira.

ARRUMAR UM LAR após anos de uso em solteiro, para que fique com uma certa aparência de residência de um casal, não é tarefa fácil. Creio que o que mais atrapalha é achar coisas esquecidas e ficar horas revendo-as. Numa gaveta achei uma quantidade de fotos. Em algumas delas havia pessoas que na época eu não conhecia e que conheço agora. Noutras havia amigos hoje até mortos. Algumas pessoas ainda esta semana haviam sido notícia.

BABY VIGNOLI DE SALVO SOUZA aparecia em várias fotos. Desfilando, passeando de barco, dançando, e, mesmo, com cinco anos de idade, de trancinhas e vestindo uma "jardineira". Seu nome estava ligado direta e indiretamente ao noticiário desta semana no Rio. Diretamente, através de um "furo" que dei nos "Gatos Pardos": dentro de cinco meses Baby será mãe. Na distante Hamburgo prepara-se para nascer outro brasileiro, filho de uma das cariocas mais admiradas em solteira, por sua atração, simpatia e elegância. O fator elegância uniu Baby indiretamente com o Desfile de Miss Elegante: o Clube dos Caiçaras roubado de sua chance de obter o título pela terceira vez consecutiva quando um júri faccioso negou à Baby o direito de representá-lo na final. Creio que hoje, porém, tudo isto já fica bem longe na memória dela. Só há registro em fotos antigas que achei numa gaveta.

VERA MARIA PEREIRA também apareceu em várias fotos antigas. Uma delas, tirada há quatro anos atrás, também veio lembrar direta e indiretamente o noticiário da semana. Há dias esteve no Rio o presidente da Universidade de Arizona, Richard Wardhill. Teve a satisfação de jantar com dois ex-alunos de sua Universidade tão distante: Verinha e Eddie Moyna. Eddie é um rapaz uruguaio, considerado excelente artista comercial. Não teve dificuldades no Rio em conseguir colocação numa das mais destacadas (senão a mais destacada) firmas de publicidade. Verinha e Eddie foram bolsistas da Universidade do Arizona. Conheceram-se, namoraram quase um ano lá mesmo e mais um ano por carta. Terminado seu curso, que foi mais extenso, Eddie veio para o Rio. O casamento dos dois está marcado, em princípio, para o dia 12 de janeiro próximo.

De maneira indireta, a velha foto de Verinha também teve relação com o presente. A foto foi batida no Country Club durante a apresentação da orquestra de Ary Barroso. Lembramos os dias áureos do Country Club, que já vão longe, quando tudo que poderia ser considerado distinto e de valor como espetáculo, era lá assistido. Hoje não há muita gente querendo ir ao Country, e quem vai, prefere ficar no terraço vazio a entrar, temerariamente, no bar, em companhia de mulheres. E o grande compositor Ary Barroso? Um dos cinco compositores mais executados no mundo, um homem que poderia ter como epitáfio: "Eu sou o autor da Aquarela do Brasil", um homem que teve uma biografia musicada em vida ("Mister Samba") que nas palavras do fabuloso Villaret "valia mais que um monumento em praça pública". Hoje, Ary arrasta seu nome como "colunista", lembrando suas gracinhas pobres que, desejávamos, estivessem enterradas com os programas de calouros, trocando insultos com colunistas de



Rachel dos Santos Jacintho.



Baby Vignoli.

verdade, sendo ludibriado na sua boa fé por elementos facciosos e despeitados, criticando compositores que, se não obtiveram a mesma repercussão, nem por isto são menos dignos de cortesia. Ah, uma velha foto pode trazer satisfação e ao mesmo tempo tristeza, por associação.

RACHEL DOS SANTOS JACINTHO apareceu noutra foto perdida no tempo, num desfile, entre outras moças, das quais nem me lembro do nome. Esta foto foi tirada na segunda reportagem que fiz profissionalmente, na língua portuguesa. O diretor da publicação, em que eu ensaiava minhas linhas no caminho do colunismo, era Mauro Salles. Ele me mandou ir ao Hotel Glória "cobrir" um desfile. Eu nunca havia prestado atenção num desfile. Voltei, sem ter tomado a menor nota, apenas com as fotos, e disse ao Mauro: "Qu eu não entendo muito disto, ou aquilo foi

a pior coisa que já vi na vida". E fiquei esperando ouvir que eu não entendia nada de nada. Mas Mauro sorriu: "Pelas fotos, foi mesmo a pior coisa que você já viu na sua vida", disse. E então, pela primeira vez, escrevi contra alguém ou alguma coisa. Estas lembranças trazidas indiretamente pela foto, trouxeram outras sobre os anos de colunismo que tenho. Quando acabei de rememorar, levantei-me do chão, coloquei os retratos novamente na gaveta (não dava mais tempo para arrumá-la) e fui ler os jornais do dia. A primeira nota que li, dizia: "Rachel dos Santos Jacintho deverá estrear como modelo profissional em breve no desfile..."

HÁ FOTOS QUE NÃO QUEREM MORRER, pensei. Ficam perdidas anos a fio, mas parecem sentir quando podem reaparecer, não apenas para fazer recordar, mas para ilustrar fatos recentes.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE

A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



LEIAM

EU SEI TUDO

CONTOS

ROMANCES

CIÊNCIA

CINEMA

Todos os meses nos jornaleiros

CAMPAINHA

DIN-DON

COMPLEMENTO AGRAVAVEL
DE SUA BUZINA!

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «zonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA

NOVIDADES sempre uteis só na

A milionária do Castelo

RUA MEXICO, 98-A — Tel: 22-1000



Os srs. Mário de Azevedo Ribeiro e Gerson Cordeiro trocam um brinde, acompanhados pelos srs. Pinheiro Guimarães e Célio de Barros.

GRANDE PRÊMIO "IMPRENSA"

HOMENAGEADOS OS JORNALISTAS COM
UM ALMOÇO NO HIPÓDROMO DA GÁVEA

NO PRIMEIRO DOMINGO do mês foi disputado no Hipódromo Brasileiro o Grande Prêmio "Imprensa", prova clássica destinada a homenagear os profissionais da pena, particularmente os que exercem suas atividades na área do turfe. Ao ensejo, a diretoria do Jockey Club Brasileiro ofereceu aos jornalistas um almoço no Salão das Rosas, que foi mais um motivo de confraternização entre os homens da imprensa e os dirigentes da nossa sociedade turfista, cujo clima de mútua compreensão e respeito é um dos fatores determinantes do alto nível de desenvolvimento do nobre esporte entre nós. Festa bonita e elegante, como são tôdas as que se realizam naquele famoso recinto, e que teve a realçá-la uma nota muito simpática, dada pela diretoria ofertante: esta compareceu com todos os seus titulares, num gesto que foi muito apreciado. Saudou os jornalistas o presidente do Jockey Club, sr. Mário de Azevedo Ribeiro, em palavras cordiais e amigas, que foram agradecidas, em nome dos homenageados, pelo sr. Gerson Cordeiro, presidente da Associação de Cronistas de Turfe do Rio de Janeiro. O Grande Prêmio "Imprensa", na distância de 2 000 metros e com a dotação de Cr\$ 300.000,00, foi ganho pela potranca "Clareira", atual líder da geração feminina.



Num grupo na Tribuna de Honra do Hipódromo, os srs. Francisco E. de Paula Machado e Alvaro Carijó, diretores do Jockey, entre jornalistas.

**Por quanto tempo
ainda
êle terá
seu carinho?**

O futuro é imprevisível e a fatalidade pode cair como um raio, repentinamente. É por isto que você, como chefe de família consciente de suas responsabilidades, deve buscar proteger seus entes queridos contra a insegurança e o desamparo, no caso de ocorrer o irremediável.

É a melhor proteção para a família é o seguro de vida da Sul America - a maior companhia brasileira do ramo.

Solicite, sem compromisso, a visita de um corretor da Sul America e informe-se sobre as várias modalidades de seguros que ela lhe oferece.

Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
Fundada em 1895

SUL AMERICA - CAIXA POSTAL, 971 - RIO

Nome

Idade Profissão

Soma que eu poderia economizar anualmente

.....

Rua

Cidade Estado

FIRME

como o Pão de
Assucar



OS GALHOS D



LUIZ CANABRAVA

DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

RESUMO: Nabira, que veio do Líbano para o Brasil, com seus três filhos, é hoje uma mulher idosa. Os filhos cresceram, vieram os netos — que alegam a sua velhice, no casarão de São Luís do Maranhão. Mandou agora, chamar sua neta Jasmina, no Líbano, para casar com o seu outro neto — Sérgio. Mas o rapaz não vê com bons olhos aquela pretensão da avó, embora Jasmina tudo faça para conseguir o amor do guapo rapaz.

De manhã cedo Nabira foi ao quarto de Sérgio. Encontrou-o acordado, porém ainda deitado. Ele se espantou:

— Ué! Dona Nabira, tão cedinho por aqui? Que é que há?

— Vim vê ocê. Ocê não foi me vê essa noite.

— Ué! É obrigação eu ir lhe ver tôdas as noites? Cheguei exausto.

— É, quase de mênã.

— Vovó, será possível que a senhora viva tomando conta de mim? Há muito tempo faço a barba.

Nabira sentou-se na cama e beijou-o:

— Pra mim, ocê é sempre Serge biquininino. Mê filho, pra que ocê faz coisas qui envergonha família? Pra que vai dá passeio ni Ôlho d'Água cum mulhé atôa, atôa?

— Tem razão, minha avó, eu não devia. Foi maluquice. Também, nesta terra se fala de tudo.

— Mê filho, eu vim pede pra ocê não faz mais essas besteiras. Samir e Georgette ficam triste pra xuxú.

Sérgio sentou-se num ímpeto e beijou-a:

— Palavra que não faço, vovó. A senhora me desarma com êsse seu jeitinho de pedir. É formidável como nunca me chamou a atenção na frente de ninguém. Ontem, à hora do almoço, devia estar louca para reclamar, mas fingiu até que estava contente.

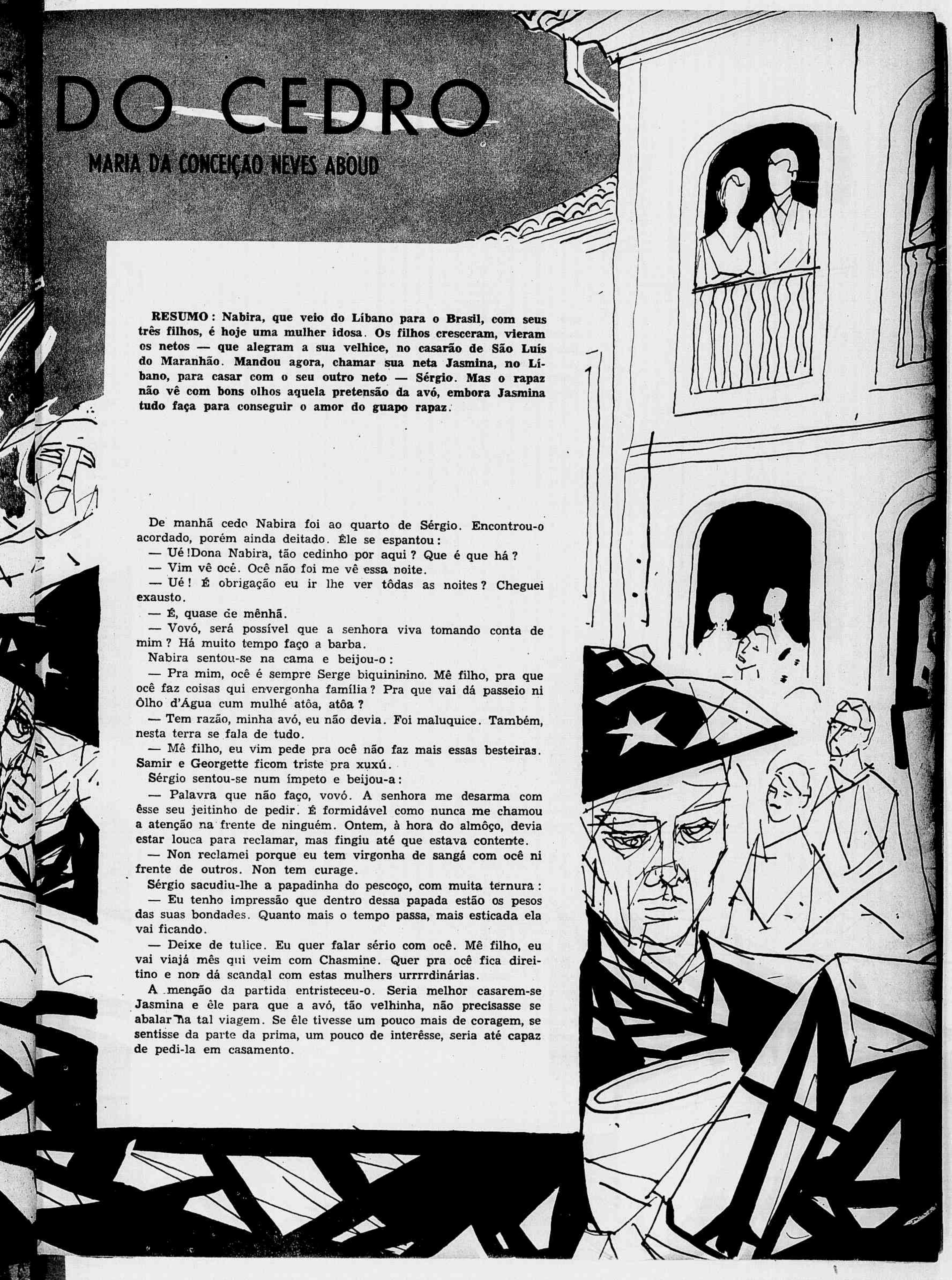
— Non reclamei porque eu tem virgonha de sangá com ocê ni frente de outros. Non tem curage.

Sérgio sacudiu-lhe a papadinha do pescoço, com muita ternura:

— Eu tenho impressão que dentro dessa papada estão os pesos das suas bondades. Quanto mais o tempo passa, mais esticada ela vai ficando.

— Deixe de tulice. Eu quer falar sério com ocê. Mê filho, eu vai viajá mês qui veim com Chasmine. Quer pra ocê fica direitino e non dá scandal com estas mulheres urrrrdinárias.

A menção da partida entristeceu-o. Seria melhor casarem-se Jasmina e ele para que a avó, tão velhinha, não precisasse se abalar na tal viagem. Se ele tivesse um pouco mais de coragem, se sentisse da parte da prima, um pouco de interêsse, seria até capaz de pedi-la em casamento.



Jasmina não disse nada. Sérgio percebeu-lhe uma

— Vovó, eu vou ficar preocupado. Ontem disse a papai que Jasmim do Cabo tomara conta de você, para ele não ficar muito aflito, mas no fundo, me preocupo. Se a senhora não quiser ir, Jasmina pode voltar sòzinha.

— Eu prometi, Serge. Eu ainda está bem forte. Non vai deixa ela ir sòzina ni Oropa.

Observava o rosto do neto, contente porque lhe vislumbrara um rítus de pena ao mencionar a viagem. Com sua intuição quase animal, percebia o amor de Sérgio, amor que ele talvez ainda não houvesse descoberto. "Mais um empurrãozinho", pensou.

— Serge, eu quer pra ocê de mê passaporte e traz vinte contos pra Chasmine. Denêro pra ela comprar presente pra mamãe dela, papai dela, pra irmãos e sobrinos. Pra compra roupa bonita pra ela ni Rio de Janêro.

— Puxa, vovó, a senhora é apressada! Ainda falta quase um mês para viagem! Estraga essa menina, dando-lhe presentes e dinheiro todos os dias.

Fingiu caçar:

— Se eu fôsse mesmo me casar com ela, estava bem arranjado! Jasmim do Cabo está ficando muito mal acostumada.

— Serge! Se ocê casar um dia, cobre su mulher de prisentes. Eu non sei como ocê é?

— É, mas ela é sabida! Vai aceitando tudo, bem contente.

— Qui tem, lé? Ieu non sê vó dela? Non dá prisente pra neto daqui? Deixa dá uma bucadina pra neta de Líbano. Chasmina acha qui denêro é pra gosá. Se ieu teim muito, pode dar pra ela.

— É, ela tem um jeito de achar que o mundo é dela.

— Serge, ieu vai vê café de crianças. Levanta mê filho. Ieu non vai mais amola ocê.

— Você nunca me amola, Rainha da Inglaterra, mas tenho mesmo de me levantar. Adeus carna gostosa.

Pulou do leito. Nabira saiu do quarto e encontrou Sâmia no corredor. A nora correu para contar a Abdo:

— Você sabe, eu acho que "martame" foi passar carão em Sérgio agora de manhã. Eu a vi saindo do quarto dêle. Vê como é? Ela é incapaz de criticá-lo na nossa frente. Só assim, escondido.

Num sábado à tarde, o antipenúltimo que Jasmina passaria em S. Luís, o sobrado foi súbitamente sacudido por uma batucada frenética. Era o Bumba-Meu-Boi premiado no subúrbio do João Paulo no fim da época de S. João, passando pelas principais ruas da cidade, exibindo o luxo bárbaro de sua encenação. Correram para as janelas. Vieram também as criadas e as crianças que haviam almoçado no sobrado. Os balcões se apinharam.

Jasmina e Sérgio ficaram juntos. Na excitação de todos se espicharem para ver o folguedo, subindo a Rua Grande, seus corpos se tocavam muito unidos. Ambos sentiam inefável prazer àquela aproximação.

Em baixo, uma cena dantesca, exótica, fascinante, se desenrolava. O boi de papelão, revestido de veludo negro, marchetado de pedaços de espelho e missangas, gingava alucinadamente. Em volta, s "caboclos-índios" de gigantescos cocares, os "vaqueiros" envolvidos em mantos de fitas em várias tonalidades, gingavam também. O ritmo das matracas e dos triângulos, ecoava sensual e contagiante.

Para Sérgio, o espetáculo era velho, por isso, concentrou-se no gôzo de ter a prima tão perto de si, sentindo o calor de seu corpo,

o perfume de seus cabelos côr-de-mel. Continha-se para não lhe enlaçar a cintura bem feita ou beijar-lhe os ombros claros, surgindo do vestido ligeiramente decotado. Jasmina talvez se encostasse mais nêle do que seria necessário.

O Bumba se aproximava, os negrões lustrosos e desdentados, os caboclos magros e amarelos, vivendo momentos de glória, exibindo o troféu da vitória. A molecada pulava em volta quebrando um pouco a harmonia do conjunto colorido. Quando passaram pelo sobrado Sérgio gritou-lhes:

— Dancem um pouco aí em baixo que eu vou atirar dinheiro.

Um negrão pediu:

— Manda trazer, patrãozinho, senão a molecada avança.

Sérgio enviou-lhe duzentos cruzeiros por uma das criadas, mas atirava moedas para divertir-se com a correria embaixo. O Bumba evoluía, gingando, gingando. "Pai Francisco" e "Catarina" eufóricos e engraçados, tentavam dar seqüência ao ritual.

Cada vez que Sérgio se curvava para jogar dinheiro, esmagava o corpo da prima contra o balcão. Os cabelos de Jasmina batiam-lhe na boca e ele os beijava, sem a certeza de ela o perceber.

Jasmina para disfarçar fazia comentários. Aliás, o exotismo da cena interessava-a:

— Que lindo, Sarkís! Il me ressemble un quadre surrealiste!

— É mesmo, parece pintura moderna mas é um costume secular. Os extremos se tocam na arte.

Jasmina fazia inúmeras perguntas. Queria saber a significação disso ou daquilo, a explicação folclórica do Bumba, se aquela gente via no boi uma divindade.

— Chi, Jasmim do Cabo, o negócio é muito complicado e eu não saberia lhe explicar. Você sabe como são essas coisas folclóricas, vêm de muito tempo. Nisso deve haver influência de índios e de negros africanos. O boi não é divindade, não. É uma história de um sujeito que matou o boi do patrão para dar a língua do bicho para a mulher grávida comer. Uma bobagem, desculpa para sambarem.

— Sarkís, você é sempre superficial. Non sabe a base de nada.

— Para quê? Não chegaria à conclusão alguma. Isso é como uma lenda, cada historiador, cada um, explica a seu modo. Por que não deixa de fazer perguntas para ver só a beleza do quadro?

Jasmina disse que antes de embarcar, descobriria direitinho a história do Bumba-Meu-Boi. Pensava escrever sobre tão estranho costume, lá em Beiruth. Quem sabe não encontraria na Biblioteca da Universidade, relações entre êsse ritual brasileiro e algum ritual árabe? Afinal, os árabes sofriam também uma vaga influência das tribos negro-africanas.

— A estudiosa Jasmim do Cabo! Vai fazer sucesso, na certa. Mande-me o artigo, se chegar a escrevê-lo.

O Bumba dançou durante uma hora. A coisa ficou monótona. As crianças e mesmo os adultos deixaram as janelas. Apenas Sérgio e Jasmina ficaram até o fim, até quando o bando multicolor afastou-se pela rua comprida, batendo as mãos em adeus. Para ambos, maior do que o interesse em admirá-lo, havia o de estarem juntinhos, "ocasionalmente".

Quando voltaram à sala, Sérgio anunciou:

— Jasmim do Cabo vai escrever um artigo no Líbano, a respeito do Bumba-Meu-Boi. Quem sabe teremos uma intelectual na família?

the
sur-
cos-
os
ndo
um
pelo
ro.

mas
mba
ufö-

da
am-
da
!
lar.

não
icas,
e de

para
ada.

ro?
no a
anho

in-
erta.

enas
tico
Pars,

peito
fa.

REVISTA DA SEMANA — 31



Monumental interior da Pinacoteca de Munique.

A COMÉDIA HUMANA

FALANDO DE...



"Solidão", pintura de Marc Chagall, exposta no Museu de Arte Moderna, de Paris.

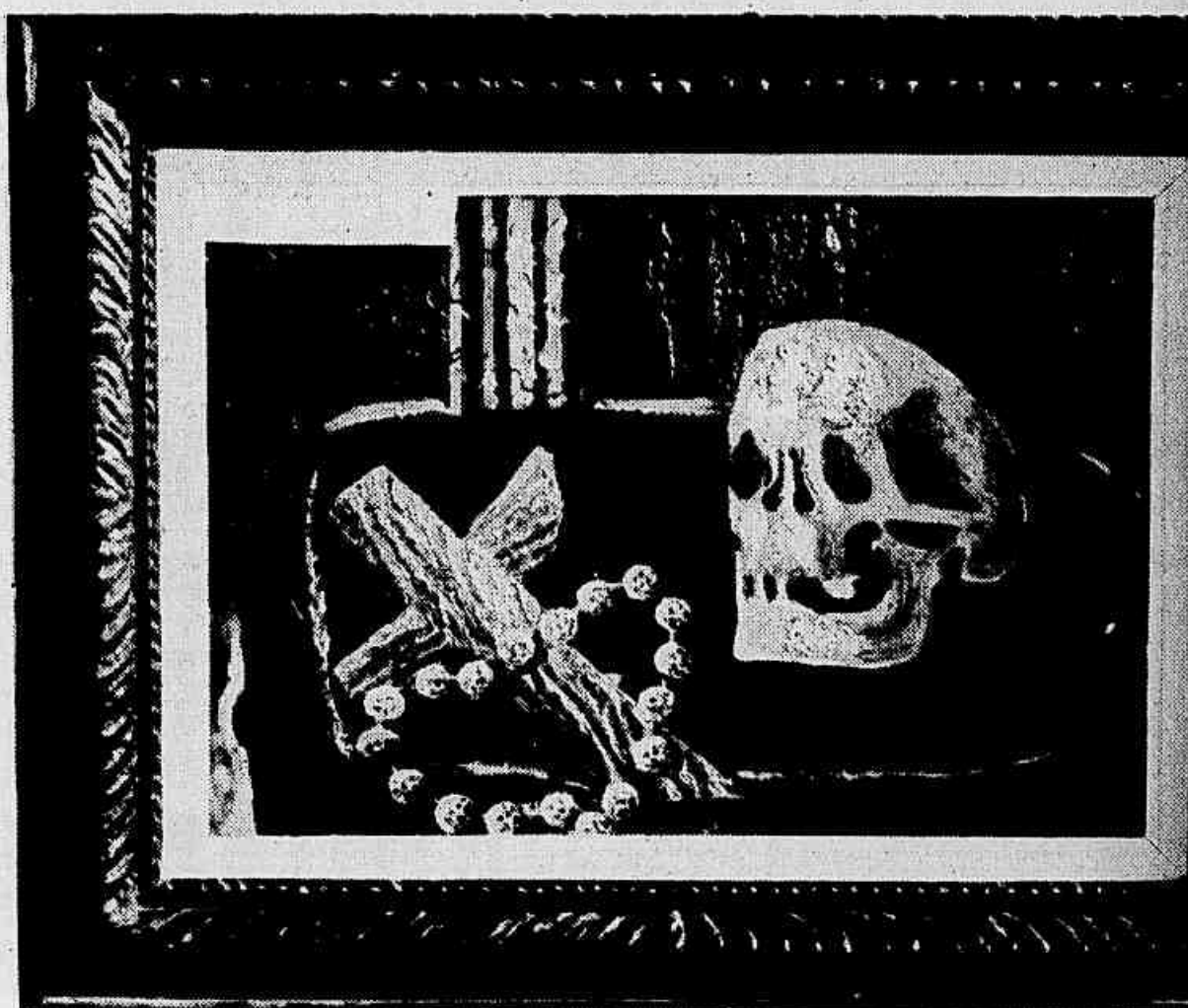
A MURALHA DA SABEDORIA — A Biblioteca do Museu Britânico comemorou no ano passado seu centésimo aniversário. Fundada em 1858, a Biblioteca do mais importante museu da Grã-Bretanha tem estantes compactas de livros do assoalho ao teto que, postas ao longo, formariam uma muralha de 80 quilômetros de comprimento. Somente o catálogo geral da B.M.B. tem mil volumes!

A MEDICINA PRIMITIVA

Uma procissão de monges medievais encapuçados retirando cadáveres de uma casa de uma cidade contaminada pela peste; a reprodução em cerâmica da primeira operação cirúrgica realizada no mundo; uma farmácia do século XVI; livros de medicina com mais de 300 anos de existência. São essas algumas das obras expostas no Museu da História da Medicina recentemente fundado em Riga, na República da Letônia (URSS). O curioso museu foi fundado pelo Dr. Paul Strandis, um médico soviético que dedicou 20 anos de sua vida para organizar o museu. Para completar sua coleção, o Dr. Strandis percorreu dezenas de países estudando os hábitos, as crenças e os costumes dos povos. Lá estão expostos figuras em gesso de curandeiros da África; remédios populares usados na China; documentos que revelam os métodos de tratamento empregados pelos nativos de tribos da América do Sul; instrumentos cirúrgicos das mais remotas épocas e um sem-número de peças que contam a história do modo de viver do homem, de suas crenças e de sua evolução intelectual desde os primórdios da civilização até a época atual com instrumentos médicos a base de isótopos. Pelos estudos do Dr. Strandis, viemos a saber que a penicilina (na sua forma primitiva) já era usada desde a.C. e que alguns povos do Oriente Médio "curavam" os leprosos mergulhando-os na lama por alguns segundos.

MACABRO

O museu mais macabro do mundo está situado em Hamburgo, Alemanha. Suas dependências ocupam duas salas da famosa penitenciária daquela cidade; numa delas está armada a guilhotina



"Vanitas" é o nome desse quadro do pintor francês Georges Braque, exposto no Museu de Arte Moderna de Paris.

MUSEUS

CARLOS A. NASCIMENTO

A COMÉDIA HUMANA

que serviu a Hitler para decepar as cabeças de seus inimigos; na outra, existe a galeria das máscaras mortuárias com as cabeças dos executados. Tais máscaras serviam de estudo para os antigos médicos da prisão para a análise das reações psicológicas dos moribundos. Algumas delas revelam perfeita serenidade diante da morte; outras, o pavor ficou estampado para sempre numa macabra recordação para a posteridade.

Com a queda do governo nazista, a pena de morte foi abolida na Alemanha Ocidental mas o terrificante museu permanece como uma advertência para os candidatos a ditador.

O ARQUIVO NACIONAL DA GRÃ-BRETANHA

"Public Record Office", ou seja, Arquivo Nacional da Grã-Bretanha, é, além de uma repartição do governo, um museu dos mais freqüentados de Londres e sem favor algum, pois reúne em suas venerandas paredes, documentos que deixaram de ter importância jurídica passaram, sem escalas, para a história. Tal é o caso do "Momesday Book", o livro que contém mapas, pergaminhos e outros documentos da Inglaterra medieval, mandados reunir, numa só encadernação, por Guilherme, o Conquistador, no ano de 1086. Lá se encontra, também, a primeira obra impressa na Inglaterra, no ano de 1467, o bilhete anônimo avisando o governo do "complot" que ficaria conhecido na história como "a conspiração da pólvora", escrito em 1605; uma das seis únicas assinaturas de Shakespeare reconhecidamente existentes. O Arquivo Nacional da Grã-Bretanha é, para uns, uma simples repartição burocrática; para outros, repartição da história.



Eis como se vestiam os monges ingleses do séc. XVI durante as epidemias de peste. Coleção do Museu de História da Medicina, de Riga.

Armas e Armaduras do século XV, em exposição no Museu Florentino, Itália.

A MATERNIDADE E A PAIXÃO DO HOMEM PELA SOBREVIVÊNCIA

O Clube das Artes Visuais é uma pequena pinacoteca de Londres que em geral expõe obras dos mais curiosos pintores e escultores. Agora mesmo o pintor Grisha (Conde de la Valentina) está causando furor com sua tela mais recente: "A Consulta", em que uma gestante é focalizada nua defronte de uma escrivãzinha à qual se senta um médico. Alguns estetas criticaram severamente Grisha, alegando que a deformação natural da gravidez não devia ser exposta em tela. O revolucionário pintor, refutando enérgicamente as críticas disse que "a maternidade é a paixão do homem pela sobrevivência e, por uma estranha inversão de valores éticos de nossa sociedade, tem sido motivo de circunspeção e tabu".

PADARIA? NAO, MUSEU!

Em Ulm, na Alemanha, foi inaugurado o único museu do pão existente no mundo. Três mil anos de panificação é o tema de sua exposição permanente. O Museu de Ulm dispõe de uma biblioteca especializada com mais de mil volumes e seu arquivo está se tornando de tal maneira grande que a administração do museu está expandindo suas dependências.

MUSEU DA CIÊNCIA

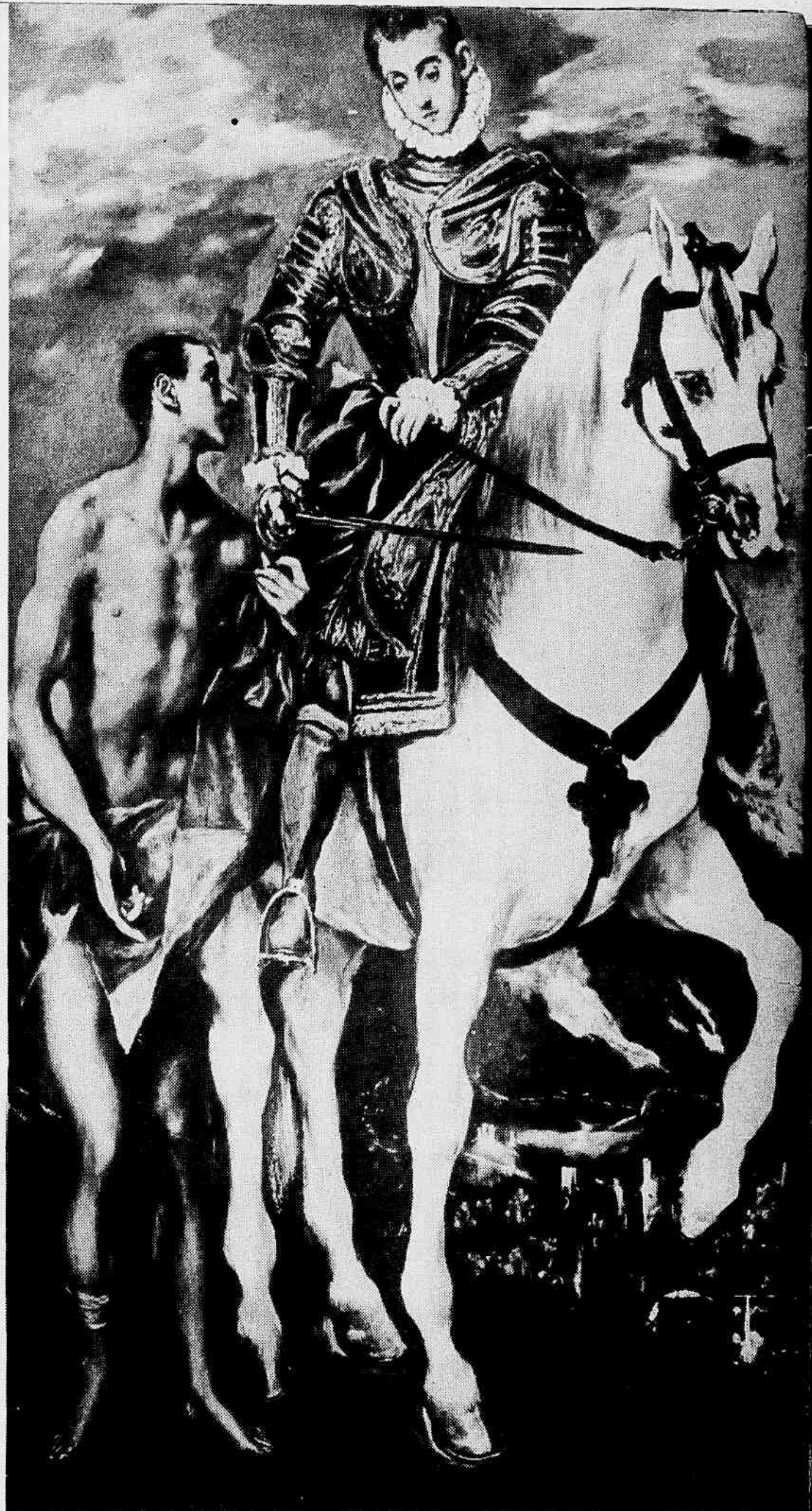
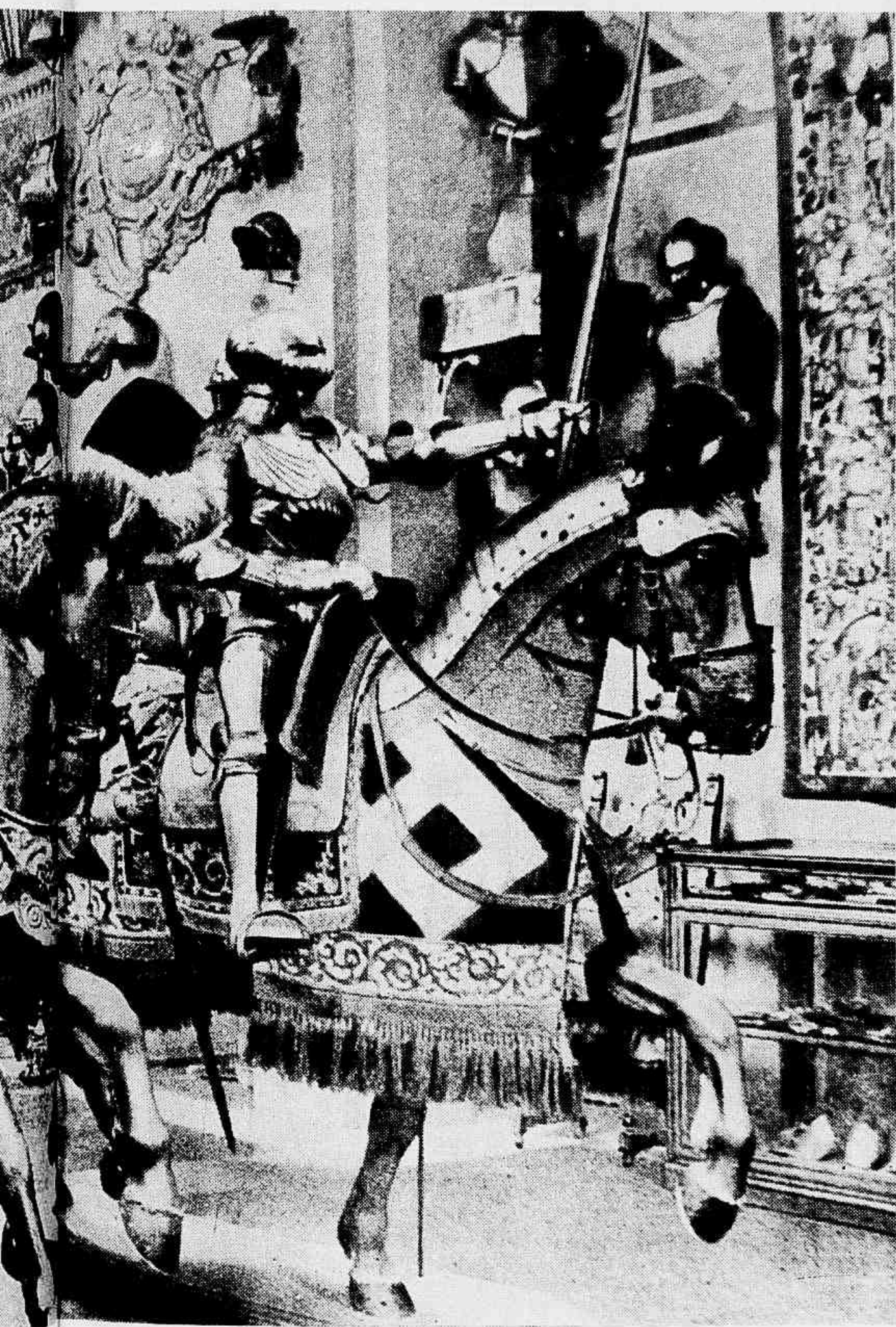
Um museu com as 100 maiores obras científicas do mundo desde Aristóteles até Einstein foi organizado em Nova Iorque, abran-



gendo tôdas as teorias chaves pelas quais o pensamento científico evoluiu através dos séculos. A exposição conta com o patrocínio do Grolier Club, entidade particular que reúne os colecionadores norte-americanos de livros. A exposição não vale apenas pelo valor da obra em si, mas também pelo valor histórico ou estimativo do exemplar exposto. Lá se encontram: o original de "De Revolutionibus", de Copérnico, dedicado, pelo autor, a Joachim Rheticus; o "Diálogo", de Galileo, oferecido pelo autor a seu protetor, o Duque de Toscana; o primeiro atlas feito no mundo — a "Cosmografia", de Ptolomeu; as provas de "A Origem das Espécies", de Darwin, com notas manuscritas pelo autor. Além das dezenas de contribuições particulares, a exposição contou com a cooperação da Biblioteca do Congresso, Washington e da Biblioteca Científica A. M. Gorki, Moscou.

A MAIS ANTIGA PINACOTECA DO MUNDO

A pinacoteca reconstituída de Munique, cuja coleção foi iniciada em fins do século XV, foi reinaugurada há poucos meses, depois de fechada durante 18 anos e de trabalhos de reconstrução e reconstituição que custaram 5 anos e cerca de 100 milhões de cruzeiros. O edifício original, que havia sido construído há mais de 400 anos, foi quase totalmente destruído durante a guerra, porém, as 12 mil telas de sua valiosíssima coleção atravessaram incólumes os dois conflitos mundiais.



"São Martim e o Mendigo", de El Greco, uma das mais valiosas obras da National Gallery of Art (E.U.A.).

Em Ulm, na Alemanha,
existe
esta coisa
extraordinária:
Um museu do pão.

QUER DIMINUIR EM ALGUNS CENTÍMETROS SUA CINTURA?

A CINTURA é algo de muito maleável. Não é indispensável um especialista, nem um instituto de Beleza para diminuir de alguns centímetros sua cintura. É suficiente um pouco de tenacidade.

Antes de mais nada, observe o seu abdome. Se ele estiver inchado, nunca terá cintura fina. Portanto, coma devagar, mastigue bem, beba líquidos entre as refeições de preferência a beber durante as refeições. Convém não abusar de pão, dos pratos fariñosos, de legumes secos, e absorver, cada manhã, um copo de água apenas morna, simples ou ligeiramente salgada ou ainda com algumas gotas de limão. O efeito é notável.

Além disso, fricções, massagens, cultura física, constituirão suas únicas armas.

FRICCIÓN A CINTURA cada dia com produtos já preparados e que se encontram no comércio. Em seguida, faça uma massagem com a mão ou um rôlo especial para massagens, sem recear insistir por alguns minutos. A cintura é um lugar do corpo pouco frágil e facilmente acessível para tratamento.

Importante, também, é fazer regularmente um pouco de ginástica.

Para que esta seja eficaz é preciso que as contrações de seus músculos possam comprimir a camada de gordura que os cobre. Por isso, antes de começar, enrole-se num largo cinto ou faixa de flanela, de quinze centímetros de largura, dando várias voltas pela cintura, sem todavia comprimi-la demasiadamente.

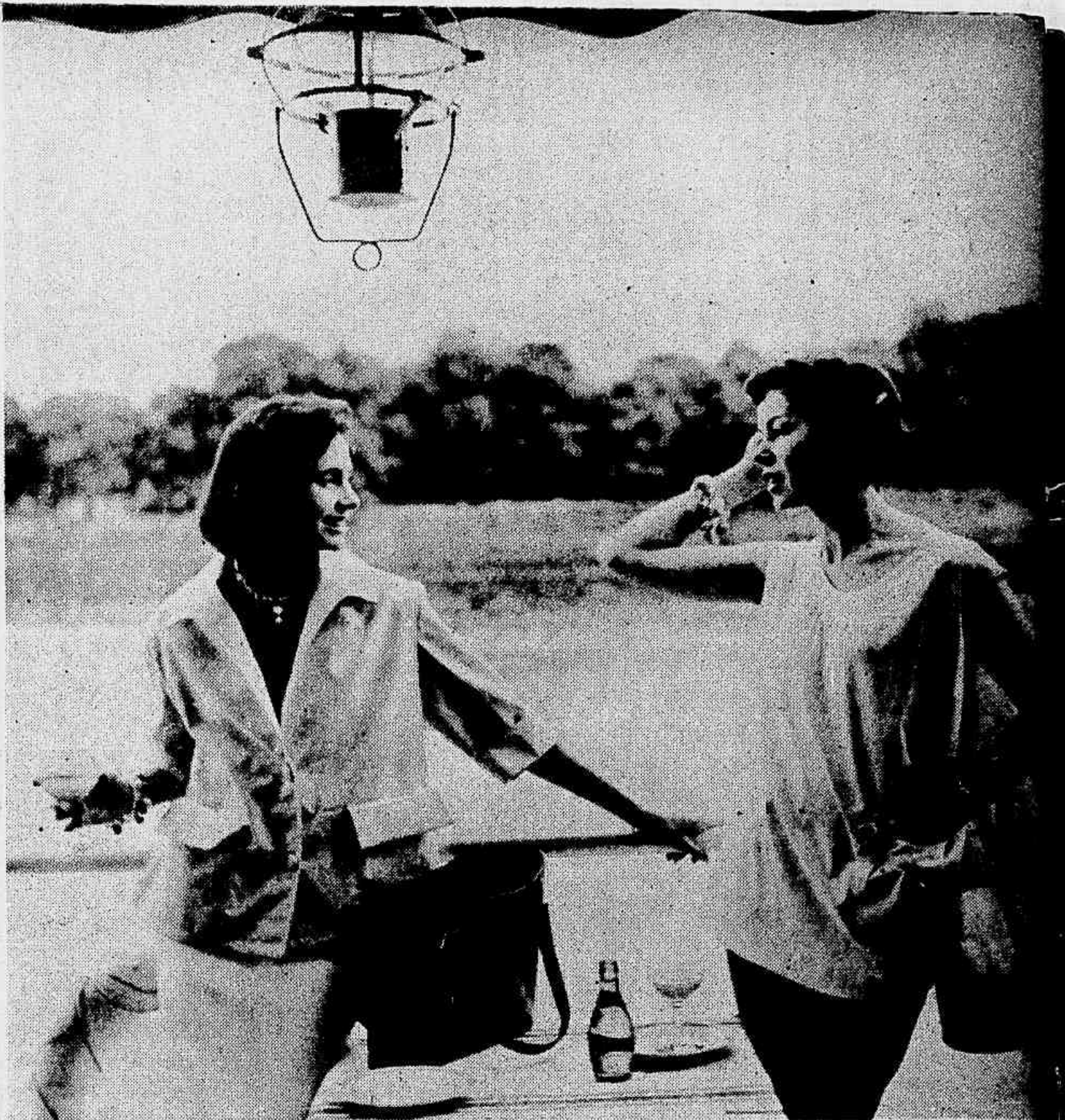
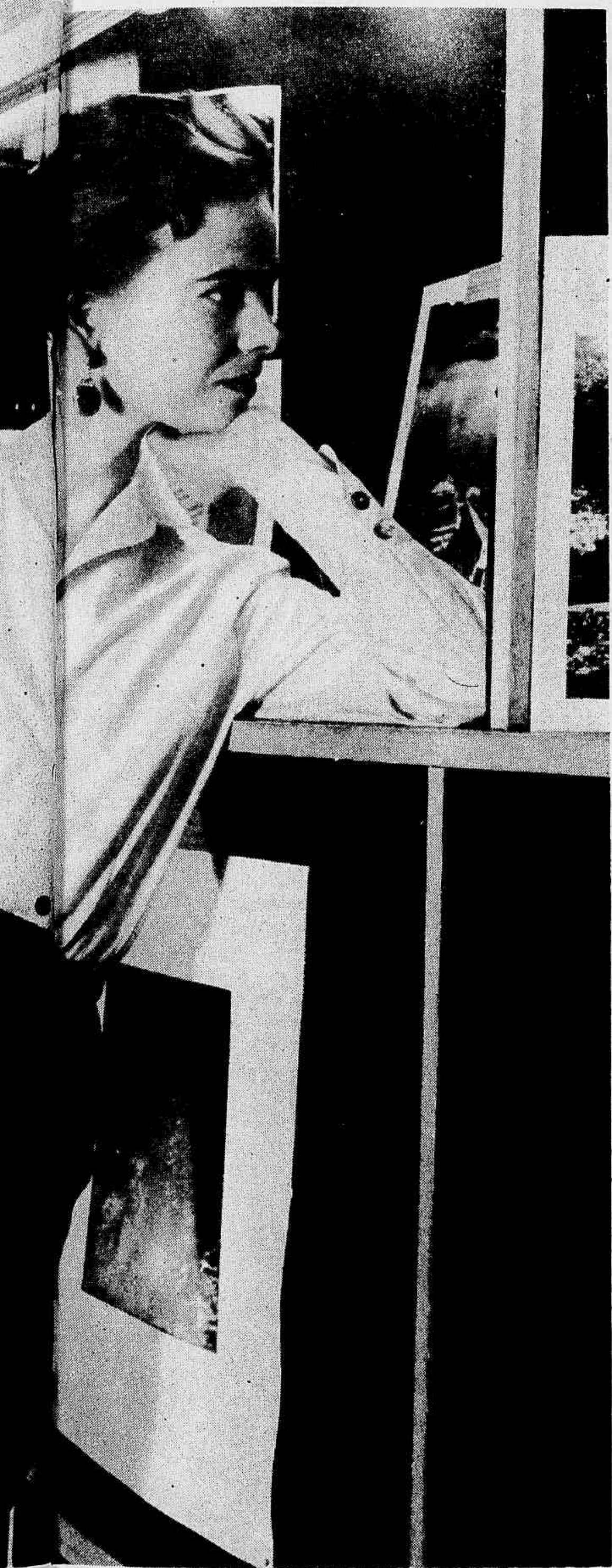
A automassagem provocada por este sistema, a transpiração, o exercício cumulam os seus efeitos.

TODOS OS EXERCÍCIOS (sentados, de pé ou deitados) que provocam uma flexão, ou melhor, uma torção do busto, são aconselháveis. Não há necessidade de descrevê-los, todo mundo conhece dezenas deles. Os mais simples não são os piores como, por exemplo, o exercício que consiste em tocar o calcanhar esquerdo e depois o direito com as extremidades dos dedos. Ponha-se à disposição de sua elegância por alguns minutos por dia. E não esqueça que somente a cinta não adelgaça o corpo. Facilmente verificará isso quando for à praia.

Perder 1 centímetro por quinzena na cintura representa uma ótima média. Quando chegar a 60 centímetros para a volta da cintura para uma estatura de 1 metro 55 ou 65 centímetros para uma estatura de 1 metro 65, poderá considerar-se feliz.



BONITOS M



◆ **GATTEGNO** — Chemisier em popelina bege com gola que pode ser usada aberta ou fechada, mangas compridas.

◆ **DESSES** — Casaquinho em linho côr de ouro, gola ampla, bolsos e mangas até o cotovêlo. Blusa "cloche" em piquê côr de rosa e branco, decote redondo.

◆ **DESSES** — Chemisier em popelina, gola e punho amovíveis, presos por botões. Muito adequado com "tailleur".



S MODELOS

CRÔNICA DE LITERATURA

Um Arsenal Disponível Guerreia Sempre

DEODORO foi chamado, em livro grosso e recente, de a espada contra o Império; o subúrbio carioca que lhe herdou o nome parece estar querendo transformar-se, de tempos para cá, numa espada contra a República. É que o velho general, que já todos imaginavam silencioso até o Juízo Final, voltou a dar mostras de seu inconformismo e de sua irritação, talvez aborrecido com as dificuldades da República que ajudou a fundar, num dia de mau humor e de muita febre — dia pouco propício a empresas semelhantes. De outro modo, como explicar as sucessivas explosões que fizeram ir pelos ares os depósitos de munições do Exército, localizados em Deodoro — para desespero da população civil, e sem que as autoridades militares atinassem, sequer, com as causas do acontecido?

É verdade que hipóteses as mais diferentes foram aventadas para explicar as detonações. Falou-se em aquecimento espontâneo de material altamente inflamável, e até houve quem visse, no caso, o dedo sutil de algum anarquista misterioso... Ora, como sempre acontece em tais ocasiões (e mais ainda no Brasil), as explicações nada explicaram, nem convenceram a ninguém: primeiro, porque todos sabem que o material altamente inflamável existente no Rio de Janeiro acha-se quase todo recolhido aos bares e boites de Copacabana, que teriam, por conseguinte, motivos mais justos de se irem pelos ares — e nunca foram...; depois, no que diz respeito a sabotadores, ninguém ignora que entre nós os temos tido de péssima qualidade, incapazes de uma indelicadeza, odiando barulho, bem comportados, virtuosos... Já vos esquecesteis acaso de que nosso mais conhecido anarquista perpetrava, até vésperas da morte, seus sonetinhos parnasianos? Já imaginasteis um homem que pretendendo solapar a estrutura político-social de um país, não possui a

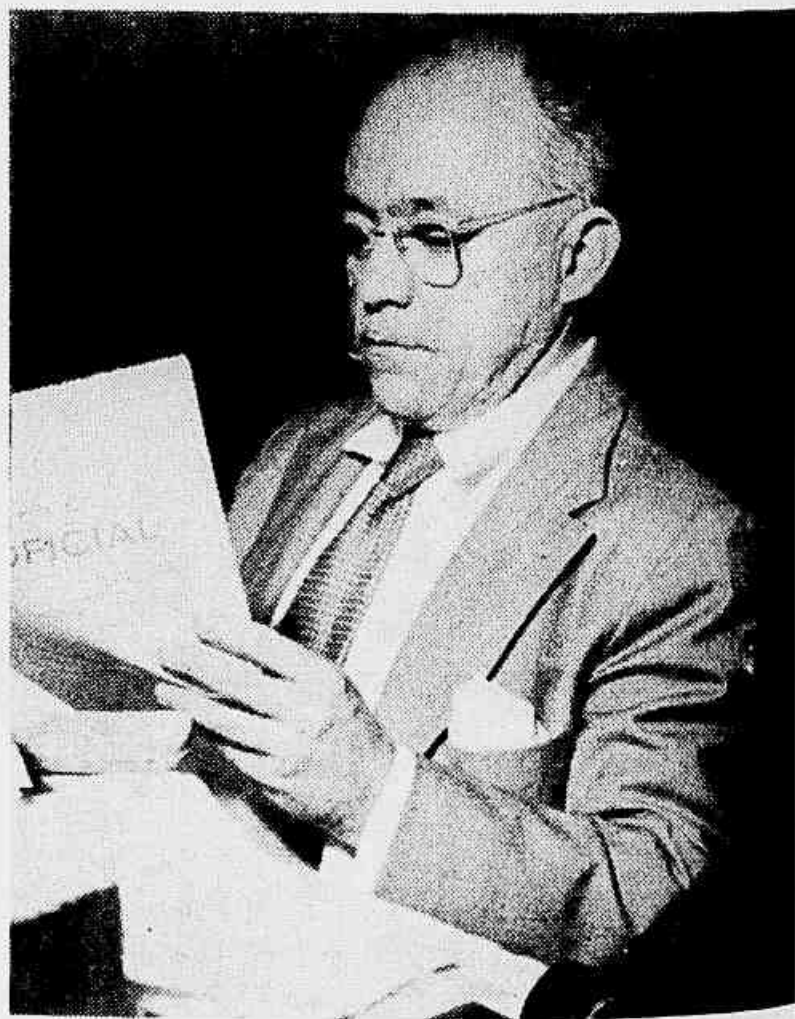
coragem suficiente para modificar a estrutura do soneto? — Não, não foram sabotadores, e nem foi nenhuma combustão de material altamente inflamável, a causa das explosões de Deodoro: a coisa é bem mais simples, embora o não julgueis. Foram-se os paíóis de Deodoro pelos ares, porque o destino de todos os paíóis é se irem pelos ares. Estais rindo acaso? Irrita-vos a frase? Pois lêde comigo o poeta Gular — maranhense e concreto:

Coronel,
um arsenal disponível
guerreia sempre.

Guerreia sempre, senhores. É claro que vós podereis localizá-los em Deodoro ou em Timbuctu, na selva de Mato Grosso ou em Pa-sárgada — e é bom que o façais o quanto antes, mas numa região deserta, para a tranqüilidade de todos os suburbanos do mundo: no fundo, o arsenal continuará guerreando, porque seu destino é só êsse, porque fora disso não tem êle nenhuma utilidade, nem motivo algum de existir. Ide e colocai-o fora das cidades e distante do convívio dos homens, o arsenal. Porque êsse primeiro arsenal que agora explodiu, em Deodoro, pode ser apenas o início de uma epidemia de explosões que venha a atacar em breve todos os arsenais do mundo; pode ser o princípio de uma série imensa de detonações, cada qual fazendo ir pelos ares um arsenal, num recanto diferente: um estampido ocorrido em Moscou é logo saudado por outro, em New York, e mais outro, no Coração do Uganda, e nas Filipinas, e no mundo inteiro... Um arsenal disponível guerreia sempre — vós o sabeis? O jeito é se acabarem os disponíveis.



Prosseguindo a publicação de grandes obras de escritores de língua portuguesa, lançará a Aguillar, breve, os poemas de Cecília Meireles.



Magalhães Júnior, autor de "Deodoro, a espada contra o Império": uma das mais importantes biografias do proclamador da República.

MANUEL BANDEIRA: Prosa (Biblioteca Luso-Brasileira. José Aguillar, Rio de Janeiro, 1958. Volume II das Obras de Manuel Bandeira. 1525 páginas). — Tão grande importância é dada à poesia de Manuel Bandeira, que sua também importantíssima prosa quase passa despercebida entre os leitores. Bandeira não apela jamais para a ficção: o que não é poesia, em seu vasto espólio, é autobiografia, biografia crítica, ou crítica literária ou de arte, havendo igualmente uma parte epistolar digna de amplo registro. Não conhecemos, no Brasil, autobiografia tão interessante e ao mesmo tempo tão saborosamente escrita como o "Itinerário e Pasárgada", que talvez seja a mais importante das obras não-poéticas de Bandeira. Mas convém citar as grandes qualidades de seu estudo sobre "Gonçalves Dias", a oportunidade do "Guia de Ouro Preto", a fluência das várias crônicas constantes de "Crônicas da Província do Brasil" e de "Flauta de Papel" — tantas roçando a poesia —, a beleza de muitos capítulos de "De Poetas e de Poesia", a sagacidade crítica de alguns ensaios literários, como "A Autoria das Cartas Chilenas" ou "Apresentação da Poesia Brasileira". Mesmo a crítica de arte exercida durante algum tempo por Bandeira é de valia, apesar de ser crítica que abdique do estético em favor do histórico. A edição de Aguillar é a mais bem cuidada das até agora lançadas por esse espanhol, em tão boa hora radicado entre nós. E vem completada com fotografias, fac-símiles, introduções, ensaios críticos, etc. etc.

MARIANO PICON-SALAS: De La Conquista a la Independencia (Coleção **Tierra Firme**, do **Fonde de Cultura Económica**. México, 1958. Terceira edição. 220 páginas). — Essa obra — uma das mais importantes e profundas de Picon-Salas, um dos grandes pensadores das Américas, ora embaixador de sua terra — a Venezuela — no Brasil, acaba de ser reimpressa. Estuda a história cultural da América Espanhola, com tal argúcia, com conhecimento tão patente e dentro de um espaço tão resumido — 220 páginas — que sua leitura

ROTEIRO DOS LIVROS



Bandeira completo em dois tomos: toda a obra do escritor, em prosa e verso, acaba de ser lançada pela Aguillar, em magnífica apresentação.

é uma lição proveitosa a quantos dela se aproximarem. Picon-Salas nêle defende a tese de que as repúblicas hispano-americanas, cujos sentimentos são tão semelhantes, devem fortalecer-se através de uma fraternidade, uma espécie de confederação que, no fundo, nunca deixaram de formar. Particularmente importantes nos pareceram o capítulo VI: "El Barroco de Indias", o VII: "Erudición, temas y libros de la época barroca", e VIII: "El Humanismo jesuita del

siglo XVIII". Convém notar que o excelente ensaísta brasileiro Sérgio Buarque de Holanda trata, no momento, de assunto congênere — o barroco no Brasil —, em livro que será publicado em futuro próximo, e que desejamos comparar com o do senhor Picon-Salas sobre a época barroca na América de fala espanhola.

F. GOODRICH & A. HACKETT: O Diário de Anne Frank (Coleção: Teatro Moderno. Agir, Rio de Janeiro, 1958. 200 páginas). — A tragédia da menina holandesa Anne Frank, a escrever seu Diário nos porões de sua residência-esconderijo, situada sob os pés de uma Amsterdam ocupada pelos nazistas, inspirou a peça teatral que Gert Meyer traduziu do inglês, e a Agir editou. Anne Frank principiou a escrever seu Diário aos 13 anos, e ao ser morta pelos alemães, dois anos após, o deixou escondido no próprio prédio onde viveu acuada. A peça de Goodrich e Hackett tenta recompor os últimos anos de vida da infeliz judiazinha, e apresenta também seu entourage: o senhor Frank, Miep, os Van Daan, Margot Frank, etc. A leitura é comvente.

NESTOR DUARTE: Tempos Temerários (José Olympio, Rio de Janeiro, 1958. 244 páginas). — Nestor Duarte, que a política roubou à literatura, estreou em 1937 com "Gado Humano", e só agora dá-nos um segundo romance. "Tempos Temerários" é romance razoável: certo equilíbrio entre a ponderação psicológica e o lado descritivo, nem regionalismo enfadonho, nem universalismo pedante, correção de linguagem, temática atual. De resto, nêle existe o que é ainda hoje muito raro, em nossa prosa de ficção: um convite ao raciocínio, ao debate de idéias. As angústias e preocupações dos personagens de Nestor Duarte, tal como aparecem em "Tempos Temerários", são as de muitos homens e mulheres de nossa própria época. Registro especial merece a capa, de Luiz Jardim: faz a indústria livreira nacional recuar pelo menos uns 30 anos, e logo agora, quando tanto esforço se faz no sentido de que ela progrida.

CRÔNICA DE ARTE

Vlaminck e Friedlander: Duas baixas

O PINTOR MAURICE VLAMINCK e o historiador Max J. Friedlander acabam de faltar, em Paris e em Amsterdam respectivamente, com 82, e 91 anos de idade. Foi uma perda severa para as artes contemporâneas, pois quer Vlaminck, quer Friedlander, eram nomes de projeção internacional, e dificilmente serão substituídos.

Vlaminck, um dos primeiros e mais importantes artistas fauves, é esteticamente um descendente de Van Gogh. De ascendência flamenga, como Verhaeren, como Verhaeren amava o movimento e o dinamismo — e na mocidade foi boxeur e desportista, antes de se dedicar de corpo e alma à pintura. Fazia parte daquela gloriosa geração que teve em França a incumbência de substituir, no campo da criação artística, a ainda mais gloriosa geração dos Van Gogh e dos Gauguin, dos Lautree e dos Cézanne. Como tantos membros dessa segunda geração da Escola Francesa, desaparece Vlaminck

mundialmente famoso, o octogenário e ainda nos últimos tempos em plena posse de suas faculdades criadoras.

Quanto a Friedlander, seu caso é diferente. Não foi um artista, um criador; nem, ao que parece, simpatizou muito com o movimento moderno nas artes visuais. Seu campo de ação foi a pintura flamenga e holandesa dos séculos quinze e dezesseis — e ninguém conseguirá jamais ultrapassá-lo, em tal setor. Sua obra máxima é um tratado, em 14 tomos, sobre a "Antiga Pintura nos Países Baixos": *Altniederlandische Malerei*, onde estuda, com minúcia extraordinária e erudição que não podia ser mais profunda, toda a geração compreendida entre o aparecimento do Mestre de Flemalle e o de Gerard David — o chamado "século dos Van Eyck", a época áurea da pintura flamenga, seu apogeu e apanágio.

Vlaminck e Friedlander, duas baixas sensíveis no mundo das artes visuais.

O FILHO MAIS VELHO

Conto de RENARD PEREZ

Ilustração de DAREL

POR LAMENTÁVEL erro de revisão, o conto aqui publicado em nosso número passado — AMOR DE MINHA VIDA — saiu com troca de assinaturas. Era êle de autoria de José Antônio Marcelino, jovem ficcionista português, aqui radicado — e não de Renard Perez, como saiu. Publicamos, hoje, o conto de Renard Perez — “O Filho mais Velho” — incluído em seu volume “Os Sinos”, desfazendo, assim, o desagradável engano.

CIPRIANO ERA fechado, distante, e nunca tomava parte nas brincadeiras. Ficava na varanda, emborcado nos volumes maciços. Às vezes, precisando de parceiros para a dança, e um tanto impressionada por aquêl isolamento, Alice pedia aos amigos para convidá-lo. Mas as tentativas eram inúteis, ninguém conseguia demovê-lo ou carregá-lo para casa de Alice, onde a vitrola, na salinha de jantar, se derramava em blues. Armando voltava, balançando a cabeça, desanimado: “Não adianta, Alice, êle não vem mesmo...” Achavam Cipriano orgulhoso. Nós mesmo — a família — não o compreendíamos e o considerávamos um estranho. E de repente êle surgia enorme, muito superior a nós, numa atitude desconcertante. Súbitamente, Cipriano se transformava.

Mamãe lavava-lhe com água oxigenada o ferimento da testa, onde o sangue irrompia, o filê oleoso escorregando sobre a sobrancelha, avermelhando a face. Cipriano, de dentes trincados, não deixava escapar um único gemido e eu admirava aquêl controle. Fui buscar o esparadrapo e o algodão, e fiquei junto dêles, acompanhando com a face vincada, nauseado, o trabalho cru.

Tudo era feito em silêncio, as passadas cautelosas, como se temessem algum imprevisto. Os pedidos de mamãe sussurrados, quase imperceptivelmente, e a minha obediência apreensiva.

Algo de muito grave acontecera. E se por qualquer motivo uma voz se elevava ou algum ruído escapava daqueles cuidados, mamãe punha na porta os olhos amedrontados, temendo uma aparição súbita.

Lembro-me de Cipriano antes de êle abandonar o colégio, as aflições de mamãe: “Êsse menino me preocupa”. E se angustiava, tentava encobrir ao marido as atitudes estranhas. Tinha uma cena, que o rapaz se rebelasse contra a autoridade paterna. Ocultava as extravagâncias e engolia o sofrimento.

Cipriano chegava à hora da ceia. Sempre detestara o estudo, revoltava-o a prepotência dos professores. Sômente depois de fazer o que bem entendia é que a casa se tranqüilizou. Primeiro houve cenas, a ameaça do internato, tudo inútil: Cipriano fugira uma tarde e andou desaparecido quase três dias. Papai encolerizou-se, planejou castigos, e sômente depois que mamãe o fez jurar que não haveria punições, meu irmão voltou. Vitoriosamente, sem transigências nem atitudes de filho pródigo.

Arranjou um emprêgo na serraria. “Um lindo futuro, aplairar madeira, conviver com operários!” — comentava mamãe, desalentada. Mas a vida nova lhe satisfazia, acredito, embora não se abrisse conosco. Não pa-

rava em casa. Depois do jantar encostava o portãozinho e saía pela rua arborizada — víamos da calçada quando êle acendia o cigarro na esquina. Margarida admirava-o; uma vez confessou-me que Cipriano a fascinava. A sensação por mim experimentada não foi de ciúme, foi de pasmo. Depois de ouvir cotidianamente a reação doméstica, aquela revelação me surpreendeu:

— Você acha? — perguntei, incrédulo.

As sombras das copas o escondiam por instantes, as luzes dos postes o devolviam até nós, cada vez menor, até que desaparecia na esquina.

— O que será que êle vai fazer na rua, tôda noite?

Margarida expôs o seu pensamento, convicta:

— Vai ver a namorada, e claro.

Comecei a observá-lo. Insinuava-me, provocava situações que nos aproximassem. Dormíamos no mesmo quarto, e no entanto éramos desconhecidos. Gostaria de conhecê-lo melhor, desvendar-lhe os mistérios. Mas Cipriano chegava de madrugada, quando eu já estava dormindo; passava o dia na serraria, e embora o jantar nos pusesse frente à frente, o momento não era oportuno: a voz de papai era a única admissível na mesa. Os poucos momentos em casa passava-os refugiado nos

livros, ausente de nosso mundo doméstico. As palavras de Margarida faziam-me imaginar romances, meu irmão dobrando corações. Era um rapagão e tanto, concordava, de pescoço grosso e cabelos livres sobre a testa, qualquer coisa de agreste, ao contrário dos meus, domados com brilhantina. Margarida devia ter razão, Cipriano ia namorar. Mas uma das poucas vezes em que Cipriano concedeu notar-me, conversou comigo, decepcionou-me. Encontramo-nos a caminho da escola; fomos andando juntos, êle diferente do Cipriano habitual. Mas não falou nada a respeito de sua vida. Pelo contrário, folheou o livro que eu segurava, interessou-se pelo meu futuro.

— Eu vou ser aviador, Cipriano.

Os galões me entusiasmavam, o quepe, as asinhas bordadas na manga, a imponência nas paradas. E as meninas adoravam farda — eu sabia que, quando crescesse, causaria furor ao aparecer na rua, vestido de branco, cheio de alamares.

Cipriano ria, suavemente, afastava aquelas ambições:

— Você deve estudar engenharia, como o velho quer. É uma carreira bonita e de futuro. E nós precisamos de bons engenheiros... de gente capaz...

Mas paramos no portão da escola e a conversa morreu no ar. Duas colegas, do quarto onô, estudavam no batente e fitaram Cipriano, insistentemente. Lem-



brei-me da frase de Margarida, o seu deslumbramento diante daquela beleza transbordante e animal. Previ a correspondência e a conquista iminente. Mas meu irmão ficou indiferente aos olhares, e estendeu a mão despedindo-se.

Duvidei dos amôres de Cipriano. E agora, com o imprevisito, as últimas dúvidas se desfizeram; de repente Cipriano se revelava, mostrava possuir algo de que ninguém nunca o julgara capaz.

— Eu preciso ir embora...

— Mas... Cipriano... a voz de mamãe era uma queixa.

— É preciso... a polícia me procura.

A polícia. O que acontecera a Cipriano? O termo me atemorizava. Os sussurros, o ferimento na testa, faziam-me fantasiar dramas. Cipriano se metera em alguma embrulhada e era procurado pela polícia. Seria esta que mamãe temia com os seus olhares assustados.

A polícia surgira na serraria — Cipriano contava — justamente quando distribuía os folhetos. "Eu acho que alguém nos traiu". Houve a celeuma, a luz apagada de chofre. Depois disso não sabia mais reproduzir a cena, fôra tudo inesperado, sucedendo-se de roldão. Um ruído, e logo após a porta escancarada, a invasão cáqui, as mãos brandindo "cassetetes". E a voz agora mais pausada me transportou para a escuridão do aposento, onde os vultos se moviam, desordenadamente, apavorados.

Ouviu os golpes resolutos nos lombos, o estampido a conter a debandada — tentou escapar de qualquer modo, cosendo-se às paredes. De repente, o tiro que o atingiu de raspão — pareceu-lhe que o mundo desabava; apoiou-se à parede, sentindo-se esmorecer. Tentou continuar de qualquer modo — e eu imaginava a silhueta de Cipriano, a dor fazendo-o dançar sobre os paralelepípedos, os braços em arco e as mãos abertas comprimindo a cabeça ferida. Ou corrido aos muros, numa tortura, a névoa vermelha a embagar-lhe a visão, a dor horrível na têmpora. "Só me senti mais seguro quando percebi as árvores da rua, e o som da vitrola que vinha da sala de jantar de Alice". As pancadas aflitas, enquanto, de soslaio, fitava o portão, até que a porta ranguu, abrindo-se, e surgiu a sala, acolhedora...

Mamãe fitava-o, de braços tombados ao longo do corpo. Parecia amedrontada com a responsabilidade que lhe caía súbitamente sobre os ombros. Cipriano crescera muito naqueles minutos, enevoara a superioridade de papai. E enquanto Cipriano contava o caso, ela o fitava, aniquilada, de mãos caídas, a cabeça inclinada para a frente.

Papai meneava a cabeça, monotonamente, como se tivesse perdido a direção dos movimentos e não soubesse parar:

— Foram êsses malditos livros...

A frase a despertou, ela reagiu contra aquela atitude de prostração:

— Vou preparar um café.

Cipriano gigante provocava transformações, aquele café a desoras exprimia bem o reconhecimento declarado a seu poderio. Mamãe afastou-se, a cortina a escondeu e a sala ficou num silêncio cheio de indagações e queixas não formuladas. Cipriano tirou um cigarro do bolso. Ia fumar na presença de papai, compreendi atônito, e com um estremecimento esperei a reação da face enrugada. Mas papai permaneceu silencioso e indiferente ao desrespeito. Olhei Cipriano; quando é que papai se ergueria, chamejante, fazendo reboar a sua autoridade? Esperei as violências, os gestos bruscos, inútilmente. Cipriano meteu o cilindro branco entre os beijos; a chama surgiu do estalo e incandesceu a ponta do cigarro. Um cheiro bom de pólvora ficou, por um instante, perfumando a sala. E papai calado, admitindo aquele desrespeito à sua presença. Tudo saía diferente, uma sucessão de surpresas inexplicáveis. Olhei Cipriano com respeito, envaideci-me de ser seu irmão; gostaria que ele me convidasse para acompanhá-lo até a serraria, e os colegas me vissem a seu lado, a atitude imensa: "Este é o Cipriano e os jornais falaram dele". O cheiro do café veio lá de dentro, invadiu a sala, parecia uma carícia.

De repente papai me olhou, viu-me em pé ao lado da cadeira, e falou, como se despertasse:

— Vá dormir.

Eu queria ficar ali até o fim, não perder um elo daquela cadeia de estranhos acontecimentos. Até ele chegaram os olhos suplicantes, mas o que adiantariam meus olhos? Nem que es-

perneasse, como quando era apenas cinquenta centímetros ambulantes, enxovalhando móveis. Crescera bastante, mas minha vontade continuava inexistente, sujeita aos caprichos dos superiores. No entanto fiquei ainda ali, esperando um milagre. Papai surpreendeu a indecisão e repetiu, com voz arrastada, mas sempre autoritária, de chefe.

— Deixe ele ficar, não faz mal nenhum ele aqui.

Senti um deslumbramento. Olhei papai, na expectativa. Novamente Cipriano quebrava preconceitos. Tive pena do velho, quando o vi, tão submisso, olhar-me de um modo vago e sem autoridade. Indiscutivelmente os tabus se haviam rompido, nova fase surgia, Cipriano brilhando, papai num segundo plano de caçula ou de avô conduzido, uma autoridade derrubada.

O dia seguinte mostraria, sob o sol, as coisas diferentes. Seria bom ter Cipriano a meu lado, a caminho do colégio, quando fôsse para a serraria.

A sonolência derreava-me a cabeça e a conversa em surdina chegava até mim com intermitências. Mas conservava-me ali, obstinadamente. Lembro-me dos abraços, papai num gesto meio desajeitado e mamãe com umas lágrimas que não se decidiam, mas que finalmente escapuliram, foram escorrendo pela face e depois encontraram um sulco por onde descera como um pequeno rio. Lembro-me que Cipriano me afagou, e tudo me parecia irreal, aquelas ternuras extemporâneas na noite.

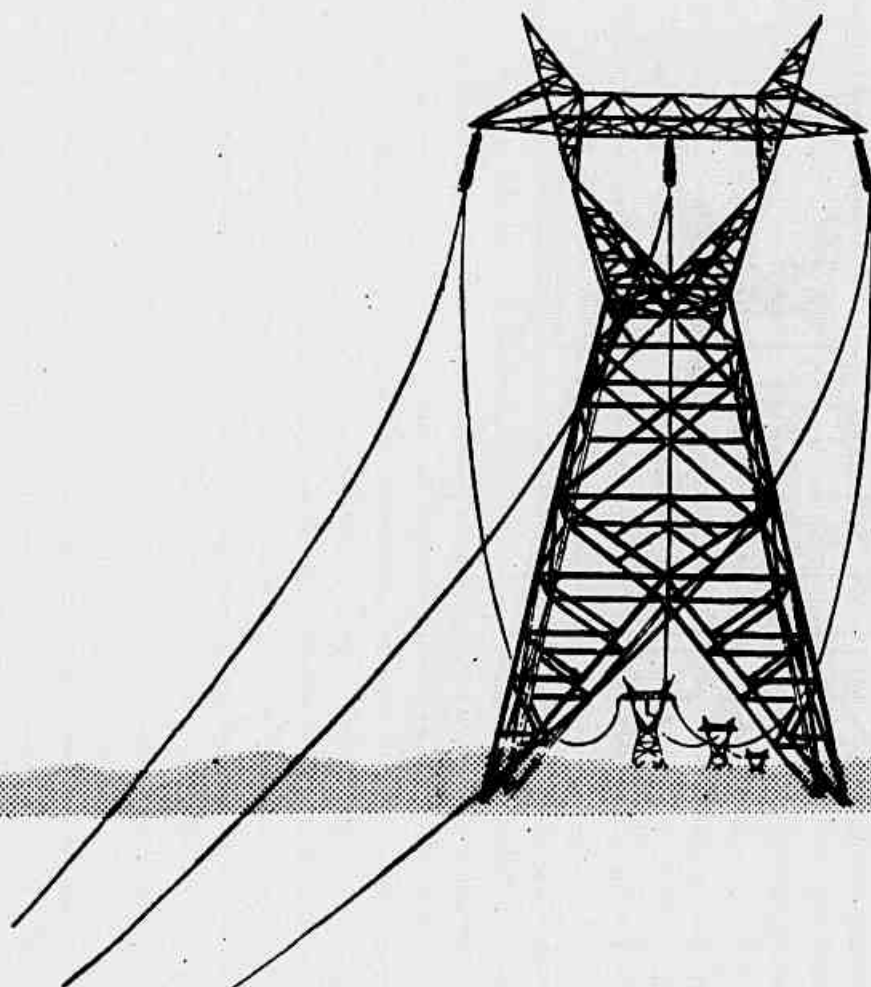
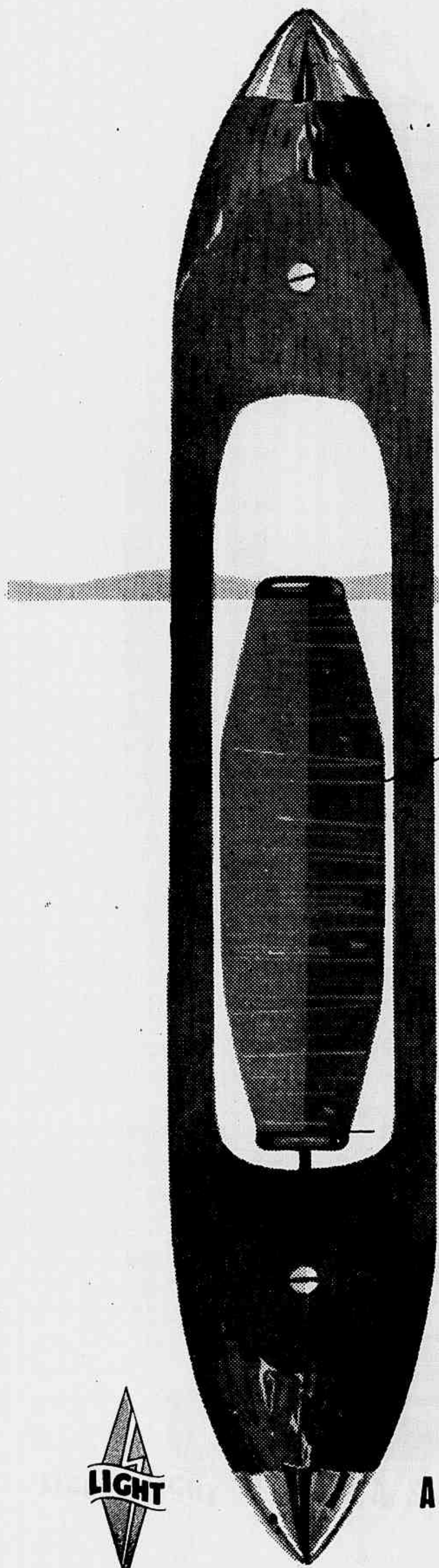
Senti o assoalho fugir, a vertigem quando Cipriano me levantou. Do alto, perto do teto, o seu sorriso aparecia noutro plano, a ferida na testa escondida pelo esparadrapo e o algodão manchado de vermelho. Era um belo sorriso, embora o cigarro lhe tivesse encardido os dentes. "Você agora é um homem também, e estude bastante para ser um bom engenheiro. Aviador coisa nenhuma. Será engenheiro, eu sei que você não vai desapontar papai". Concordei, embora não compreendesse o motivo daquele conselho na madrugada, nem porque Cipriano pretendia de mim algo que lhe era odioso.

Seus dedos desfizeram o penteado que eu arranjara desveladamente para ver Margarida; amassou tudo, como se vasculhasse uma cesta. Não reclamei; naquela noite Cipriano poderia fazer o que quisesse, que

eu não diria nada, orgulhoso que ele me incluísse na cena de que o seu último gesto na sala fôsse aquele afago no meu cabelo. Vocês sabem como ficamos envaidecidos quando certas pessoas falam conosco num lugar importante. Lembrei-me do casamento de Cleonice; e numa brancura gloriosa, toda igreja a fitá-la, sussurrando comentários. Pois, a caminho do altar ela parou, sorriu para mim e me alisou o rosto. Senti uma felicidade explodindo, quase dolorosa, e então comecei a soluçar, inexplicavelmente. Pois foi assim também naquela noite.

Depois mamãe lhe colocou a capa sobre o ombro; ele teve um sorriso triste que envolveu a sala como se se despedisse dela para sempre, e abriu a porta lentamente, para que não rangesse. Ainda fiquei perto da porta semi-aberta, vendo-o caminhar entre os ficus e perguntei a mamãe aonde ia Cipriano. Ela travou a porta e me afastou, suavemente; papai mandou-me dormir. Resisti; quem era ele para ordenar alguma coisa quando Cipriano concordara com a minha presença na sala? Mas papai insistiu e dessa vez o velhozeirão recrudescceu, com o timbre antigo que me dava tremores. Cipriano não estava ali, para me proteger; por isso obedeci, desamparado, mas no dia seguinte eu me queixaria daquela prepotência. Encaminhei-me para o quarto, onde a cama de Cipriano ainda estava feita, o lençol dobrado, a colcha amarela a revestir cuidadosamente o colchão. Os livros malditos dormiam na banquinha ao lado. Estava fatigado e as coisas logo se embrulharam, numa sucessão de visões incoerentes, lembro-me do voo até o lustre e a cruz na testa manchada de sangue. Quando acordei, olhei para a cama, esperando ver a cabeça de Cipriano sobre o travesseiro, derreada depois da vigília. Mas a casa continuava como na véspera. Papai gritou-me, e disse que me erguesse e fôsse para a aula, e tudo aconteceu como se a noite não passasse de um grande pesadelo — a autoridade antiga fôra readquirida. O despertar doméstico era o mesmo; da rua me chegava a velha canção matinal — o ruído das rodas nos paralelepípedos, os pregões na calçada, a mãe de Margarida cantando, na casa em frente, enquanto punha nas gaiolas a ração diária — a única diferença em tudo era a cama vazia de Cipriano.

ulhoso
na cena
gesto
o no m
omo fic
do cert
num
rei-me
uice; e
a, tôda
rando c
minho
para m
enti um
quase d
i a solu
Pois f
noite.
colocou
ê le ten
envolve
disse de
a port
não ran
perto d
do-o c
pergun
Ciprian
me afas
mandou
uem en
na cois
dara con
la? Ma
ez o vo
o timbre
remores
ali, par
obedece
dia se
daquela
me para
de Ci
a, o len
amarela
nente o
itos dor
o lado.
sas logo
sucessã
lembro-
e a cruz
sangue.
para a
cabeça
vesseiro,
ia. Mas
na vés-
e disse
para a
como se
de um
toridade
O des-
mesmo;
ha can-
as rodas
pregões
argarida
nte, en-
a razão
nça em
de Ci-



*Fios que convergem
para um objetivo comum:*
PROGRESSO!

Pelos seus elevados padrões de técnica, beleza e qualidade, os tecidos brasileiros conquistaram justificado renome internacional.

A indústria têxtil, com uma produção anual já superior a 50 bilhões de cruzeiros, desempenha relevante papel na economia do País.

Parte substancial dessa indústria está localizada na região Rio-São Paulo, onde a energia elétrica contribuiu de maneira decisiva para o seu extraordinário progresso.

A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



FALA À R.S. O PORTUGUÊS

FRANCISCO VELLOSO,

COMENTADOR DA

POLÍTICA INTERNACIONAL

Lisboa — Via Lufthansa. (Da enviada especial da "Revista da Semana", FERNANDA REIS)

NA SUA GERAÇÃO — a que, entre 1907 e 1913, tomou a maioridade no meio do baquear da Monarquia e da implantação da República — o dr. Francisco Velloso é sem dúvida e no consenso unânime de pessoas das mais diversas opiniões, uma das figuras de maior valor do Portugal de hoje. Possuidor de vasta cultura é um intelectual de raça.

Saiu de Coimbra jornalista já afirmado nas páginas de um semanário "O Imparcial" que celebrizou com o dr. Manuel Cerejeira, o atual Cardeal Patriarca, seu íntimo amigo, com um estilo próprio e brilhante que iria individualizar em diários do Pôrto e de Lisboa, de Angola e Lourenço Marques, alguns dos quais dirigiu, versando com saber todos os problemas do momento político, econômico e social. Durante a última meia dúzia de anos da direção inolvidável de Eduardo Schwalbach foi o dr. Francisco Velloso o editorialista escutado do "Diário de Notícias". Há meses uma conferência sua na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, sobre o pensamento e o movimento regionalista português — de que é líder — valeu-lhe uma grande manifestação de homenagem dos valores de todo o norte do país e dos meios intelectuais e jornalísticos de Lisboa e Pôrto.

Advogado de renome, que honrou a profissão de seu pai (um entre os primeiros advogados portugueses) deixou marcada a sua passagem no fóro, no país e nas províncias de Angola e Moçambique, onde participou nos Conselhos Legislativos e em Comissões oficiais de estudo, bem depressa se afirmando pelos seus conhecimentos dos grandes problemas do Ultramar.

A seguir ao 28 de maio, a opinião angolana chegou a desejá-lo no seu Governo Geral, o que o grande ministro João Belo, que muito o apreciava, teria satisfeito, se a morte súbitamente o não tivesse surpreendido.

O dr. Francisco Velloso, antigo deputado em duas legislaturas republicanas, fez a sua formação no Centro de Democracia Cristã de Coimbra no tempo em que este organismo de estudantes católicos guardou fidelidade às correntes liberais que são as do movimento democrata-cristão. Relacionado com Maritain e De Gasperi, ainda hoje se conserva defensor dessas idéias, o que define perante — e segundo sua opinião — o estatismo autoritário atual a sua posição política e doutrinária como português e católico praticante com uma altiva independência e aprumo escutadas, nos setores mais opostos, as suas opiniões e advertências. O meu entrevistado de hoje é o que pode chamar-se uma valiosa reserva das "élites" portuguesas. Desenvolvendo uma atividade trepidante que os seus talentos multiplicam, a Associação Comercial de Lisboa — Câmara de Comércio — entregou-lhe durante os últimos vinte e cinco anos o cargo de Secretário Geral. Carlos Mantero disse

um dia publicamente o que está hoje no reconhecimento geral dos meios econômicos do país: "Ele, o ensaísta brilhante, é a alma e o motor da Câmara servindo a continuidade do seu prestígio durante quatro direções de grande relêvo sob as presidências de Alvaro de Lacerda, Roque da Fonseca, Carlos Mantero e dr. Elísio Vilaça, que tôdas estimaram e prezam com louvores os seus serviços e a sua competência".

Foi no seu gabinete, sempre movimentado, na Associação Comercial que o encontrei abraçado por figuras representativas da Colônia Portuguesa do Brasil. Não procurei o dr. Velloso como Secretário Geral mas sim como comentarista político. Desde a eclosão da última guerra, ele revelou-se numa nova modalidade do seu talento e da sua cultura, como um notável crítico de política internacional, com intuições de uma segurança espantosa. Não raro, durante o conflito — como ainda hoje — os seus comentários eram reproduzidos pela radiodifusão na América do Norte e em Londres.

As suas crônicas na "Vida Mundial" são lidas e procuradas com interesse. Foram rigorosas as suas fundamentadas previsões da débacle nazista. Um livro "O drama da unidade alemã", deu-lhe celebridade, tendo sido traduzido, como obra modelar, em vários idiomas. O Almirantado britânico agradeceu-lhe oficialmente a sua lúcida coragem. O dr. Velloso mostra-me com legítima ufania cartas de Churchill e de Cordell Hull.

Nesta conjuntura inquieta do após-guerra, não quis sair de Portugal sem escutar as suas autorizadas impressões.

— Julga o dr. Francisco Velloso que breve teremos a terceira guerra mundial?

— Não. A guerra não sai por agora dos complexos choques de interesses e de ambições no Médio Oriente. O sobressalto do mundo na segunda quinzena de julho, ao rumor de uma aparente corrida de exércitos que iam desencadear a guerra geral de amplitudes hemisféricas, deixou crer a muitos que soara a hora em que se liquidaria por uma vez a política de equívocos, recuos e incoerências que desde 1945 tem impedido a restauração e normalização do equilíbrio europeu e internacional. Era, porém, um jogo de "bluffs". No curto período de duas semanas, o alarma desfêz-se, como todos os observadores atentos da vida internacional haviam previsto. Desde a primeira notícia da insurreição nasseriana no Líbano, vai em três meses, e dos desembarques dos "marines" em Beirute e da descida dos pára-quedistas ingleses na Jordânia, seguidos da declaração de que eles não interviriam nas situações internas desses países e bem depressa retirariam, via-se que por

AS HORAS INQUIETAS DO MUNDO

detrás das fachadas dos "slogans" e dos excessos verbais de discursos ameaçadores — sem esquecer as fantasmagóricas manobras russas no Cáucaso e na Bulgária — os sucessos encaminhavam-se para um beco cuja saída todos procuravam para si próprios sem virem às mãos. O que se passou, em face da revolução em Bagdad foi o alarma dos petróleos que um estudo do mapa dos contratos das grandes companhias na Arábia esclareceu sem grande esforço. Esse alarma é que deu azo às reuniões do Conselho de Segurança e às sessões da Assembléia Geral das Nações Unidas, onde se busca retornar ao "statu quo", salvando o que puder ainda ser salvo do "renversement" causado pelo aparecimento do movimento político pan-árabe.

— Mas este "renversement" não é por si uma explosão?

— A adjetivação de pan-árabe é apenas um letreiro ou divisa política. Em quatrocentos milhões de muçulmanos, concentrados sobretudo no continente industânico e na Malásia os chamados "árabes" são uma minoria de vinte e cinco milhões divididos e dispersos. Os muçulmanos de África (o Egito, o Sudão, o Maghreb, a África negra) não são árabes mas "arabizados". Mesmo na Arábia não há propriamente raça árabe, nas combinações de tipos raciais. Os Estados do Levante ao contrário do que se propala, não são árabes: aramens no Iraque, caldeus no Líbano e na Síria, o egípcio é um copta civado de turco, na Líbia e Marrocos o fundo racial típico é o bérbere. O "cachet" árabe, ou assim chamado, provém desde Maomé ou "Moamad", de modos comuns de vida e sobretudo da religião e línguas originais que outrora produziram uma cultura.

O fato histórico da conquista árabe não gerou uma comunidade. O arabismo, agrupamento federal dos Estados (não Nações) independentes desde o fim da primeira guerra mundial, de que a República Árabe Unida pretende ser o quadro catalizador e unificador por via de "Anschluss" como os da Síria e do Iraque, é portanto uma tendência de ambições políticas em que Nasser e Moscou tomam o lugar dos anglo-saxões desde que a América rasgou o acórdio de 1950 com a França e a Inglaterra no Médio Oriente e em 26 de julho de 1956 apoiou a nacionalização do Canal de Suez, a primeira que precedeu as dos petróleos, esta votada já na 12.ª Conclusão da Conferência afro-asiática do Cairo. Eis o "renversement" nos seus contornos, limites e determinantes que vai provocar não uma explosão mas uma revisão — sobretudo dos contratos petrolíferos, da qual os grupos do Texas serão as primeiras vítimas. Os espanhóis costumam dizer "con su pan lo coman..."

— Leu a Declaração de Brasília, pelo Presidente Juscelino Kubitschek e Foster Dulles? Como encara este acontecimento?

— Li. Tem de ser interpretada no seu vasto e momentoso alcance e próximas repercussões, em face dos textos da Conferência de Lima, da de Bogotá em 1948, da de Caracas em 1954 e principalmente da Conferência de Buenos Aires, de 23 a 3 de setembro de 1957 e do projeto da Convenção econômica interamericana que nasceu em Bogotá, e a que os Estados Unidos se opuseram mas que no n.º 4 da Declaração de Brasília renasce, ao concluir reconhecendo (os Estados Unidos) a prioridade do revigoramento econômico da comunidade americana, pela resolução do seu subdesenvolvimento.

Depois das amargas lições da viagem do vice-presidente Nixon e dos acontecimentos comunistas na Guiana e noutras Repúblicas do continente — que a 4 de agosto a China Popular e a Rússia firmaram na Conferência de Pequim — a iniciativa do Presidente Kubitschek foi de uma lúcida e oportuna clarividência que, prestando a Washington um relevante serviço, chamando-o à razão, repôs o Brasil na alta liderança das vinte repúblicas americano-latinas que lhe pertence, sem menoscabo das negociações acerca do comércio do café, do aumento da produção do petróleo nacional e da exportação de importantes produtos de certas regiões brasileiras.

— Acha que a declaração de Brasília deve ser considerada em Lisboa na sua importância?

O dr. Francisco Velloso, que é um cronista atento e informado perito dos problemas luso-brasileiros, responde sem hesitações:

— Mas sem dúvida! A nossa política externa — a verdadeira, a do Rei D. Carlos que a República retomou — une-nos sem desvios laterais em linha direcional à Inglaterra e à Comunidade Luso-Brasileira do Tratado de 16 de novembro de 1953, sobre o grande setor do Atlântico Sul; e nos termos do art. 1.º desse Tratado postula-se a Consulta recíproca nos problemas internacionais de interesse comum. Pelo Brasil fazem-se nossos os contatos, não ibéricos, mas lusitanos, com a América Latina onde temos grandes interesses. O que é preciso, é fazer cumular, no Tratado, as manifestações sentimentais da amizade, por resultados políticos e sobretudo econômicos, práticos e úteis aos dois países irmãos. Não pode perder-se mais tempo, depois destes últimos quatro anos de paralisação e de soluções ocasionais e precárias.



Na véspera do Círio, realiza-se a transladação da imagem de N. S. de Nazaré, ao cair da tarde, para a Catedral. No dia seguinte — a grandiosa procissão.

EM BELÉM DO PARÁ, NO 2.º DOMINGO DE OUTUBRO

A FESTA DO CÍRIO

ARMANDO MONTEIRO DA SILVA

REALIZA-SE ANUALMENTE no segundo domingo de outubro, em Belém do Pará, o tradicional Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a mais impressionante festividade religiosa do Brasil. É a grande festa dos paraenses. A sua fama já transpôs fronteiras. Pela bacia Amazônica, procedentes de vários países limítrofes descem garbosos gaiolas abarrotados de passageiros e turistas. A cidade apresenta-se toda engaladana, as largas avenidas com suas frondosas mangueiras caprichosamente ornamentadas com dísticos, bandeirolas e uma profusão de lâmpadas multicores. A Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, feêricamente iluminada de alto a baixo, a noite oferece magnífico espetáculo com o imenso clarão, visível no mais longínquo subúrbio da cidade.

As festividades se prolongam por mais quinze dias. Semanas antes, Belém se encontra invadida por enorme legião de forasteiros vindos de todos os pontos do interior e de outros Estados. Os Hotéis superlotados. As residências particulares recebem parentes e amigos que vieram do interior passar êstes dias festivos. O transporte fluvial, outrora o único disponível pelas populações residentes no interior, hoje, cede lugar para o aéreo, mais rápido e confortável. O movimento do pôrto de Belém é intenso. No imenso cais do pôrto encontram-se atracados transatlânticos, e minúsculos gaiolas abarrotados de carga e passageiros, fumegantes, carregam e descarregam noite e dia. Não menos intenso é o movimento da Estrada de Ferro e rodovias. As emprêsas aéreas multiplicam as viagens extraordinárias. Pelas ruas de Belém, encontramos velhos amigos, fazendeiros, funcionários, advogados que exercem sua profissão no interior do Estado.

Grande parte dos forasteiros são os nossos caboclos de pele bronzeada pelo sol, homens de hábitos simples que, embrenhados na selva Amazônica, raramente vêm à capital, muito embora desde crianças vivam sonhando com êsse dia. Muitas vêzes o

fazem, após um longo período de trabalho e economia, para um dia proporcionar à sua heróica companheira e filhos esta fugaz alegria. Mas nada importa. Regressam felizes, pois é sem dúvida um de seus grandes desejos o de poder ver, acompanhar e ajoelhar-se ante a imagem milagrosa da Virgem, e depois tomar parte, uma noite que seja, nos festejos do famoso arraial de Nazaré. O povo sempre os recebe com o mais fraternal carinho. Parecem crianças. Admiram tudo. Metidos no clássico terno de brim branco, duro de tanta goma, com gravatas berrantes, acompanhadas da mulher e toda filharada, percorrem as ruas da cidade.

Logo à chegada ficam extasiados com o panorama da cidade, com o formoso colar Guajarino e nesse devaneio, mansamente, vão aproando suas frágeis canoas para o Doca do Ver-o-pêso que é um imenso ancoradouro de pequenas embarcações à vela e tradicional feira onde pequenos produtores expõem e vendem seus produtos. Agora, com um longo suspiro, transbordantes de alegria, com mil planos a lhes atravessar a mente, preparam-se para saltar. Contemplam os enormes edifícios, as largas avenidas, os jardins. Assustam-se com o imenso tráfego de ônibus e automóveis. No bairro comercial compram roupas e sapatos para toda a família. São dias inesquecíveis para eles. No regresso contarão com todos os detalhes essa aventura — as suas proezas, alegrias e os sérios apertos que também passaram, pois ansiosos para ouvi-los lá ficaram nas cabeceiras dos altos rios, seus parentes e amigos que também vivem sonhando por igual oportunidade. A sua bagagem é uma verdadeira curiosidade: enorme baú de fôlha, bicharada, capoeiras de galinhas, perus, leitões, animais silvestres que trazem para vender ou presentear. As tartarugas, hoje, são raríssimas.

O comércio da capital recebe nessa época uma verdadeira transusão de ouro, tal o vulto extraordinário de negócios. A maioria dos comerciantes do interior encontra-se na capital. Também

No segundo domingo de outubro, o magnífico desfile. Multidões acorrem a Belém, vindas de todo o Brasil. É esta, talvez, a nossa mais famosa festa religiosa.





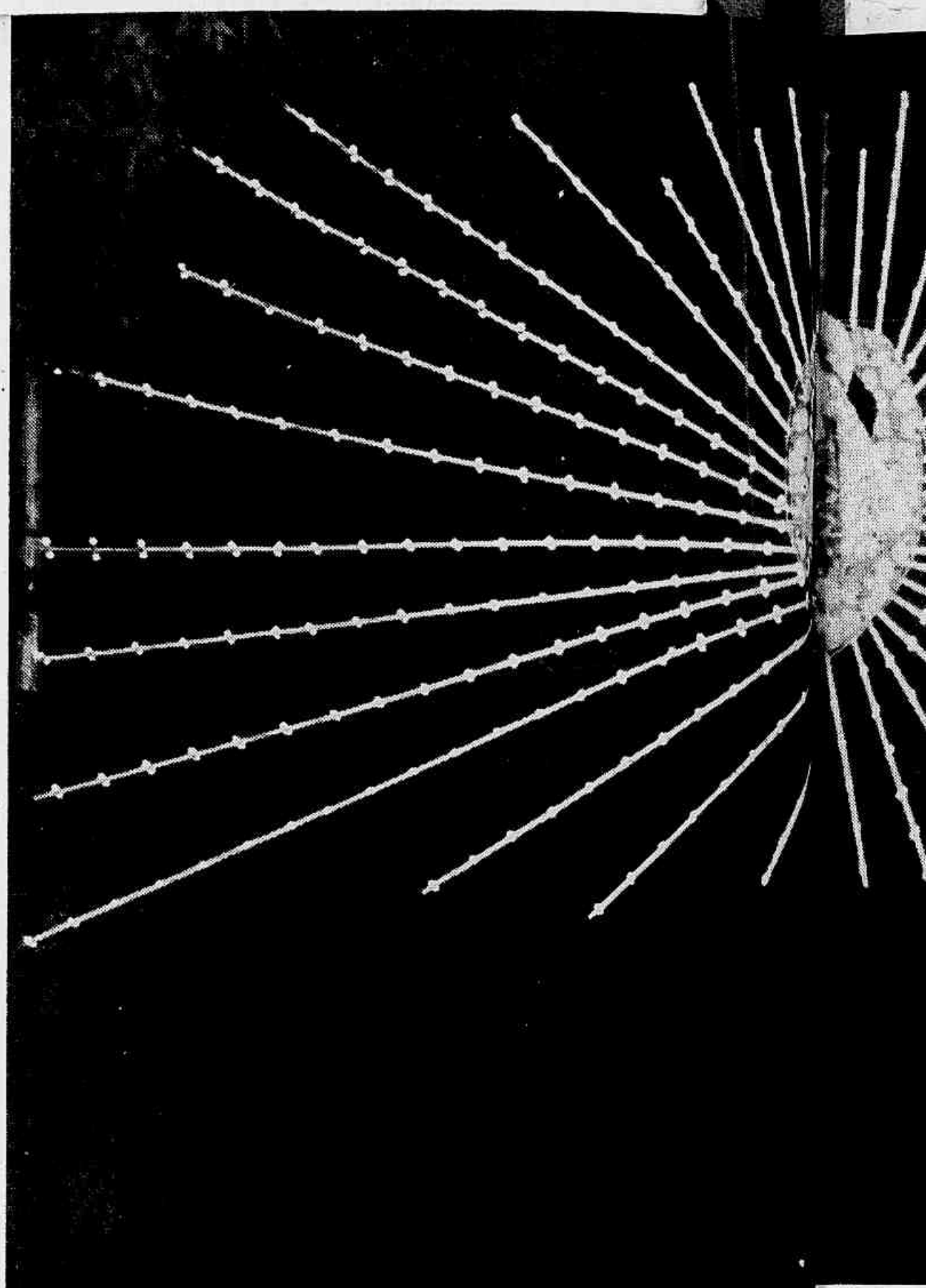
Os estandartes com a efígie da Virgem são de grande riqueza.

aproximam-se as enchentes dos rios do alto Amazonas, há meses secos, inavegáveis. Os gaiolas recebem os últimos reparos e apresentam-se para zarpar, abarrotados de gêneros alimentícios, combustíveis, etc. para abastecer os seringalistas, fazendeiros, castanheiros, etc. Aliás este abastecimento hoje, durante a seca dos rios é feito por via aérea. Os gaiolas retornam abarrotados de borracha, castanha, couros — que há longos meses aguardavam transporte. Também aproxima a safra dos produtos do baixo Amazonas — juta, castanha, sementes oleoginosas. Outrora também estes financiamentos eram feitos exclusivamente por firmas comerciais que operam na região, porém esses financiamentos hoje são feitos, na maioria, pelo crédito bancário e entidades governamentais, que também se arriscam aos azares das safras.

A PROCISSÃO DO CÍRIO

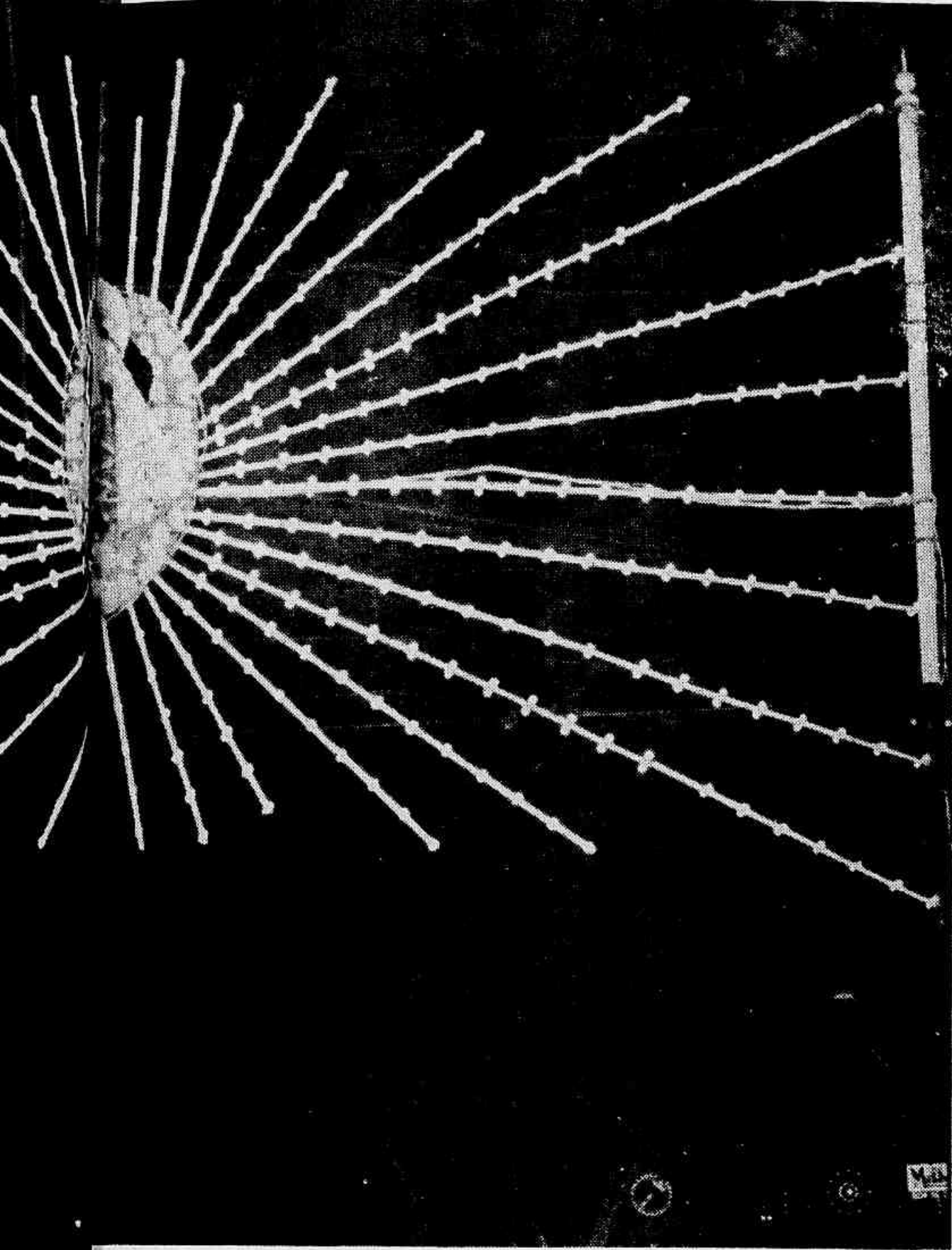
Na véspera do Círio, realiza-se a transladação ao cair da tarde. É uma procissão noturna onde a imagem da Virgem é transportada para a Catedral da Sé, donde sairá no domingo. Uma multidão de fiéis acompanha essa procissão noturna. Percorrendo longo itinerário, a imensa massa humana caminha na mais profunda reverência sob as luzes de archotes, velas e ao som de marchas sacras. Depositada a imagem na Catedral, voltam todos aos seus lares para, no dia seguinte, acompanharem a grandiosa procissão.

DOMINGO. ALTA MADRUGADA, acorda a cidade. Na rua, aquele vozear incessante e o ruído dos peregrinos. Ainda não surgiu o sol na formosa Guajará e já a imensa multidão de fiéis se comprime na tradicional praça da Sé. Clero, irmandades, colégios, autoridades já se encontram nos seus lugares. Começa a movimentar-se a massa humana rumo à Basílica de Nazaré. À sua passagem, as residências particulares ostentam nas sacadas toalhas de linho, círios, flores naturais. À frente do desfile, vem o Carro dos foguetes cuja função é anunciar a sua aproximação. Seguem-se outros, entre os quais o de D. Fuas Roupinhas, representando o fidalgo português salvo à beira de um abismo, e um dos mais impressionantes milagres da Virgem. Depois, o Carro dos Milagres onde são depositados todos os objetos oferecidos à Virgem, por graças recebidas. São peças anatômicas molduradas em cêra, representando bustos, ventres, cabeças, braços, pernas. Também as vestes são motivo de promessas. Mortalhas, luto, roxo, camisolões brancos, anjinhos. Outros conduzem miniaturas de barcos, navios, trens, aviões, por graças obtidas em viagens tormentosas, naufrágios e acidentes. O povo, em geral, compreende e respeita a grande dor de seu semelhante. Também um grande dia para os noivos e namorados. Tornam-se públicos muitos noivados e romances.



À passagem do desfile, as ruas se engalanam, as residências também participam.





O nicho dourado da Virgem de Nazaré, ornamentado de flores.

O principal carro é o que conduz a imagem da Virgem de Nazaré, conhecido como a "Berlinda". É um nicho dourado, iluminado e ornamentado de flores, em cujo centro resplande a imagem da Virgem. Puxado por dois longos cabos de manilha entregues ao povo, onde se disputa um pequeno espaço onde colocar as mãos. Todos procuram aproximar-se e a multidão se avoluma de tal maneira que o espetáculo se torna impressionante.

O ITINERÁRIO É VENCIDO em três ou quatro horas. Bandas militares executam marchas sacras e as irmandades entoam hinos em louvor à Virgem. Ao meio-dia, penetra a procissão no grande largo de Nazaré. Nesse momento, os sinos repicam. Milhares de foguetes espoucam. Os vapores surtos no pôrto apitam festivos. Penetrar agora no largo é muito difícil e muito mais na Basílica, onde milhares de fiéis desde cedo se comprimem. Neste momento iniciam-se as festas da quadra nazarena. O povo invade os bares, restaurantes e barraquinhas, especialmente os forasteiros — pois a grande maioria volve para suas casas para o tradicional almoço do dia do Círio, onde se reúne toda a família.

O ARRAIAL ESTA CONVERTIDO numa enorme feira de diversão. Na praça erguem-se centenas de barraquinhas para a venda de bebidas, brinquedos, pratos regionais e casas de sorte. Os quiosques ornamentados estão ocupados todas as noites por bandas militares que executam músicas populares até altas horas. Cinemas e teatros são instalados nas adjacências. As amáveis "sinhas" com suas blusinhas brancas, rescendendo a perfumes regionais, servem os deliciosos pratos da terra — o pato no tucupi, tartaruga, muçã, carangueijo; doces e refrescos regionais como os de bacuri, capuassu, murici, bacaba e, principalmente, o açai e o tacacá. A barraca de N. S. de Nazaré é o ponto chique da festa. É aí que se reúnem as mais importantes personagens e as mais lindas mulheres da terra. Senhoritas da sociedade servem às mesas. Cada noite é entregue a uma família de destaque social que de tudo se encarrega — dos convites aos comestíveis. Todos capricham na ornamentação e se esforçam por uma boa renda, cujo produto é revertido para as obras da Basílica. E do Rio se deslocam companhias teatrais, e artistas de rádio.

No coração dos ausentes canta sempre a mais terna saudade. E, no Rio, a colônia paraense, com o auxílio de Monsenhor MacDowel comemora a grande festa na Igreja de São Francisco Xavier.

O TRADICIONAL CÍRIO de Nossa Senhora de Nazaré, herança de nossos avoengos é hoje, sem favor nenhum, a maior festa católica do Brasil e é com grande alegria que a vemos tornar-se cada vez maior, na sua grandeza, na fé que lhe devota o grande povo do extremo norte.

residência ostentam círios e toalhas nas sacadas. Meninas vestidas de anjo



PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — excelente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom; 3 — fraco; 1 e 2 — medíocre; 0 — o fim.



- 1 — "O Amante ciumento do Vale Lone Green" é uma tela de:
 - Picasso ?
 - Thomas Hart Benton ?
 - Grant Wood ?
- 2 — Aspásia lembra:
 - Péricles ?
 - Alcebiades ?
 - Demóstenes ?
- 3 — O pai da moderna máquina a vapor é:
 - Fitch ?
 - Watt ?
 - Fulton ?
- 4 — O poeta Manuel Batista Cepelos morreu a 8-5-1915:
 - Num desastre de trem ?
 - Num naufrágio ?
 - Suicidando-se ?
- 5 — A primeira ópera brasileira, representada no Teatro São Pedro de Alcântara, no Rio, em 1860, foi:
 - A Noite do Castelo ?
 - Noite de São João ?
 - O Guarani ?
- 6 — Samário significa:
 - Metal raro ?
 - O mesmo que sumário ?
 - Preguiçoso ?
- 7 — A primeira erupção vulcânica relatada na história (em 125 A.C.) foi a do:
 - Monte Etna ?
 - Popocatepetl ?
 - Fugiyama ?
- 8 — Noli me tangere (não me toques) são palavras ditas por:
 - Jesus a Madalena ?
 - David a Gollas ?
 - Cícero a Catilina ?
- 9 — Raimundo Correia, grande poeta maranhense, morreu a 13 de setembro de 1911 em:
 - São Luís ?
 - Paris ?
 - Montevidéu ?



RESPOSTAS: 1) Thomas Hart Benton; 2) Péricles; 3) Watt; 4) Suicidando-se; 5) "Noite de São João", de Elias Alves Lobo; 6) Metal raro; 7) Monte Etna; 8) Jesus a Madalena; 9) Paris.

OS GALHOS DO CEDRO

(Continuação da pág. 1)

midade. Os dramas humanos vinham do fato de as prostitutas não esquecerem o espírito e as castas esposas, liricamente amadas, banalizarem-se nas grotescas necessidades da vida".

Resolveu sair para espantar as preocupações. Consolou-se, pensando haver a hipótese de Jasmina, depois de esposa e mãe, enganar, perdendo aquela beleza esguia e imponente. Amatronar, como estava acontecendo com Sandra.

Ao se sentarem para o jantar, Sérgio inquiriu:

— Como é, mano, você ainda está bêbado de cola-guaraná ?
 — Só fizemos duas visitas, portanto, foram só dois copos.
 — Nois saímos tarde cum aquela stória de Bumba-de-Meu-Boi.
 — Bumba-Meu Boi, vovó! A senhora está há séculos no Maranhão e insiste, através dos anos, em dizer Bumba-de-Beu-Boi. A língua dura, vovó!

— Océ num comprende tudo ieu diz? Pronto, qui tem bucadu errado?

— Vovó, você é gozada! Que tal, a Rainha e a Princesa fizeram solenes despedidas?

Lino contou que só haviam ido em casa dos Kury e dos Sawaya.

— O velho Kury fez as pazes com vovó. Estavam meio estrecados porque ela lhe declarou que jamais daria Jasmina para o filho d'ele. Essa turma velha da colônia é engraçada. Você sabem que o velho ainda insinuou a hipótese de Jasmina ficar no Maranhão para ser sua nora?! Parece que o Jorge continua apaixonado.

— In casa de Sawaya também ficaram triste de Jasmina ir embora. Quase pediram ela em casamento pra sobrinho d'eles.

— É, Jasmim do Cabo arrasou corações.

Jasmina quis mudar de assunto, falando de uma observação feita durante a temporada passada em S. Luís: os libaneses, então, si, elogiavam a terra adotiva com afeição e ternura, mas entre brasileiros, punham o Líbano nos píncaros, dando impressão de o acharem em tudo superior ao Brasil, o que não era muito simpático e diplomático... Aquêles que visitavam a Terra Natal, levavam o Brasil no coração, descrevendo-o com exageros de elogios. Estranho paradoxo, motivado certamente pela vaidade. Aquela medo de os brasileiros terem, sequer, a mínima suspeita de que eles haviam fugido de uma pátria inóspita. Lá, horror dos seus compatriotas imaginarem que a terra para onde emigraram, não os havia compensado de modo cabal pelo sacrifício do voluntário expatriamento.

Sérgio perguntou:

— Jasmim do Cabo, você vai escrever a êsse respeito também? Vai ter assunto de sobra para embasacar os colegas. Faça um artigo sobre vovó, que é um símbolo da coragem da mulher libanesa no Brasil. Mande sempre os artigos para lermos.

Jasmina não disse nada. Sérgio percebeu-lhe uma repentina tristeza. Seus olhos grandes e negros brilharam numa promessa de lágrimas. A emoção da jovem alegrou-o.

"Banal como um amor de primos..." Se Jasmina e Sérgio chegassem a casar-se, a colônia contaria a história em poucas palavras — a avó mandou buscar a neta para casar com o neto mais velho, êle a princípio não quis, depois se gostaram, se casaram e são felizes..."

"Banal como um amor de primos". Como se jamais o amor pudesse ser banal! É sempre velho e inédito, renovando-se infinitamente, Fenix a renascer de mortos amôres, com as galas do primeiro e único.

(Continua)



EXILIO



Curd Juergens, o galã da moda, é o galã de Ingrid em "A Morada da Sexta Felicidade" — ele é um oficial eurasiano, ela é uma inglesa radicada na China.

CINEMA

(Continuação)

A MORADA DA SEXTA FELICIDADE



Outro grande nome no elenco de "A Morada da Sexta Felicidade" é o de Robert Donat — que se despede com este filme, terminado 2 semanas antes de sua morte. Donat faz o papel de um mandarim.

DURANTE SETE ANOS, Ingrid Bergman limitou sua atividade artística aos filmes de Rossellini, seu marido até novembro do ano passado. Em nenhum desses filmes, brilhou como nos que vinha fazendo a partir de 1939 em Hollywood, onde chegou com já razoável experiência no cinema sueco. De 1949, ano em que seguiu para a Itália a fim de interpretar **Stromboli**, até 1956, quando reapareceu com **Anastasia**, a grande atriz não teve um só êxito ao lado de Rossellini. Só alguns críticos (franceses, sobretudo) fiéis ao culto rosseliniano, viram qualidades em fitas como **Viagem na Itália** e **Europa 51**.

Foram sete anos apagados, de ostracismo. Mas a popularidade e o talento de Ingrid Bergman estavam apenas adormecidos, tanto que, ao decidir, finalmente, aceitar uma das propostas que continuavam a lhe fazer os produtores americanos, a estrela recuperou com um só filme (e um filme sem maiores virtudes, como **Anastasia**) todo o prestígio de antes. A Academia de Hollywood, comemorando o reatamento de relações, premiou a atriz com um "Oscar" — o segundo, por sinal, de Ingrid, que obteve o primeiro em 1944, por sua performance em **A Meia-Luz** (*Gaslight*).

MAS NÃO EM HOLLYWOOD

Ingrid Bergman voltou a integrar o quadro das maiores estrelas do cinema americano, mas não voltou a filmar nos estúdios de Hollywood. A condição que impôs (logo aceita): a de trabalhar

somente na Europa. **Anastasia** foi rodado em várias cidades do continente (Paris, Copenhague) e terminado e montado em Londres, onde Ingrid, aliás, estabeleceu o seu quartel-general. Quem quiser chegar a ela, tem de ir até lá. E já foram: Stanley Donen, produtor diretor de **Indiscreet**, e Mark Robson, que a dirigiu no terceiro filme de sua nova fase, **A Morada da Sexta Felicidade**.

Ao que parece, Ingrid não se sente à vontade num ambiente onde tantas críticas lhe foram feitas por ocasião de seu romance com Rossellini, de quem ficou grávida quando não havia ainda conseguido o divórcio do dr. Peter Lindstrom. Assim, prefere permanecer na Europa. Mas já esteve, de visita, na América, a fim de receber, entre várias homenagens, o prêmio da crítica de Nova Iorque. A opinião de Hollywood acerca da integridade moral da heroína de **Quando Fala o Coração** já mudou radicalmente, porém a de Ingrid acerca da hipocrisia e do falso puritanismo da fauna hollywoodiana continua sendo a mesma que ela teve ocasião de formar durante aquela crise.

A REBELIAO COMEÇOU COM RENOIR

Antes de **Anastasia**, vale a pena salientar, Ingrid já havia iniciado sua rebelião contra a "ditadura" de Rossellini, ao fazer, sob a direção de Jean Renoir, na França, **Elena et les Hommes**. Era o seu primeiro filme sem Rossellini, desde o **affaire** causado por **Stromboli** sete anos antes. Entre Jean Marais e Mel Ferrer, voltou



Ingrid, com Juergens e Donat, em outra cena do filme que Mark Robson dirigiu nos estúdios de Elstree, baseado numa novela ("The Small Woman") de Alan Burgess.

Ingrid Bergman a sorrir como aquela Ingrid Bergman que todos conheciam e amavam. A versão de **Elena et les Hommes** que veio ao Brasil, com alterações em sua estrutura original impostas pela companhia distribuidora, não chegava a dar a medida exata do valor do filme — muito superior, sem dúvida, a **Anastasia**, embora sem a mesma capacidade de penetração no meio do grande público.

Ao libertar-se da direção de Rossellini, estava Ingrid, também, a caminho da independência total. Com os prêmios, a redescoberta e novamente a fama, a bela sueca afastava-se, cada vez mais, do cineasta italiano, até porque ele passava a ser, então, apenas o marido de Ingrid Bergman, e não mais, como antes, o lançador do movimento neo-realista, nessa altura quase extinto. E um ano depois, veio o divórcio — quando Rossellini voltou da Índia com um novo filme e uma nova fvorita. Os filhos do casal (Roberto, nascido em 1950, e as gêmeas Isabella e Ingrid, hoje com seis anos) ficaram com a mãe.

Da estréia em **Intermezzo** até o exílio que começou com **Stromboli**, foram inúmeros os triunfos da Bergman em Hollywood —

Baxter e Susan Hayward) e **Joana d'Arc** (com José Ferrer). Entre seus maiores êxitos, figuram **Casablanca** (com Humphrey Bogart), **Mulher Exótica** (com Gary Cooper) e tudo o que fez sob a direção de Alfred Hitchcock: **Quando Fala o Coração** (com Gregory Peck), **Interlúdio** (com Cary Grant) e **Sob o Signo de Capricórnio** (com Joseph Cotten). Merecem ainda ser lembrados, quase exclusivamente por causa da admirável presença de Ingrid, a versão n. 3 de **O Médico e o Monstro** (com Spencer Tracy e Lana Turner), **Fúria no Céu** (com Robert Montgomery e George Sanders), **Por Quem os Sinos Dobram** (com Gary Cooper), **Os Sinos de Santa Maria** (com Bing Crosby), **Arco do Triunfo** (com Charles Boyer).

Seu último filme americano foi **Sob o Signo de Capricórnio**. Logo depois, Ingrid, que por carta havia manifestado a Rossellini a sua admiração diante de **Roma, Cidade Aberta e Paisá** — o que só há pouco ela revelou — combinou com o diretor italiano, que para isto viajou para Hollywood, a realização de **Stromboli**. O que ocorreu durante a produção desse filme todo o mundo soube e discutiu — a paixão fulminante, o primeiro divórcio, o escândalo. E o exílio.

DEPOIS DO SEGUNDO "OSCAR"...

No rastro de **Anastasia**, vêm aí mais dois filmes. **Indiscreet**, que Ingrid começou a fazer três dias após o segundo divórcio, é a versão de uma peça ("Kind Sir") de Norman Krasna, lançada na

A GRANDE FASE DA ESTRELA

sobressaindo a atriz mesmo em filmes de importância artística secundária ou nula, como **Os Quatro Filhos de Adão** (com Warner



"Anastasia" devolveu ao cinema americano a sua grande estrêla. Após sete anos de Rossellini (e ostracismo), a Bergman voltou como a misteriosa mulher que Yul Brynner, um aventureiro, queria apresentar como a princesa russa, sobrevivente do massacre do Czar e sua família pelos comunistas e única herdeira da fortuna de Nicolau II. Um "Oscar" foi atribuído a Ingrid, comemorando o reatamento de relações entre a atriz sueca e Hollywood.



No segundo filme de sua nova fase, "Indiscreet", voltou Ingrid Bergman a atuar ao lado de Cary Grant, com quem, nos bons tempos, fez um de seus maiores êxitos: "Interlúdio", cuja ação hitchcockiana se desenrolava no Rio. A dupla, agora, funciona em Londres.

Broadway com Mary Martin e Charles Boyer nos papéis agora confiados a ela e Cary Grant. O próprio autor encarregou-se da adaptação de sua comédia, que Stanley Donen, mais conhecido por suas experiências no gênero musical, produziu e dirigiu. O papel de Ingrid é o de uma atriz internacionalmente famosa que se envolve com um *playboy* (Grant) e, em certa altura, descobre que o amante é casado. A sua surpreendente reação a essa descoberta, confundindo inteiramente o Don Juan, move a narrativa no terreno da *sophisticated comedy*.

Mal concluiu *Indiscreet*, começou a atriz *The Inn of the Sixth Happiness* (A Morada da Sexta Felicidade), a convite de Buddy Adler, o chefe de produção da 20th Century-Fox. A história saiu da novela "The Small Woman", de Alan Burgess, cuja ação se desenvolve na China, onde está radicada a heroína inglesa; durante a invasão japonesa. Os companheiros de Ingrid são Curd Juergens,

um oficial eurasiático, e Robert Donat, um velho mandarim que, para sobreviver à implantação de novo regime, precisa renunciar à província que, há tanto tempo e com tanta gravidade, vem governando. A direção do filme ficou com Mark Robson, responsável por inúmeras fitas expressivas, como *O Invencível*, *Alma em Revolta* e *A Trágica Farsa*. E a filmagem de *A Morada da Sexta Felicidade* terminou poucos dias antes da morte de Robert Donat, que teve a sorte, assim, de estar ao lado de Ingrid Bergman na sua derradeira performance.

Para a estrêla, o cinema continua. Aos 41 anos de idade, Ingrid continua entre as atrizes mais bonitas. Entre as de maior talento, também. E é, ainda, uma das poucas que poderiam orgulhar-se de ter dobrado os preconceitos hollywoodianos — se ela, com tantas vitórias em sua carreira, fôsse perder tempo em orgulhar-se disso.

INGRID DEPOIS DO EXÍLIO

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

JK - LUTA PARA MANTER PTB IDEM ATRAIR UDN MAS O PROBLEMA É SALVAR PSD

JK, O GRANDE DERROTADO de 3 de outubro, o homem que indicado candidato por dezoito seções estaduais do PSD, tornou-se o Presidente da derrocada do partido dos interventores em suas bases regionais, era o brasileiro mais preocupado na semana que passou.

O Presidente via entrar e sair no Palácio as figuras do próprio chefe do seu partido (Amaral Peixoto, esmagado no Estado do Rio), Vieira de Melo (imolado na Bahia), Ulisses Guimarães (estrangulado em São Paulo) e tantos outros, Senhor, tantos outros. Uma legião que tão cedo não pensava em morder o pó do sofrimento.

LUTAR PARA RETER O PTB — É um problema do Presidente Juscelino. Sua maioria parlamentar, tantas vezes manifestada precariamente, ficou ainda mais eventual com o crescimento da Oposição e do próprio PTB, ao lado do aniquilamento do PSD. Mas o PTB (esquivo João diante dos sete véus das Salomês do regime) hesita em entregar a cabeça ao regaço presidencial. O caminho do sacrifício parece o melhor...

LUTAR PARA ATRAIR A UDN — É outro problema do Chefe do Governo. Antes do pleito, quando ainda sondava o eleitorado, a UDN andou tolerando as conversas do Catete. Foi o período áureo do "realismo", escrito com aspas, mesmo. Agora, que está com tudo, a UDN tem o direito de se achar prosa. Não vai em qualquer arranjo por trás do biombo. JK não parece estar impondo muitas condições, como antes. Mas Lacerda saiu a viajar, com a esperança de que a UDN partisse intacta para a grande aventura de 1960.

SALVAR O PSD. Esse o problema principal do Presidente, que precisa de cuidar de sua base partidária fundamental, onde, bem ou mal, estão os homens que o levaram à vitória e, bem ou mal, o mantêm no Poder. Mas, salvar como?

RENDENDO-SE A MAIORIA. Parece este o caminho que terá de seguir (e já começou) o Presidente Juscelino Kubitschek. Cada vez que tentar contrariar um dos grupos de duvidosa fidelidade que o acompanham, o Presidente se verá forçado a rever os atos, se aqueles o desejarem. Chegará brevemente a um ponto em que o Presidente não mais poderá governar.



Juscelino.

E UMA ESTRELA SE LEVANTA. Chama-se Jânio Quadros, vem do Sul e com luminosa trajetória que, em plena metade do mandato, começa a empalidecer a estrela de Juscelino Kubitschek. O que Carvalho Pinto receava em abril (entrevista que me concedeu à RS) com relação a Ademar de Barros, caso viesse a empolgar o Poder, já principia a acontecer com Jânio Quadros. O Governador de São Paulo começa a despachar dos Campos Elísios para todo o Brasil.

QUEM CAIU DO TRAPÉZIO

FOI O PSD, partido majoritário até 1955, minoritário em 1958, e que despencou com força porque seus equilibristas não tinham mais contacto com a terra e já sofriam de vertigem das alturas.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES



Balbino.



Bernardes.



Vieira.

BILHETINHOS

- ◆ Na marcha em que sobe a estrêla de Jânio Quadros, ninguém se surpreenderá se, dentro de alguns dias, JK começar a receber bilhetinhos do papão dos Campos Elísios.
- ◆ Aliás, Jânio está fortemente amparado pelas classes conservadoras paulistas, que o assessoram em tudo e empenham muitos recursos na eleição de Carvalho Pinto. Os industriais e comerciantes paulistas consideram as campanhas de Jânio e a vitória de Carvalho Pinto um triunfo das classes dirigentes.

VENCER. SEMPRE

- ◆ Vencer sempre, não perder nunca, era o lema que o sr. Antônio Balbino usava até que chegou ao Governo da Bahia. Aí parece que continuou a pensar assim, mas deixou de agir em consequência quando lhe apareceu Pedreira pela frente...

MISSÃO DE GUERRA

- ◆ Carlos Lacerda, logo que teve certeza da vitória nas urnas, correu para São Paulo, Bahia e Santa Catarina, a fim de impedir que a vitória da UDN se converta numa vitória... de Bias Fortes. Verdadeira missão de guerra.

BRASÍLIA: SÓ EM 1972

- ◆ Outra do líder udenista: apresentação à Câmara de projeto de lei adiando para 1972 a mudança da capital. Motivo aparente: dar tempo a mudança ordenada para uma cidade de fato construída. Motivo real: dar tempo a que JK desista de querer repetir Getúlio Vargas e use Brasília como obra de Santa Engrácia para ficar perpetuamente no Poder...

ISRAEL, NÃO

- ◆ Israel Pinheiro seria afastado da direção da Novacap, indo substituí-lo o atual dirigente de uma capital moderna (dizia-se, esta semana, no Catete). Dêsse modo, o povo de Brasília, que já vive no deserto, deixará de ser o povo de Israel.

NÃO PODIAM

- ◆ Até o Itamarati teve de interferir para obrigar o time do Bela Vista, de Sete Lagoas, Minas, a voltar ao Brasil, depois de envergonhar o futebol brasileiro na Europa. Gente pensava que o time não voltava de teimoso ou de esperto. Não, disseram os mineirinhos. Não voltamos porque não podemos. Agora, não. Deixem ficar mais, até esquecerem um pouco.

EM CASA

- ◆ Esse clubezinho repetiu o cartaz daquele bloco que saía da Polícia do Rio, na quarta-feira de cinzas: "Que é que eu vou dizer em casa?"

PCD

- ◆ A campanha contra Jarbas Maranhão, em Pernambuco, envolveu ataques pessoais

ao candidato de Etelvino, acusado de jamais acordar antes do meio-dia. Por isso, diziam que Jarbas era do PCD (Partido do Come e Dorme).

CARECAS, ALEGRAI-VOS

- ◆ Em uma das últimas aparições na TV, antes do pleito, Lacerda explorou a sua calvície incipiente, dizendo: "É bom que o dr. Lutero perca a eleição. Como eu estou ficando careca, posso beneficiar-me dos seus serviços profissionais."

INSACIÁVEL

- ◆ Depois de atropelar o IBGE por dois anos, o sr. Pires Ferreira (mais uma vez derrotado nas eleições à Câmara) já fez ver suas disposições de voltar àquela casa merecedora de melhor destino. Os ibegeanos que desejavam vê-lo eleito sabem que desperdiçaram o seu voto, pois nem assim conseguiu livrar-se do miudinho. Jurandir também tem a sua Brasília particular, uma espécie de moradia para trabalhadores que resolveu levantar em Paradas de Lucas, à espera de votos que não chegam mais.

SATISFEITOS

- ◆ Na Associação Comercial do Rio é grande a alegria pela reforma cambial (disfarçada) de Lucas Lopes. Alguns homens de empresa desconfiam que Lucas é, mesmo, um bom construtor de barragens, mas consideram que, em matéria de vendas compensadoras, ele está no bom caminho.

PALÁCIO VOADOR

- ◆ Nosso caríssimo Presidente comprou mais um palácio voador, outro Viscount (diga: Vicaunt, para honrar o sotaque original da fábrica).

PARAÍBA: AO CONTRÁRIO

- ◆ Para alegria de Drault Ernany e para provar que sempre há consolo numa grande desgraça, a situação do PSD na Paraíba foi diferente da do resto do Brasil, na última eleição. Ganhou em toda a linha, aumentou o número de deputados, Rui Carneiro vem para o Senado e José Américo foi derrotado.

PLÍNIO, DEPUTADO

- ◆ De chefe fascista a presidente de partido político misturado na pluralidade partidária, Plínio Salgado agora passa a deputado federal pelo Paraná. Fez um senador (Guido Mondin), no Rio Grande do Sul e pretende comandar uma pequena bancada no Palácio Tiradentes.

A MELHOR TRAIÇÃO

- ◆ Amigos de JK comentavam que o melhor que lhe podia acontecer, no episódio da "cristianização" do sr. Bernardes Filho, era passar por faltoso à palavra empenhada. Pois, como iria ficar politicamente se dissesse que suas ordens não tinham sido cumpridas por Bias e Benedito, como ficaria se estivesse claro em Minas que ele, JK, tinha sido traído?...



MÁQUINA DE CALCULAR GANHA ELEIÇÃO

EM 1948, Carvalho Pinto era delegado de São Paulo na III Conferência de Contabilidade Pública e Assuntos Fazendários. (Nessa ocasião, o conheci). O homem era de contas. Em 1955, era Secretário da Fazenda de São Paulo. (Nessa ocasião, o revi). O homem continuava a ser de contas. Em 1958 (abril) era candidato ao Governo de São Paulo e recebia na Secretaria da Fazenda os primeiros eleitores. (Nessa ocasião, o entrevistei). O homem era

sempre de contas e por isso lhe pedi que posasse com uma máquina de calcular na mão e a entrevista teve um título: "Carvalho Pinto — Máquina de calcular ganha eleição". Em 1958, outubro, Carvalho Pinto é candidato vitorioso ao Governo de São Paulo. O homem é de contas, venceu com as máquinas de calcular, o povo aplaudiu as boas contas que fez e que como todo homem honesto apresentou.



JÂNIO: SINAL VERDE PARA A PRESIDÊNCIA

DE UM SALTO, Jânio Quadros se colocou à frente de todos os candidatos presumíveis à sucessão presidencial, em 1960. A espetacular vitória que obteve com a eleição de Carvalho Pinto, seu Secretário da Fazenda, para o Governo de São Paulo e a sua prova individual, com a mais espetacular votação para deputado federal no Paraná (onde teve, inclusive, como concorrente, o sr. Plínio

Salgado), a massa de eleitores que mobilizou nos dois Estados e a enorme atração que passou a exercer sobre o eleitorado em outras unidades federadas, incluindo o Rio de Janeiro, tudo isso abriu de tal forma o caminho de Jânio Quadros, que a própria estrela de Lacerda não lhe faz contraste no firmamento em que as Oposições pretendem enfrentar o atual Governo e seus sustentáculos, daqui a dois anos.



EM LOUVOR DA CRIANÇA

MAL CHEGA OUTUBRO e uma voz feminina chama por mim ao telefone. Mudam as donas das vozes, mas o apêlo é o mesmo e repercute sempre profundamente em meu velho coração: — Não esqueça que no dia doze começa a semana da criança. Não esqueço. Há oito anos venho acompanhando a luta, o desvelo, o entusiasmo com que trabalha a Campanha Nacional da Criança, mantendo organizações, institutos, orfanatos, asilos, dando às crianças desvalidas aquilo que lhes falta: amor. E não se julgue que as senhoras que compõem a Campanha, que a dirigem, só trabalham em outubro. Seria impossível pois o amor que sentem pela causa que é de defesa dos pequeninos, não deixaria que ficassem sossegadas o resto do ano.

Estamos vivendo mais uma semana da criança. Em todo o território nacional são promovidas campanhas financeiras que traga mais pão, mais conforto, maior alegria para os nossos pequeninos desprotegidos. Poucas coisas neste Brasil funcionam com tanta galhardia, tão bem quanto essa Campanha, que é de iniciativa privada, mas conta com a colaboração eficiente do Departamento Nacional da Criança. Talvez porque goste muito de rever velhos papéis, talvez porque guarde carinhosamente tudo que me interesse, eis-me aqui agora com o Decreto-lei n.º 2 024 de 17 de fevereiro de 1940 quando o então ministro Gustavo Capanema (de quem sou fã) expôs ao Presidente da República a necessidade da criação de um Departamento Nacional da Criança. Dizia êle nessa exposição de motivos, entre outras coisas: "Sabemos que o principal fator de nossa deficiência demográfica é a mortalidade infantil, que entre nós atinge a cifras verdadeiramente pasmosas. A deficiência orgânica que aqui e ali se verifica em nossas populações é, por outro lado, consequência de uma infância criada defeituosamente, ora pela ignorância ou miséria do país ora pela falta do lar e das condições essenciais que o lar proporciona".

Poderia citar mais, reproduzir outros trechos, mas fico neste. O mais triste é que êsse retrato brasileiro feito em 1940 é o mesmo ou talvez seja ainda muito pior. Crianças continuam ao abandono sem escolas, creches, jardins de infância. Crianças continuam de mãos estendidas para a caridade pública; crianças morrem sem ter vivido e encontrá-las nos estados do Nordeste, por exemplo, é ter o mais tremendo dos choques emocionais. Nuas, raquíticas, com os olhos tão tristes pela miséria que jamais poderão ser esquecidas.

Nenhum espetáculo é mais doloroso na vida do que encontrar crianças miseráveis. Tôda minha coragem desaparece diante de um pequenino faminto e maltrapilho. Sei que o problema é enorme; sei que resolvê-lo é difícilimo, porém temos uma obrigação: minorá-lo. Minorá-lo de qualquer maneira, por todos os modos e um dêles, o maior e o melhor, é colaborar, ajudar a Campanha Nacional da Criança.

Outubro chegou e com êle a semana da criança. Saudemo-las tôdas, não porque para saudá-las precisemos de dias marcados, mas porque em todo o território brasileiro nelas devemos pensar melhor e mais profundamente nesta semana. Saudemos as crianças felizes que crescem sem problemas de saúde ou de alegria. As crianças que são simplesmente crianças também as outras, as que nada possuem a não ser o vago desejo de serem adultos. Saudemos neste mês todos os pequeninos, os prisioneiros dos arranha céus, os garotos miseráveis mas livres dos nossos morros, os pequeninos famintos do Norte e Nordeste, os do Sul mais robustos e corados. Tôdas as crianças brasileiras assegurando-lhes um direito: o de serem crianças. Não pensemos nos homens de amanhã, pensemos com amor nas crianças de hoje. É o dever de todos, principalmente daqueles que tiveram a felicidade de terem sido realmente crianças.



ENEIDA

OLHOS INVISÍVEIS AJUDAM A GARANTIR A SEGURANÇA DE VÔO



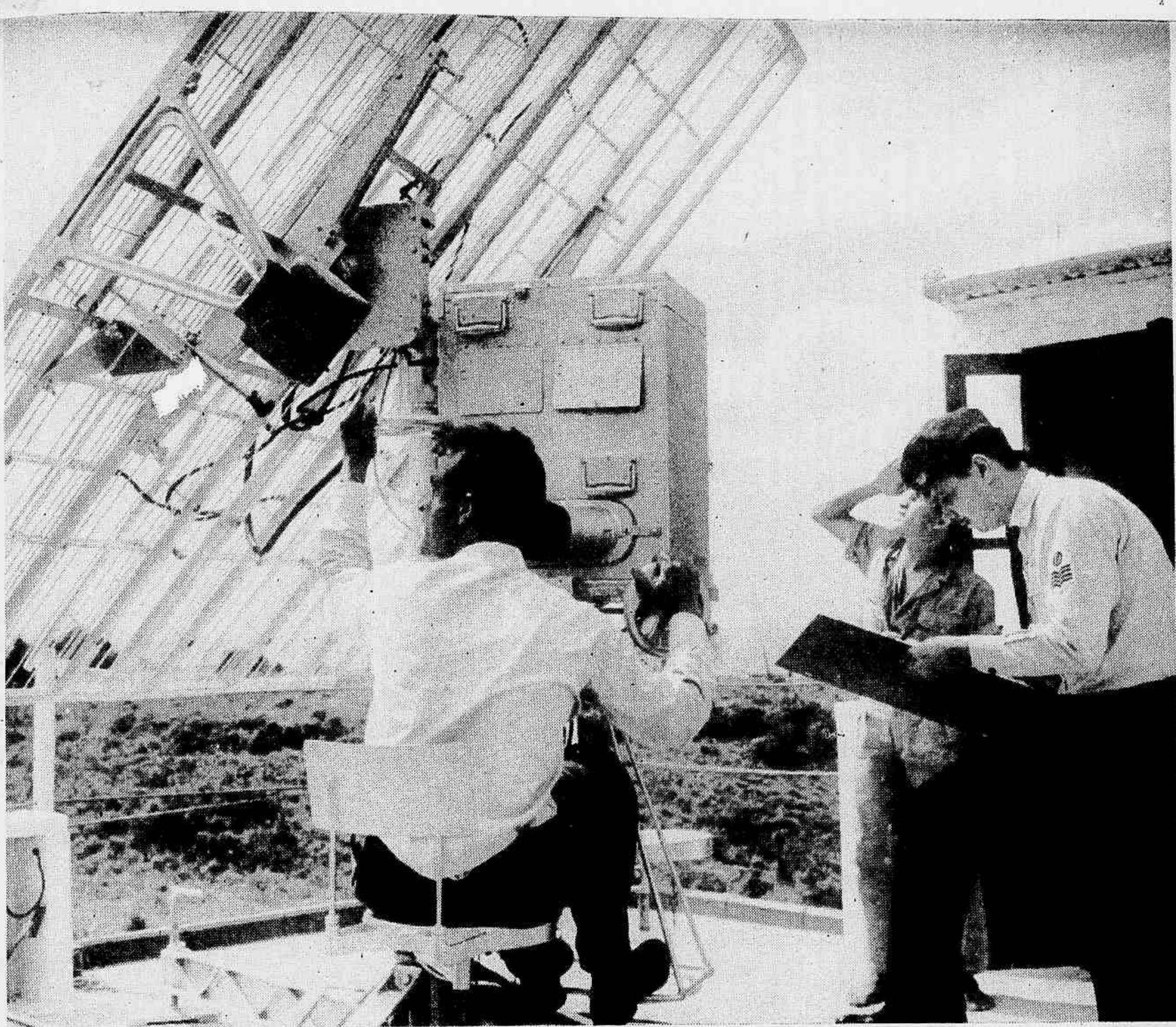
Com o prolongamento da pista, o Aeroporto Santos Dumont passou a receber aviões dos mais modernos tipos. Até mesmo os Conval

O QUE CONTAMOS aqui, acontece todo o dia. Poderá ser com você, com sua irmã, com qualquer pessoa. A moça que focalizamos, não é nenhum modelo fotográfico, nem foi ao aeroporto especialmente para ser fotografada. Escolhemos assim, entre as dezenas de moças que todos os dias embarcam no Santos Dumont, para os mais diferentes destinos. Não tivemos a preocupação de criar-lhe nenhuma história especial. Apenas, relatar um fato cotidiano, rotineiro. A empresa aqui focalizada, justifica-se, por ser das melhores. E sempre procuramos o que existe de melhor, quando divulgamos qualquer coisa de interesse público.

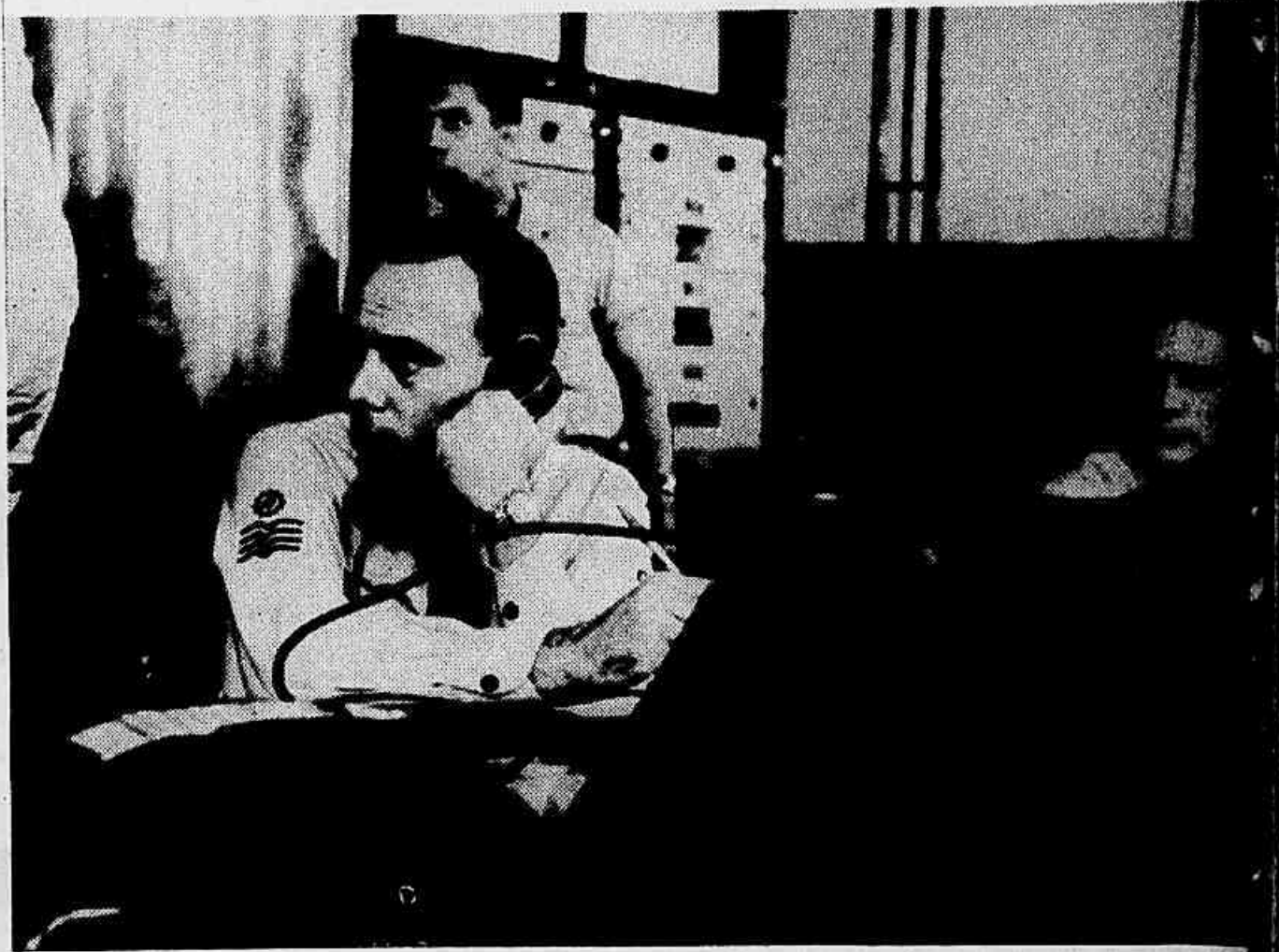
Tudo isso tem uma única razão. Queremos, contando a história de uma moça que prefere o avião como meio de transporte seguro, prestar uma homenagem a esse grupo de homens que ajudam o Brasil a crescer. Homens (e também mulheres) que dedicam as

suas atividades nos mais diferentes setores da aeronáutica, civil ou militar. Que ficam acordados quando dormimos, que trabalham quando descansamos. Militares e civis, cuja heróica história merecia ser contada diariamente, de um por um. Cujo trabalho, conhecido de perto, nos dá, não apenas **mais** confiança na aviação comercial de hoje, porém, **INTEIRA E ABSOLUTA** confiança.

Não temos a pretensão de mostrar-lhes, em uma simples e única reportagem, o que são os bastidores da aviação brasileira. Faremos isso algum dia, não tenham dúvida. Tal o entusiasmo com que nos sentimos apossados, vendo e sentindo o trabalho anônimo de uma legião de bons militares e civis. Por hoje, nos consideramos amplamente pagos em prestar uma homenagem aos aeronautas e aeroviários de todo o Brasil, durante a "Semana da Asa" que estamos comemorando com justo orgulho.



O RÁDIO-SONDA tem sido um grande auxiliar da aviação. Dá a velocidade e direção do vento, além de outros dados.



A TORRE DE CONTRÔLE é o cérebro do aeroporto. Dali partem as ordens para pouso e decolagem.

O SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES trabalha 24 horas por dia. Transmitindo ordens, boletins e previsões de tempo.



Voar hoje em dia não constitui mais aventura. A bela passageira não esconde a sua satisfação, pois sabe que está em boas mãos

HÁ DIAS QUE SÓ pensava na viagem. Para si, depois de longos anos sem voltar aos pagos, era como se fôsse um sonho maravilhoso. O avião decolaria precisamente às 12 horas e a recomendação da companhia determinava que levaria "estar no aeroporto uma hora antes da partida da aeronave". Mas, apesar de poder dormir até bem tarde, foi-lhe impossível permanecer na cama depois das seis da manhã. Não era nervosa, sabia a segurança que existe na aviação comercial de hoje, mas uma ansiedade lhe dominava completamente. Antes das dez já discava o telefone à procura de um táxi. De sua casa ao aeroporto, não levaria mais que vinte a trinta minutos. Chegaria portanto com um adiantamento de meia hora. Não tinha importância — dizia para si mesma — o ambiente das estações de passageiros é sempre curioso, com o seu vaivém constante. Depois, poderia encontrar pessoas conhecidas e surgir um "bate-papo" agradável. E afinal de contas — continuava raciocinando — de que valeria ficar em casa, andando de um lado para o outro? A sua ansiedade de rever os parentes queridos, somente terminaria quando se sentisse recostada, comodamente, na cadeira do "Convair". Aí sim, estaria inteiramente tranqüila.

Saltou do táxi em frente ao Santos Dumont e não pôde conter o impulso de olhar para cima, bem para o alto. Nada entendia de meteorologia, mas o sol brilhando no céu azul, sempre lhe inspirava maior confiança. Era como se fôsse um prenúncio de "boa viagem!". A recepcionista, um desses anjos que sempre recebe os passageiros com um belo sorriso, pediu para identificar a sua bagagem. Outro funcionário solicitou-lhe o bilhete de passagem, consultou o peso na balança e falou amavelmente:

— Senhorita, lamento muito, mas a sua bagagem tem cinco quilos a mais do que o limite grátis permitido. Posso tirar o talão de excesso?

— Certamente. Não tem nenhuma importância — respondeu ela, intimamente satisfeita, porque sabia que aquela exigência representava uma prova do cuidado da companhia, para evitar que o avião decolasse com peso acima do estabelecido pela fábrica.

— Aqui está a sua ficha senhorita. Chamaremos para embarque dentro de uma hora, aproximadamente — falou o despachante.

Os sessenta minutos, passaram-se rapidamente. Tomou um cafézinho pequeno, encontrou pessoas amigas, riu quando um homem aparentando ter vindo do interior, perguntou no balcão de uma empresa, se "não era bom comprar alguma coisa para comer no

avião", e já estava esquecida do tempo, quando o alto-falante anunciou:

— Senhores passageiros para São Paulo e Porto Alegre, queiram apresentar as suas despedidas e comparecer para o embarque pelo portão "A". Boa viagem!

Sempre gostara de viajar no último assento de bordo e assim deixou que todos lhe tomassem a frente da fila. Um a um foram subindo os passageiros, até que chegou a sua vez. Respondeu ao cumprimento do comissário, encontrou vago o seu assento preferido como se o tivesse reservado, obedeceu aos avisos de "não fumar e atar cintos", durante a decolagem, e até que se apagasse a luz de leitura, olhou curiosa a cidade a se distanciar, perdida lá em baixo, reclinou a poltrona e fechou os olhos. E uma vez mais, falou para si para si, agora para exclamar aliviada: — Finalmente a bordo. Minha viagem começa agora!

Enganava-se entretanto, a nossa bela passageira. A sua viagem na realidade, já havia começado 24 horas antes. O viajante que prefere os caminhos do céu, desconhece, geralmente, o que acontece antes e durante o vôo de toda aeronave. Para muitos, uma viagem é boa ou má, dependendo de como é recebido no balcão da companhia ou do número de vezes que é servido com guloseimas ou ainda, da qualidade do lanche de bordo. Lógico que isso também tem a sua importância. Quem não gosta de sentir-se entre as nuvens, com o conforto de um hotel de luxo? Mas existem outros cuidados que são tomados pela companhia de sua preferência pela Diretoria de Rotas Aéreas (Ministério da Aeronáutica), que ela, e você também, desconhecem muitas vezes. Vamos tomar por exemplo, este avião em que viajou este brôto bonito. Na véspera, ele estava em Aracaju, no longínquo Estado de Sergipe. Chegou pela tardinha e logo uma equipe de mecânicos, especialmente de junta médica de ferramentas, se acercou dele. Tudo foi examinado. Não ficou peça ou instrumento, que não tenha sido "chequeado" por mãos e olhos experientes. Sem que isso queira dizer que tenha chegado com alguma "pane" séria, ou um engulfo qualquer. Absolutamente. Simples trabalho de rotina. Feito exatamente, para que a segurança seja perfeita. Enquanto a manutenção trabalha, o serviço de meteorologia também está atento. Previsões e boletins de tempo são transmitidos e recebidos de toda a parte. Para que nenhuma aeronave decole em direção a uma cidade cujas condições atmosféricas não sejam magníficas ou pelo menos aceitáveis, dentro do índice de segurança exigido.

A tripulação, também, merece igual cuidado. Os seus membros dormiram bastante, na véspera, para se apresentarem descansados e em perfeitas condições físicas. Nada de álcool dos dias que antecedem as viagens. Estes, os cuidados tomados pela companhia particular.

Enquanto isso acontece, uma outra enorme equipe trabalha igualmente para que ela ou você, tenha, na realidade, a "boa viagem" que lhes desejaram pelo alto-falante do aeroporto. Desta vez uma equipe de militares que operam em um setor que eles denominam de "Diretoria de Rotas Aéreas". Espécie de Inspetoria de Veículos dos ares, que tem muita coisa parecida com a nossa da terra. São eles que estabelecem as "mão" e "contra-mão" do espaço (altitudes ímpares, para rota norte, e pares, para a rota sul), que autorizam os pousos e decolagens através das "Torres de Contrôlo", que exigem de cada comandante o "plano de vôo" (informando a altitude que vai voar e que poderá ser modificada se houver outra aeronave nas mesmas condições), que multa os pilotos que infringem os regulamentos do "Código do Ar" (este ano já foram feitas 1500 investigações), que mantêm estações de radiotelegrafia e radiofonia funcionando as 24 horas de cada dia (transmitindo ordens, boletins de tempo, previsões, controlando todas as aeronaves em vôo, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, civis ou militares). Tudo isso para zelar pela segurança dos passageiros aéreos. Que mantêm ainda, 93 estações de "rádio-farol" (indispensável ao vôo por instrumentos ou mesmo visual, para perfeito contrôlo da rota) que juntamente com as particulares, nos garantem uma rede de mais de 300 unidades destes transmissores indispensáveis a moderna navegação aérea. Que realizam pesquisas meteorológicas com os "rádio-sonda". Que mantêm vigilante o SAR (denominação internacional do Serviço de Busca e Salvamento), que fica em alerta quando uma aeronave deixa de comunicar os "fixos" (posições que devem ser informadas pelo rádio, a medida que o avião atinge os pontos previamente estabelecidos, nas cartas de vôo) no prazo máximo de meia hora. São esses homens da "Diretoria de Rotas Aéreas" (por todas as suas Divisões), que juntamente com o pessoal da sua companhia preferida, ficam de olhos abertos, de ouvidos bem atentos, nos fones dos aparelhos de rádio-telegrafia, vigiando de terra, o bem estar do pessoal que está a bordo. São eles, que fazem com que todos aqueles que buscam os caminhos do céu, tenham de fato, uma BOA VIAGEM!

O SAR possui fichário com indicações de todas as aeronaves em tráfego no Brasil. Em caso de emergência, agem com eficiência.



Os "Constellations" da classe Intercontinental possuem até leitos a bordo. O polegar para cima, é uma afirmativa de que tudo está OK.



A SEMANA TAMBÉM DEU

O MUNDO COBRIU-SE DE LUTO COM A MORTE DO PAPA Tanto em Roma como em Paris, Nova Iorque, Madrid ou Rio de Janeiro — renderam os católicos as devidas homenagens ao grande e Santo Pio XII, falecido na madrugada do dia 9. No Brasil, especialmente — país tradicionalmente católico — essa morte repercutiu fundamente. Foi decretado luto oficial. A imprensa, o rádio e a televisão se ocuparam, amplamente, da triste notícia. Os jornais a ela reservaram suas primeiras páginas também as principais revistas lhe dedicaram números especiais. As igrejas do Rio de Janeiro se cobriram de luto, com bandeiras de crepe em suas imponentes fachadas, grandes faixas pretas a tombarem de suas torres. E durante três dias os sinos dobraram, melancolicamente.

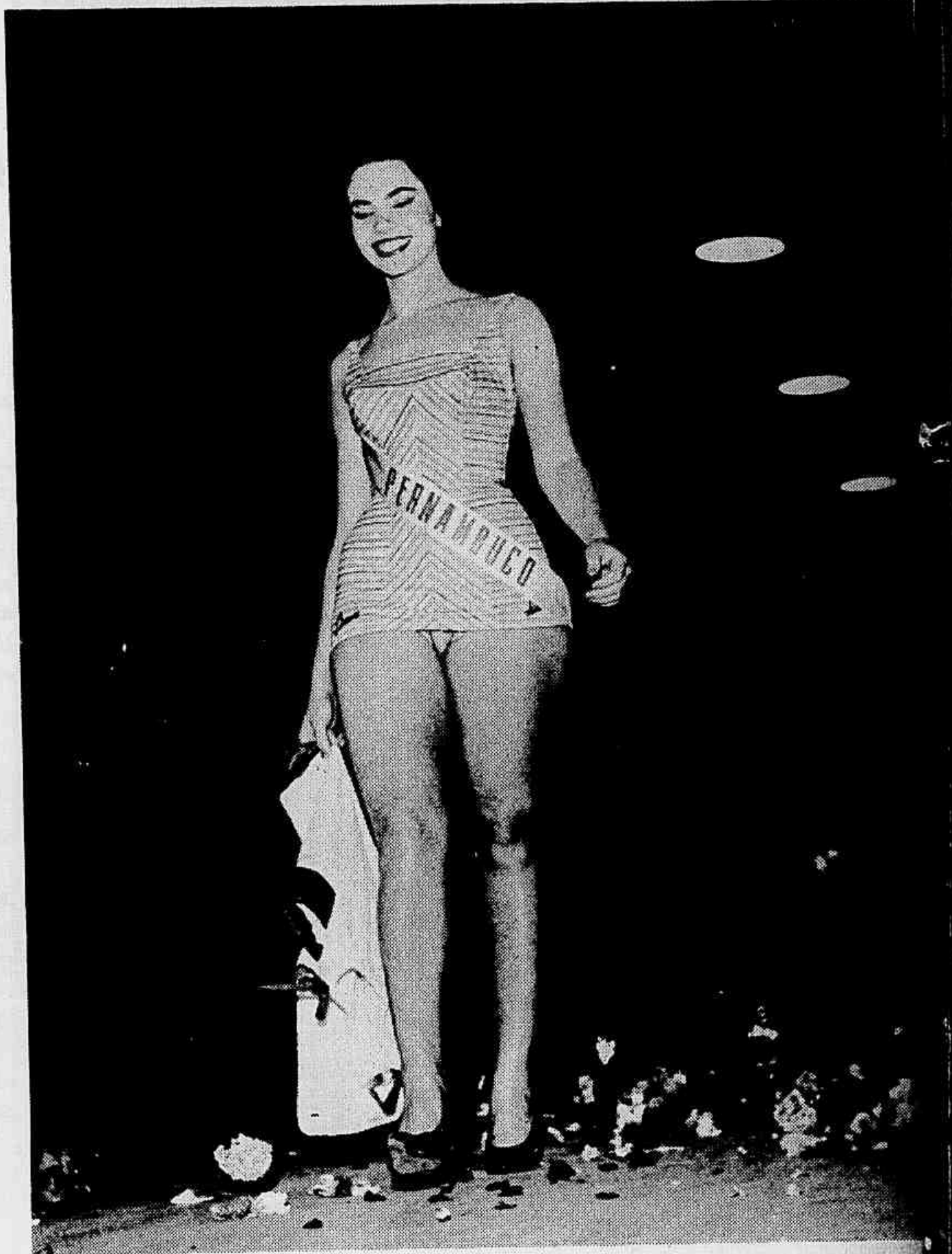
REELEITO O SR. LÍDIO LUNARDI — Pela unanimidade dos sufrágios das federações estaduais, acaba de ser reeleito para a presidência da Confederação Nacional da Indústria o sr. Lídio Lunardi, que há dois anos dirige os destinos da C.N.I. e do SESI. Administrador sereno e esclarecido, Lídio Lunardi conquistou destacada posição nos meios industriais do país e do estrangeiro. É um líder autêntico. Foi justa e lógica a sua recondução ao elevado posto. A fotografia mostra o sr. Lídio Lunardi, acompanhado de seus pares, em visita ao Presidente da República, logo após a eleição. REVISTA DA SEMANA cumprimenta o ilustre industrial, votando-lhe êxito sempre crescente na direção da CNI e do CESI



DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS

BELEZA PERNAMBUCANA NÃO CONVENCEU INGLÊSES — O Brasil não foi feliz na sua primeira apresentação na passarela londrina do concurso em que foi escolhida a Miss Mundo 1958. Sônia Maria Campos, morena de Pernambuco, também conhecida como "Miss Brasil N.º 2", não conseguiu certamente fazer vibrar os corações dos frios e implacáveis juizes ingleses. Apesar das esperanças dos recifenses, a verdade manda que se diga que pouca gente acreditava no sucesso de Soninha. Tanto assim que nenhuma revista ou jornal, enviou qualquer repórter a Londres com esta exclusiva finalidade, a exemplo do que é feito com relação ao certame de Miss Universo. Miss Mundo 1958, foi uma belesoca da África do Sul.

KUBITSCHKE E BARROS MARTINS: ORDEM DO MÉRITO PARA EDITOR — Por serviços prestados à cultura brasileira, foi o editor paulista Barros Martins condecorado, na quarta-feira, dia 8, pelo presidente Kubitschek, numa solenidade realizada às 10,30 no Palácio do Catete, e que contou com a presença de grande número de amigos do homenageado, escritores, editores e livreiros do Distrito Federal. A tarde, foi oferecida ao editor de Jorge Amado, Marques Rebelo, Dalcídio Jurandir e tantos outros grandes romancistas nacionais, uma bela festa regada a uísque na Livraria São José, de Carlos Ribeiro. Falou, na ocasião, além do homenageado, Carlos Ribeiro, Jaime Adour da Câmara e a cronista Eneida.



JOEL FOI AS PESETAS — Embora perseguido por ofertas ainda mais tentadoras do River Plate argentino, Joel, o menino de ouro do Flamengo solicheano, arrumou suas malas para a Espanha mesmo. Vai amontoar as ricas pesetas do Valência, onde atuará ao lado de um brasileiro (Válter) e um ex (Machado, que naturalizou-se espanhol semana passada).

MARILYN VOLTOU — Numa "rentrée" espetacular, Marilyn Monroe volta aos estúdios de Hollywood, para filmar "Alguns gostam-no quente". E já voltou reestourando a praça de invenção de decotes: apareceu com um vestido sensacional, transparente na frente e aberto atrás. E com um coração desenhado na perninha.

TUNISIA ROMPEU COM RAU — Acusando Egito e Síria de conspirarem contra o seu governo, o Presidente Bourguiba, da Tunísia, rompeu relações do seu país com a República Árabe Unida. Disse Bourguiba: "a RAU é um instrumento da Rússia, e a Tunísia não é de ninguém — nem de russos nem de americanos".

O "21" TAMBÉM ACABOU — Prossegue o escândalo dos programas de perguntas e resposta na televisão internacional. Seguindo a desdita do "Lascia o radoppia" italiano, o programa "21" da NBC americana foi diagnosticado como "de combinação prévia" entre candidatos e TVs. O "Lascia" continuou suas apresentações apesar de publicamente denunciado. O "21" não teve a mesma sorte. Soçobrou direto.





A semana também deixou estas lembranças

A RAPOSA E AS UVAS — O mundo social do Rio de Janeiro compareceu ao Teatro Copacabana, no dia 14 último, com o que possui de mais representativo, para assistir "A raposa e as uvas", em sessão especial de caráter beneficente, em favor da Associação Brasileira de Recuperação. O autor da peça, Guilherme Figueiredo, também esteve presente à apresentação de gala, fazendo

a doação de alguns livros da peça encenada para serem leiloados (leilão americano) pelo conhecido médico e ator, Silveira Sampão, também em benefício da mesma Associação.

"A Raposa e as Uvas" está agora sendo apresentada pela Companhia Sérgio Cardoso-Nidia Lícia, conseguindo atrair um bom público ao teatro que funciona no edifício do Copacabana-Palace.

SURURU DE FIM DE ELEIÇÃO — Encerradas as apurações, o vereador Wilson Leite Passos caiu na pele do presidente da UDN carioca, João Stavola, acusando-o de fraude eleitoral. Segundo Wilson Leite, o sr. João Stavola substituiu os votos de vários candidatos da UDN (entre os quais o acusador se inclui) pelos seus próprios, através de fiscais e escrutinadores especialmente contratados para este fim. Stavola já respondeu às acusações, solicitando dos juizes das juntas incriminadas (52.^a e 55.^a) depoimentos que o inocentarão.

LOTT VIAJOU MAS NÃO ABANDONOU — Mal o General Lott embarcou para Roma com a incumbência de representar o Brasil nas exéquias de Pio XII, circularam rumores de que, antes de partir, o Ministro pedira sua transferência para a reserva. Os jornais publicaram a notícia em manchete — como era natural. O boato, entretanto, não durou 24 horas: Odylo Denys, Armando Falcão e Levy Cardoso surgiram com desmentidos categóricos. A espada de ouro continua na ativa.

PROBLEMAS DO FUTURO PAPA — Afirmando que o futuro Papa deverá ser pastoral (concentrado em assuntos internos da Igreja) o Vaticano previu para o próximo Pontificado três graves problemas: 1) A escassez de sacerdotes no Mundo (da qual só Espanha e Irlanda escapam); 2) Adaptação da máquina eclesiástica às transformações da vida moderna; 3) Necessidade de intensificar a instrução católica em territórios vastos, como os da África.

CELENEH VAI SER DOUTORA — Depois de estrear "E o espetáculo continua", essa beleza de Celeneh Costa decidiu parar com cinema, teatro e televisão. Tal resolução, que desolou toda

a população masculina do Brasil, deve-se ao propósito firme da moça em fazer vestibular para Medicina. E ser, fácil, fácil, doutora mais bonita do hemisfério.

"SEU TALÃO VALE UM MILHÃO" — Visando impedir a sonegação de impostos no setor do comércio, a Prefeitura criou uma loteria especial. A partir deste mês, todas as pessoas que fizerem compras superiores a cinquenta cruzeiros, terão o direito de exigir da casa comercial uma nota de venda. Uma vez acumuladas estas notas até perfazerem um total de cinco mil cruzeiros, o comprador poderá trocá-las por um coupon, que irá concorrer a prêmios até a casa do milhão. O comércio aplaudiu a iniciativa. E a escriturinha doméstica vai engordar sua papelada.

MAESTRO CONTRA BUENOS AIRES — Depois de uma série de concertos na capital argentina, regressou a Londres o famoso maestro Sir Thomas Beecham. Ao desembarcar fez declarações à imprensa dizendo cobras e lagartos de Buenos Aires, chamando-a de "cidade sem ar e habitada por aborígenes semi-ocultos". A América do Sul dispensa sua contra-propaganda, Sir Thomas. Conte sua história direitinho, porque em tal furor anti-argentino há, na certa, dente de coelho.

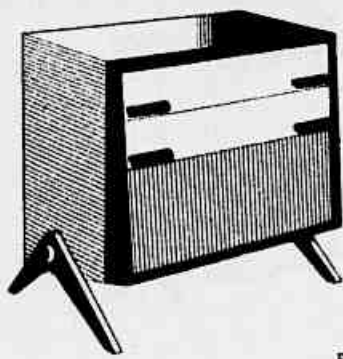
DE ALEIJADO A CAPENGA — Depois de algumas semanas de reparo no estaleiro voltou ao cartaz o show do Copacabana-Palace, "Tourbillon", do bem intencionado Zilco Ribeiro. O espetáculo, que de tão ruim chegou a ser vaiado na malograda estréia, retornou com um remendozinho aqui, outro ali, sem absolutamente mostrar suas anunciadas bondades. O jeito é fazer uma terceira edição, porque como está não pode ainda ficar.

cinco RAZÕES convincentes...



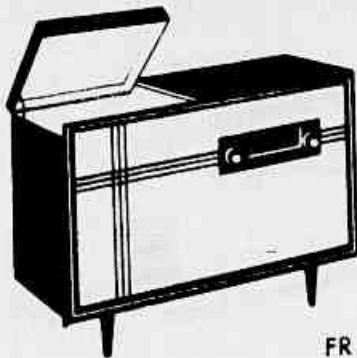
São cinco, entre inúmeras outras, as razões da superioridade PHILIPS. Comprove-as, uma por uma, ouvindo e vendo os novos modelos

PHILIPS NOVOSONIC 59!



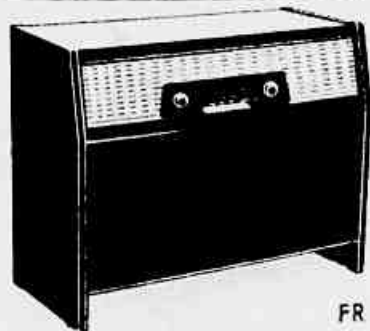
FR 574-A

Estilo funcional, ideal para ambientes modernos. Automático de 3 velocidades. Fonocaptor "pêso pluma" c/ 2 agulhas de safira. 3 faixas. 5 válvulas c/ função de 7.



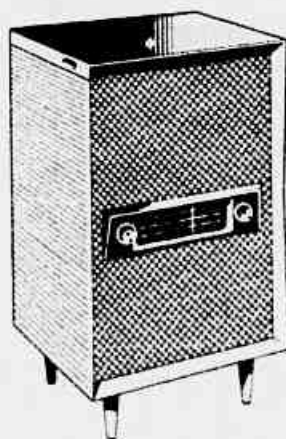
FR 577-A

Sistema Bi-Ampli, classe popular. Bonito móvel ricamente ornamentado, de imbuia ou pau marfim. Filtro separador de agudos e graves. Automático de 3 velocidades c/ fonocaptor "pêso-pluma". Rádio de 3 faixas.



FR 676-A

Sistema Bi-Ampli, Série diamante. Automático de 3 velocidades. 2 fonocaptos "pêso-pluma" c/ agulha de diamante. Filtro separador de graves e agudos. Hi-Lo-Tone Contrôl. Rádio c/ 4 faixas. Chave de ondas em forma de teclado. Bonito móvel em imbuia ou marfim, de alto valor artístico.



FR 578-A

Radiofone de classe popular, em móvel de linhas modernas, de imbuia ou marfim, ideal para apartamento. Automático de 8 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma", equipado com duas agulhas de safira. Rádio de 3 faixas.

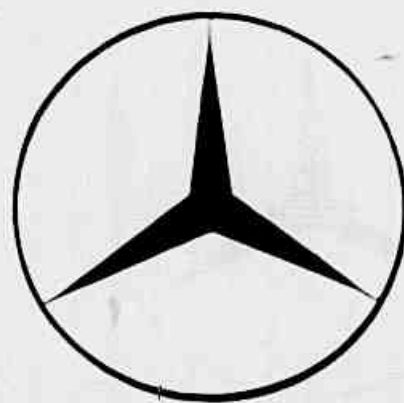
- 1a.) Os radiofones Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar **excepcional qualidade de reprodução sonora**, a melhor em cada classe de preços.
- 2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada, para aplicar as mais **avanzadas técnicas** aos radiofones.
- 3a.) A **durabilidade** dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".
- 4a.) Philips oferece uma "**rádio-arquitetura**" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.
- 5a.) A incomparável organização de **Serviço Philips**, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu radiofone lhe dará permanentemente, onde quer que V. S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, **ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES**. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59

MERCEDES-BENZ

apresenta:



A SOLUÇÃO NACIONAL PARA O TRANSPORTE PESADO!



Cavalo Mecânico LPS-331 Diesel -31 TONELADAS

(peso total admissível com reboque de 2 eixos)

"Para estradas brasileiras, caminhões brasileiros" - um dos pontos de vital importância do programa de ação do Governo do Brasil vem sendo cumprido pela MERCEDES-BENZ que se sente honrada em ser a pioneira. Apresentamos agora o "Cavalo-Mecânico" LPS-331 Diesel, dotado de todas as exigências que o consagram como a verdadeira solução nacional para o transporte pesado.



**MOTOR DIESEL
COM CABECOTES
INDIVIDUAIS!**



**EIXO-TRAZEIRO
EXTRAORDINARIAMENTE
RESISTENTE!**



**CABINE FUNCIONAL
COM ASSENTOS
RECLINÁVEIS!**

3 TIPOS:

LPS-331 - Cavalo-Mecânico
LPK-331 - Basculante
LP-331 - Caminhão

Solicite do seu Concessionário
MERCEDES-BENZ
maiores detalhes e
especificações técnicas.



MERCEDES-BENZ

DO BRASIL S.A.

São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo